

EDUCAÇÃO, LIBRAS E INCLUSÃO

CONTRIBUIÇÕES A PARTIR DO PARFOR EQUIDADE

Tulio Adriano Marques Alves Gontijo
Antonio Henrique Coutelo de Moraes
Matheus Lucas de Almeida
(Organizadores)

EDUCAÇÃO, LIBRAS E INCLUSÃO

CONTRIBUIÇÕES A PARTIR DO PARFOR EQUIDADE

Tulio Adriano Marques Alves Gontijo
Antonio Henrique Coutelo de Moraes
Matheus Lucas de Almeida
(Organizadores)



E74

Escola, Libras e Inclusão: Contribuições a partir do PARFOR Equidade [recurso eletrônico] / Organizadores: Tulio Adriano Marques Alves Gontijo, Antonio Henrique Coutelo de Moraes, Matheus Lucas de Almeida. - - Cuiabá-MT: Guará Editora, 2026.

ISBN 978-65-84310-14-8

1. Educação especial. 2. Educação inclusiva. 3. Libras. 4. PARFOR. I. Gontijo, Tulio Adriano Marques Alves. II. Moraes, Antonio Henrique Coutelo de. III. Almeida, Matheus Lucas de.

CDU 37

Ficha catalográfica elaborada por Douglas Rios (Bibliotecário – CRB1/1610)

Todos os direitos desta edição pertencem exclusivamente à Guará Editora e aos Organizadores.

É proibida a reprodução, no todo ou em parte, em qualquer tipo de mídia,
sem autorização prévia por escrito da Editora.

Qualquer violação estará sujeita às sanções previstas em lei.

A Editora não se responsabiliza pelas opiniões expressas nesta obra.

Copyright © do texto 2025: dos Autores
Copyright © da edição 2025: Guará Editora
Coordenação Editorial: Guará Editora
Revisão: Dr. Antonio Henrique Coutelo de Moraes

Conselho Editorial

Dr. Jackson Antônio Lamounier Camargos Resende (UFMT)
Dr. Leandro Dênis Battirola (UFMT)
Dra. Taciana Mirna Sambrano (UFMT/IFMT)
Dra. Alexcina Oliveira Cirne (Unicap)
Dra. Jussivania de Carvalho Vieira Batista Pereira (UFMT/Seduc MT)
Dra. Mairy Aparecida Pereira Soares Ribeiro (UniGoiás/ Seduc GO)
Dr. Jonatan Costa Gomes (ICEC)
Dra. Érica do Socorro Barbosa Reis (UFPA)
Dra. Solange Maria de Barros (UFMT)
Dra. Sônia Marta de Oliveira (PUC Minas/ SGO-PBH)
Dra. Rosaline Rocha Lunardi (UFMT)
Dr. Fábio Henrique Baia (UniRV)
Dra. Hélia Vannucchi de Almeida Santos (UFMT)
Ma. Jessica da Graça Bastos Borges (UFMT)
Dra. Izabelly Correia dos Santos Brayner (UPE)
Ms. Douglas de Farias Rios (UNIVAG)
Dr. Lucas Eduardo Marques-Santos (UFCAT)
Dra. Caroline Pereira de Oliveira (UFMT)



GUARÁ EDITORA

www.guaraeditora.com.br/
contato@guaraeditora.com.br
WhatsApp (64) 99604-0121

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	7
--------------	---

O USO DO ALFABETO EM LIBRAS PARA O RECONHECIMENTO DO NOME PRÓPRIO NOS ANOS INICIAIS: RELATO DE EXPERIÊNCIA EM UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA INCLUSIVA	10
--	----

*Ana Paula Camargo
Maria Margarida Barbosa de Sá Santos
Maria Raquel Gomes da Silva*

COMUNICAÇÃO EM LIBRAS E INCLUSÃO ESCOLAR: RELATO DE INTERVENÇÃO EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE RONDONÓPOLIS	26
---	----

*Giza Soares De Oliveira Costa
Carla Regina Cardoso
Lhays Ingryd Soares Leite*

LIBRAS COMO INSTRUMENTO DE INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NA EMEF BONIFÁCIO SACHETTI	45
--	----

*Eunice Cardoso Lauriano Ferreira
Maria Célia dos Santos Rodrigues*

NEM SÓ DE PALAVRAS VIVE A ESCOLA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA COM LIBRAS	57
---	----

*Cassiane Medianeira Viera
Wedna Mineira de Souza*

PROJETO DE INTERVENÇÃO: SINAL EM LIBRAS - INCLUSÃO E COMUNICAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL	71
---	----

*Ana Paula Ribeiro Messias
Claucione Soares Telles
Marcilene Regina da C. S. Mendonça*

**O OLHAR SENSÍVEL NA EDUCAÇÃO INFANTIL: RELATO DE UMA OFICINA DE INTRODUÇÃO À LIBRAS
COM DOCENTES EM HORA DE TRABALHO PEDAGÓGICO COLETIVO (HTPC)_____85**

*Júlia Alessandra Machado de Castro
Maria Juciete Pereira de Sousa
Ana Paula Werle*

ENSINANDO O ALFABETO EM LIBRAS AOS PEQUENOS: RELATO DE EXPERIÊNCIA_____100

*Roselene Viana Ferreira
Rubia Carla da Conceição*

**LIBRAS INTRODUTÓRIA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL EM UMA ABORDAGEM
COMUNICATIVA_____113**

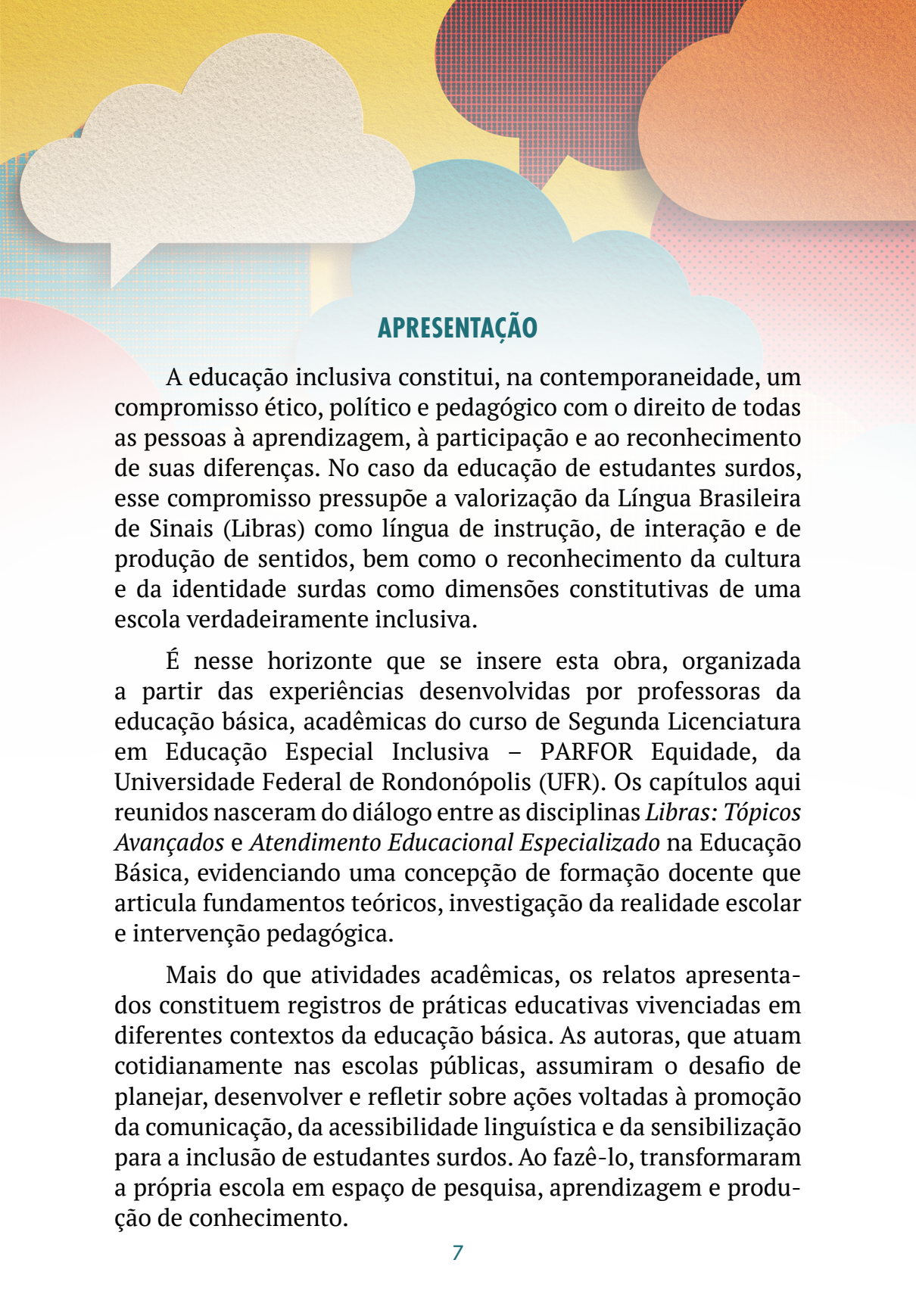
*Nathália Marques da Conceição
Weslânia Bruno da Silva*

**CORES, LIBRAS E INCLUSÃO: RELATO DE EXPERIÊNCIA NO ATENDIMENTO EDUCACIONAL
ESPECIALIZADO BILÍNGUE_____129**

*Maria Dora Moraes Santos
Neide Rossi
Sandra Maria Cardozo da Silva*

**CUMPRIMENTOS E APRESENTAÇÕES EM LIBRAS - UMA EXPERIÊNCIA INCLUSIVA NO CONTEXTO
ESCOLAR_____143**

*Edinéia Ribeiro de Almeida Amâncio
Neide Maria Campos
Rosimara Januário Godoy*



APRESENTAÇÃO

A educação inclusiva constitui, na contemporaneidade, um compromisso ético, político e pedagógico com o direito de todas as pessoas à aprendizagem, à participação e ao reconhecimento de suas diferenças. No caso da educação de estudantes surdos, esse compromisso pressupõe a valorização da Língua Brasileira de Sinais (Libras) como língua de instrução, de interação e de produção de sentidos, bem como o reconhecimento da cultura e da identidade surdas como dimensões constitutivas de uma escola verdadeiramente inclusiva.

É nesse horizonte que se insere esta obra, organizada a partir das experiências desenvolvidas por professoras da educação básica, acadêmicas do curso de Segunda Licenciatura em Educação Especial Inclusiva – PARFOR Equidade, da Universidade Federal de Rondonópolis (UFR). Os capítulos aqui reunidos nasceram do diálogo entre as disciplinas *Libras: Tópicos Avançados* e *Atendimento Educacional Especializado* na Educação Básica, evidenciando uma concepção de formação docente que articula fundamentos teóricos, investigação da realidade escolar e intervenção pedagógica.

Mais do que atividades acadêmicas, os relatos apresentados constituem registros de práticas educativas vivenciadas em diferentes contextos da educação básica. As autoras, que atuam cotidianamente nas escolas públicas, assumiram o desafio de planejar, desenvolver e refletir sobre ações voltadas à promoção da comunicação, da acessibilidade linguística e da sensibilização para a inclusão de estudantes surdos. Ao fazê-lo, transformaram a própria escola em espaço de pesquisa, aprendizagem e produção de conhecimento.

Os textos percorrem diferentes etapas e modalidades da educação básica, revelando a amplitude das possibilidades de inserção da Libras no cotidiano escolar. São apresentados relatos sobre o uso do alfabeto manual para o reconhecimento do nome próprio nos anos iniciais; intervenções voltadas à comunicação em Libras e à inclusão escolar; experiências no Atendimento Educacional Especializado bilíngue; oficinas sobre cumprimentos, apresentações e cores em Libras; práticas desenvolvidas na Educação Infantil, nos anos iniciais do Ensino Fundamental e na Educação de Jovens e Adultos; além de ações formativas destinadas a professores durante momentos de Hora de Trabalho Pedagógico Coletivo (HTPC).

Embora cada capítulo possua objetivos, metodologias e públicos distintos, todos convergem para uma compreensão comum: a inclusão não se limita à matrícula do estudante surdo na escola regular, mas exige a construção de ambientes comunicativamente acessíveis, culturalmente sensíveis e pedagogicamente comprometidos com a diversidade. Nesse sentido, a Libras deixa de ser apresentada apenas como um conteúdo curricular e passa a constituir-se como possibilidade concreta de encontro entre sujeitos, de ampliação das formas de comunicação e de fortalecimento das relações humanas no espaço escolar.

Outro aspecto que confere singularidade a esta coletânea é o protagonismo das autoras. São professoras em exercício que, ao retornarem à universidade por meio do PARFOR Equidade, reafirmam a formação continuada como um processo permanente de reflexão crítica sobre a prática. Seus relatos demonstram que a produção de conhecimento também emerge do cotidiano escolar, das experiências construídas com os estudantes, das inquietações docentes e do compromisso em transformar a realidade educacional.

Assim, esta obra representa não apenas o resultado de um percurso formativo, mas também um convite para que educadores, gestores, pesquisadores e estudantes reconheçam a potência

das pequenas intervenções pedagógicas na construção de escolas mais inclusivas. Cada oficina, cada atividade e cada experiência aqui narrada revela que ensinar Libras é, sobretudo, ampliar possibilidades de diálogo, romper barreiras comunicacionais e promover o reconhecimento da diferença como valor constitutivo da educação.

Esperamos que os relatos reunidos neste livro inspirem novas práticas, fortaleçam a formação de professores e contribuam para a consolidação de uma educação comprometida com a justiça social, a acessibilidade e o direito de todos à comunicação, à aprendizagem e ao pertencimento.

Antonio Henrique Coutelo de Moraes

Tulio Adriano Marques Alves Gontijo

Matheus Lucas de Almeida

1

O USO DO ALFABETO EM LIBRAS PARA O RECONHECIMENTO DO NOME PRÓPRIO NOS ANOS INICIAIS:

RELATO DE EXPERIÊNCIA EM UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA INCLUSIVA

Ana Paula Camargo¹

Maria Margarida Barbosa de Sá Santos²

Maria Raquel Gomes da Silva³

INTRODUÇÃO

Este trabalho se constitui como atividade avaliativa da disciplina *Libras: Tópicos Avançados*, ofertada no curso de segunda licenciatura em Educação Especial e Inclusiva da Universidade Federal de Rondonópolis.

O contexto educacional contemporâneo tem evidenciado a necessidade de discussões voltadas à inclusão social e ao respeito às diferenças, especialmente no ambiente escolar. Nesse sentido, torna-se importante refletir sobre práticas pedagógicas que favoreçam a valorização da diversidade linguística e cultural, dentre elas a inserção da Língua Brasileira de Sinais (Libras) no cotidiano escolar.

1 Acadêmica do curso de Segunda Licenciatura em Educação Especial e Inclusiva da Universidade Federal de Rondonópolis, graduada em Pedagogia pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci, E-mail: anacamargo.net@gmail.com

2 Acadêmica do curso de Segunda Licenciatura em Educação Especial e Inclusiva da Universidade Federal de Rondonópolis, graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Mato Grosso, E-mail: margaridabsantos@hotmail.com

3 Acadêmica do curso de Segunda Licenciatura em Educação Especial e Inclusiva da Universidade Federal de Rondonópolis, graduada em Artes Visuais pela Universidade Federal de Goiás, E-mail: rachelrosania@gmail.com

A Libras é reconhecida como a língua oficial da comunidade surda brasileira, conforme estabelecido pela Lei nº 10.436/2002. Para além desse marco legal de reconhecimento, ampliam-se as discussões acerca de sua constituição linguística, cultural e social, evidenciando sua relevância para a identidade e a comunicação da comunidade surda.

Nesse contexto, Gesser (2009) discute os mitos e as verdades relacionados à Libras, destacando que, no senso comum, ainda persistem concepções equivocadas e terminologias inadequadas acerca dessa língua. Em contraposição a essas percepções, a autora evidencia as características que conferem legitimidade linguística à Libras, enfatizando que se trata de uma língua de modalidade viso espacial, utilizada pelas pessoas surdas como principal meio de comunicação, expressão e interação social.

Seu reconhecimento representou um importante avanço para a inclusão das pessoas surdas na sociedade. Entretanto, ainda existem muitas barreiras comunicacionais, uma vez que o conhecimento da Libras não deve restringir-se apenas às pessoas surdas, mas também ser ampliado para a sociedade em geral.

Nessa perspectiva, compreendemos que a escola possui papel fundamental na promoção de práticas inclusivas e no desenvolvimento de atitudes de respeito às diferenças. Assim, proporcionar às crianças o contato inicial com a Libras desde os anos iniciais contribui para ampliar as possibilidades de comunicação, fortalecer a inclusão social e despertar o interesse e empatia voltados à cultura surda.

A escolha da turma do 2º ano do Ensino Fundamental ocorreu pelo fato de uma das acadêmicas atuar como professora da turma, o que facilitou a realização da oficina e a aproximação com os estudantes. Além disso, consideramos importante oportunizar às crianças experiências voltadas à inclusão e ao contato com a Libras ainda no processo de alfabetização.

Optamos por trabalhar com o tema alfabeto em Libras, por se tratar de um conteúdo introdutório e acessível às crianças, possibilitando o reconhecimento das letras e a escrita do próprio nome por meio da datilologia. Acreditamos que atividades como essa favorecem não apenas a aprendizagem inicial da Libras, mas também a valorização da diversidade e o fortalecimento de práticas inclusivas no ambiente escolar.

A proposta da oficina teve como objetivo oportunizar aos estudantes o reconhecimento do alfabeto manual em Libras, promovendo o contato inicial com a língua por meio de estratégias lúdicas e participativas.

METODOLOGIA

O presente texto se caracteriza como um relato de experiência, desenvolvido a partir de uma oficina prática realizada como atividade avaliativa da disciplina *Libras: Tópicos Avançados*. A experiência foi desenvolvida em uma perspectiva qualitativa, sendo esta uma abordagem que visa compreender aspectos da realidade que não podem ser reduzidos à quantificação, enfatizando a interpretação das experiências vividas e das dinâmicas presentes nas relações sociais, conforme discutem Silveira e Córdova (2009). Partindo desse pressuposto metodológico que se deu a construção deste relato de experiência, no qual discutiremos os passos que trilhamos desde os estudos teóricos até a parte prática.

Inicialmente, durante a disciplina, foram realizadas aulas teóricas de forma síncrona e presencial, nas quais foram estudados conteúdos relacionados à contextualização histórica e cultural das línguas de sinais e da Libras; legitimação da Libras enquanto língua oficial da comunidade surda brasileira; mitos sobre a Libras; cultura e identidade surdas; povo e comunidade surda; alfabeto manual; números; cumprimentos; calendário; adjetivos e cores.

Além dos estudos teóricos durante as aulas, vivenciamos diversos momentos com atividades práticas que possibilitaram a aplicação dos conteúdos de Libras estudados ao longo da disciplina. Essas experiências constituíram importantes oportunidades de aprendizagem, contribuindo significativamente para o enriquecimento de nossa prática de maneira didática, dinâmica e produtiva.

No dia 31 de março de 2026, ocorreu a aula presencial, conforme pode ser observado na Figura 1. Nesse encontro, foram realizadas orientações relacionadas ao planejamento e à execução da oficina, bem como discussões acerca das possibilidades de utilização de recursos pedagógicos que poderiam contribuir para o desenvolvimento das atividades propostas. Esse foi um momento importante para o esclarecimento de dúvidas, orientações sobre o formato da atividade de extensão, apresentação de outros relatos de experiência já publicados e, também, discussão de possíveis estratégias didáticas voltadas à mediação pedagógica durante a realização da oficina.

Figura 1. Registro da aula presencial



Fonte: Acervo das autoras.

Posteriormente, foi encaminhada uma carta de apresentação à escola, solicitando autorização para realização da oficina. Após a autorização da gestão escolar, iniciamos a organização dos materiais e recursos pedagógicos utilizados na atividade, dentre eles: vídeo com o alfabeto manual em Libras, alfabeto impresso, bingo em Libras e plano de aula. A oficina foi realizada no dia 17 de abril de 2026, no período vespertino, tendo início às 14 horas. Participaram da atividade aproximadamente 20 crianças do 2º ano do Ensino Fundamental, além das acadêmicas responsáveis pela oficina e da monitora de um estudante

RESULTADOS

A oficina foi realizada na Escola Municipal de Educação Básica Vereador Rozendo Ferreira de Souza, com duração aproximada de duas horas, contando com a participação das professoras Ana Paula Vieira Camargo, Maria Margarida Barbosa de Sá Santos e Maria Raquel Gomes da Silva.

Inicialmente, os estudantes foram organizados em roda para uma conversa sobre as diferentes formas de comunicação existentes no cotidiano. Nesse momento, buscamos identificar os conhecimentos prévios das crianças sobre a Libras e sobre as formas de comunicação utilizadas pelas pessoas surdas.

Em seguida, foi apresentado um vídeo contendo o alfabeto manual em Libras, conforme apresentado na Figura 2, elaborado anteriormente por uma das integrantes da equipe como forma de introduzir o conteúdo de maneira visual e acessível.

Figura 2. Demonstração do vídeo



Fonte: Acervo próprio.

O momento de exibição do vídeo teve caráter introdutório, sendo utilizado como estratégia inicial para apresentar o alfabeto manual em Libras de forma visual, dinâmica e acessível. Por meio do recurso audiovisual, os estudantes puderam observar os movimentos das mãos correspondentes às letras do alfabeto, favorecendo a atenção, o interesse e a compreensão dos sinais apresentados.

Após assistirem ao vídeo, os estudantes receberam uma folha contendo o alfabeto em Libras, conforme consta na figura 3, para acompanhamento das letras durante a prática coletiva.

Figura 3. Material impresso - datilologia



Fonte: Acervo próprio.

Esse material serviu como apoio visual durante as atividades, auxiliando na identificação dos sinais e na associação entre as letras do alfabeto convencional e sua representação em Libras, contribuindo para uma aprendizagem mais participativa e significativa.

Na sequência, realizamos a prática da datilologia conforme consta na figura 4, trabalhando individualmente as letras do alfabeto e, posteriormente, o nome próprio de cada estudante em Libras. Durante esse momento, as professoras realizaram mediações e acompanhamentos constantes, auxiliando os estudantes na realização correta dos sinais.

Figura 4. Ensino do alfabeto em libras



Fonte: Acervo próprio.

O uso do lúdico também foi um aspecto importante no processo de aprendizagem. Durante a explicação dos sinais, buscamos associar alguns movimentos a elementos conhecidos pelas crianças, facilitando a compreensão e a memorização das letras. Como exemplo, o sinal da letra “J” foi relacionado ao movimento de desenhá-la no ar com o dedo, enquanto a letra “X” foi associada à imagem de um gancho puxando algo. Essas estratégias tornaram a aprendizagem mais leve, divertida e significativa para os estudantes, favorecendo sua participação ativa durante toda a prática.

Posteriormente, foi desenvolvido um bingo do alfabeto em Libras, atividade lúdica conforme a figura 5, utilizada para reforçar a aprendizagem das letras de forma dinâmica e participativa. O interesse e a curiosidade das crianças ficaram evidentes desde o início da atividade.

Figura 5. Bingo em Libras



Fonte: Acervo próprio.

A atividade do jogo de bingo foi utilizada como uma estratégia lúdica para trabalhar a datilologia das letras do alfabeto em Libras de maneira dinâmica e participativa. Cada criança recebeu uma cartela contendo os sinais correspondentes às letras do alfabeto manual e, em seguida, as professoras realizaram o sorteio das letras. À medida que cada letra era anunciada, os estudantes procuravam em suas cartelas o respectivo sinal em Libras, estimulando a associação visual, a atenção e o reconhecimento dos sinais apresentados.

Observamos que o bingo em Libras contribuiu significativamente para a aprendizagem, pois proporcionou uma forma mais lúdica e divertida de observar os sinais e associá-los às letras correspondentes. Durante a atividade, os estudantes demonstraram grande entusiasmo e participação, ficando empolgados sempre que conseguiam completar a cartela e vencer o jogo. Esse momento favoreceu a atenção, a memorização dos sinais e a interação entre os colegas, tornando o processo de aprendizagem mais prazeroso e significativo.

Embora o jogo tivesse uma dinâmica semelhante a de um bingo tradicional, a proposta não enfatizou a competição entre as crianças. O principal objetivo da atividade foi proporcionar

uma experiência significativa, lúdica e inclusiva, permitindo que todos os estudantes participassem de forma prazerosa do processo de aprendizagem. Além de favorecer o contato com a Libras, a atividade também contribuiu para a interação social, e o desenvolvimento da aprendizagem por meio do brincar.

Durante a realização das atividades, muitos estudantes relataram que já conheciam o alfabeto em Libras presente no caderno escolar, porém nunca haviam realizado os sinais na prática. Ao terem o acompanhamento das professoras para auxiliá-los individualmente durante a execução dos movimentos, os estudantes demonstraram interesse, curiosidade e envolvimento com as propostas. A possibilidade de praticar os sinais despertou nas crianças o desejo de aprender e tentar reproduzir corretamente cada letra do alfabeto manual.

Assim, dialogamos com as crianças acerca da importância da Libras, explicamos aos estudantes que existem pessoas que não escutam e que a Libras é a língua utilizada pela comunidade surda para se comunicar. Nesse momento, uma das estudantes compartilhou que sua avó era surda e que costumava se comunicar por meio de “gestos”. A partir desse relato, explicamos para a turma que aqueles “gestos” possuíam significado, organização e faziam parte de uma língua reconhecida oficialmente no Brasil. Esse diálogo tornou a atividade ainda mais significativa, pois aproximou o conteúdo da realidade vivenciada pelos estudantes, promovendo reflexões sobre inclusão, respeito e acessibilidade.

A interação entre os estudantes ocorreu de maneira muito positiva e colaborativa. Alguns apresentaram dificuldades iniciais para realizar determinados sinais, principalmente relacionados à coordenação motora e à posição correta das mãos. Entretanto, ao observarem os colegas conseguindo executar os movimentos, sentiram-se motivados a tentar também. Esse momento favoreceu a participação coletiva e a aprendizagem colaborativa, pois as próprias crianças passaram a auxiliar umas às outras durante as tentativas de realização dos sinais.

Os sinais foram apresentados gradativamente, com apoio visual do alfabeto impresso e acompanhamento contínuo das crianças. Mesmo sendo o primeiro contato prático de muitos estudantes com a Libras, foi possível perceber avanços significativos ao longo da atividade. Inicialmente, alguns demonstravam insegurança e dificuldade para memorizar as letras do alfabeto manual. Porém, com as mediações, as repetições e o apoio visual do material impresso, todos conseguiram, ao final da prática, representar pelo menos o próprio primeiro nome em Libras.

A avaliação ocorreu de maneira contínua, por meio da observação da participação, interesse e envolvimento dos estudantes durante o desenvolvimento das atividades propostas.

A atividade também possibilitou reflexões importantes sobre educação inclusiva. Conversamos com os estudantes, utilizando um linguajar simples, acessível e lúdico, sobre como conhecer a Libras pode contribuir para a comunicação e inclusão das pessoas surdas nos diferentes espaços sociais. Explicamos que existem pessoas que “escutam com os olhos e falam com as mãos”, utilizando exemplos próximos da realidade das crianças para facilitar a compreensão. Em alguns momentos, utilizamos frases como: “Assim como nós usamos a boca para conversar, as pessoas surdas usam as mãos para falar”, tornando o diálogo mais significativo e adequado à faixa etária da turma.

Também explicamos que aprender a língua de sinais é uma forma de acolher, respeitar e permitir que pessoas surdas participem das brincadeiras, conversas e momentos vividos na escola e na sociedade. As crianças demonstraram interesse e curiosidade durante essas explicações, participando ativamente das conversas e compartilhando experiências do cotidiano. Dessa forma, a prática contribuiu não apenas para a aprendizagem de novos conhecimentos, mas também para o desenvolvimento de valores relacionados à empatia, ao respeito às diferenças e à valorização da diversidade humana.

DISCUSSÃO

A realização da oficina permitiu compreender a importância de inserir práticas pedagógicas inclusivas desde os anos iniciais da escolarização. O contato inicial com a Libras despertou o interesse dos estudantes e favoreceu a participação nas atividades propostas. Enquanto grupo, compreendemos que a experiência foi extremamente significativa tanto para os estudantes quanto para nossa formação docente, pois possibilitou refletir sobre a necessidade de promover, desde cedo, o contato das crianças com diferentes formas de comunicação, fortalecendo atitudes de respeito, acolhimento e valorização das diferenças. Além disso, observamos que o aprendizado ocorreu de maneira natural e participativa quando associado ao diálogo, à ludicidade e às vivências próximas da realidade dos estudantes.

Segundo Paulo Freire (2014), a educação deve promover práticas que valorizem o diálogo, o respeito e a inclusão dos sujeitos na sociedade. Nesse sentido, trabalhar a Libras no ambiente escolar contribui para a construção de uma educação mais humana, democrática e acessível. Além disso, conforme destaca Mantoan (2015), a inclusão escolar acontece quando a escola reconhece e valoriza as diferenças, garantindo oportunidades de aprendizagem para todos os estudantes.

Durante a realização das atividades, observou-se que os estudantes demonstraram grande interesse e participação. No momento inicial da conversa sobre formas de comunicação, algumas crianças relataram já terem visto pessoas utilizando gestos para se comunicar, enquanto outras afirmaram não conhecer a Libras.

A apresentação do vídeo com o alfabeto manual despertou curiosidade e atenção dos estudantes, que acompanharam as letras com entusiasmo e interesse. Nesse contexto, destaca-se a relevância do uso das tecnologias digitais como recurso pedagógico no desenvolvimento das atividades.

O vídeo utilizado foi gravado previamente por uma das professoras que, por impossibilidade de participação presencial, pôde contribuir com a oficina por meio desse recurso tecnológico. Dessa forma, o uso das tecnologias digitais favoreceu não apenas a mediação pedagógica, mas também a participação e integração da docente nas atividades desenvolvidas.

Na prática da datilologia, as crianças se mostraram motivadas a aprender a representação do próprio nome em Libras, buscando repetir os sinais e acertar a configuração das mãos. Além disso, muitas demonstraram curiosidade em aprender outras letras além daquelas presentes em seus nomes, repetindo espontaneamente os sinais e auxiliando os colegas durante as atividades. Esse aspecto evidencia a importância das interações sociais no processo de aprendizagem, especialmente quando mediadas de forma significativa.

O recurso utilizado na atividade do bingo foi adquirido por meio do perfil de uma profissional na rede social *Instagram*, que comercializa diferentes materiais pedagógicos. Destacamos que a utilização desse recurso contribuiu para otimizar o tempo de planejamento e organização das atividades, possibilitando maior dedicação à mediação pedagógica durante a oficina. Além disso, observa-se que a Libras tem conquistado maior visibilidade social e educacional, evidenciada pela ampla divulgação de materiais e recursos pedagógicos voltados ao ensino da língua, inclusive disponíveis para comercialização em ambientes digitais.

A atividade do bingo em Libras foi um dos momentos de maior interação entre os estudantes. As crianças participaram ativamente, demonstrando entusiasmo e interesse em identificar corretamente as letras apresentadas pelas professoras. O caráter lúdico da atividade favoreceu a participação coletiva e contribuiu para tornar a aprendizagem mais significativa e dinâmica.

Esse movimento dos estudantes pode ser compreendido a partir das contribuições de Vygotsky (1998), ao destacar que

a aprendizagem acontece nas interações sociais e que o aluno aprende com o outro por meio da mediação. Nesse caso, tanto a mediação das professoras quanto a interação entre os próprios colegas contribuíram para o desenvolvimento da atividade e para a construção do conhecimento.

Outro aspecto que chamou atenção foi a forma como a oficina contribuiu para o desenvolvimento do respeito às diferenças. Ao terem contato com a Libras, os estudantes começaram a perceber que existem diferentes formas de comunicação e que todas devem ser valorizadas. Esse entendimento ocorreu de maneira natural, principalmente nas atividades em dupla e no bingo, momentos em que um estudante auxiliava o outro.

Nesse sentido, a inclusão da Libras no ambiente escolar vai além do ensino de sinais isolados. Como afirmam Delgado e Cavalcante (2011), “o nível de importância da aquisição da Língua de Sinais para os surdos vai além da necessidade de comunicação com seus pares e familiares. Exige integração maior dos ouvintes com a Língua de Sinais e dos surdos com a língua portuguesa”.

De modo geral, a oficina possibilitou o contato inicial das crianças com a Libras, promovendo experiências relacionadas à inclusão, ao respeito às diferenças e à valorização da comunicação das pessoas surdas. Além disso, contribuiu para ampliar o conhecimento dos estudantes acerca das diferentes formas de comunicação existentes, favorecendo atitudes de sensibilização para a inclusão das pessoas surdas no ambiente escolar.

Para nós, acadêmicas, a experiência possibilitou articular os conhecimentos teóricos estudados na disciplina com a prática pedagógica, permitindo compreender de forma mais concreta os desafios e as possibilidades do trabalho com a Libras no contexto escolar. A oficina também contribuiu para ampliar nossas reflexões acerca da importância de práticas inclusivas e do papel do professor na promoção da inclusão social.

Como aspecto limitador, destacamos o curto período de duração da oficina, o que possibilitou apenas um contato introdutório com a Libras. Além disso, por tratar-se de uma atividade pontual, não foi possível aprofundar outros conteúdos relacionados à língua e à cultura surda.

Apesar disso, consideramos que a experiência atingiu seus objetivos, uma vez que proporcionou às crianças um primeiro contato com a Libras de maneira lúdica, participativa e significativa, fortalecendo ações voltadas à inclusão no ambiente escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência realizada evidenciou que o trabalho com o alfabeto manual em Libras pode ser desenvolvido de forma acessível e significativa nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Durante a oficina, foi possível observar o envolvimento e a participação ativa dos estudantes nas atividades propostas, especialmente na representação do próprio nome em Libras e nas atividades lúdicas desenvolvidas em grupo.

A atividade contribuiu tanto para a ampliação do repertório das crianças em relação à Libras quanto para o fortalecimento de práticas pedagógicas voltadas à inclusão e ao respeito às diferenças no ambiente escolar.

Além disso, a experiência permitiu às acadêmicas relacionarem os conhecimentos teóricos estudados na disciplina com a prática pedagógica, ampliando as reflexões sobre a importância da Libras e da inclusão das pessoas surdas no contexto educacional.

Dessa forma, compreendemos que ações semelhantes podem ser retomadas e ampliadas no cotidiano escolar, contribuindo para a construção de uma educação mais inclusiva, sensível às diferenças e comprometida com a valorização da diversidade linguística e cultural.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, 25 abr. 2002. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm. Acesso em: 10 maio 2026.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: 10 maio 2026.
- CAMPELLO, Ana Regina e Souza. **Aspectos da visualidade na educação de surdos**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2008.
- DELGADO, Heloísa Mourão; CAVALCANTE, Marianne Carvalho Bezerra. **Língua Brasileira de Sinais**: reflexões sobre ensino e inclusão. Fortaleza: UFC, 2011.
- FERNANDES, Eulalia. **Educação de surdos**. 2. ed. Curitiba: InterSaberes, 2015.
- FERNANDES, Eulalia. **Surdez e bilinguismo**. Porto Alegre: Mediação, 2003.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. São Paulo: Editora Paz e terra, 2014.
- GESSER, Audrei. **LIBRAS? Que língua é essa?**: Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola, 2009.
- KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **O jogo e a educação infantil**. São Paulo: Cengage Learning, 2011.
- MANTOAN, Maria Tereza Egler. **Inclusão Escolar**: O que é? Por quê? Como fazer? São Paulo: Summus Editorial, 2015.
- QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de sinais brasileira**: estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. **A pesquisa científica**: Métodos de pesquisa, v. 1, 2009.
- SKLIAR, Carlos (org.). **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998.
- STAINBACK, Susan; STAINBACK, William. **Inclusão**: um guia para educadores. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

2

COMUNICAÇÃO EM LIBRAS E INCLUSÃO ESCOLAR: RELATO DE INTERVENÇÃO EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE RONDONÓPOLIS

Giza Soares De Oliveira Costa¹

Carla Regina Cardoso²

Lhays Ingryd Soares Leite³

INTRODUÇÃO

A consolidação da educação inclusiva ainda representa um dos grandes desafios presentes no cotidiano escolar, especialmente no que se refere à garantia da acessibilidade comunicacional e da participação efetiva de estudantes surdos nos espaços de ensino regular. Embora importantes avanços tenham ocorrido no campo das políticas públicas voltadas à Educação Especial, muitas instituições de ensino continuam reproduzindo práticas marcadas por perspectivas homogêneas de aprendizagem, nas quais determinados sujeitos precisam adaptar-se às estruturas escolares já estabelecidas para serem aceitos e reconhecidos no ambiente educacional.

1 Acadêmica do curso de Segunda Licenciatura em Educação Especial e Inclusiva pela Universidade Federal de Rondonópolis, graduada em Licenciatura em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Rondonópolis, E-mail: adalgiza.soares@outlook.com

2 Acadêmica do curso de Segunda Licenciatura em Educação Especial e Inclusiva pela Universidade Federal de Rondonópolis, graduada em Licenciatura em História e Especialista em História e Cultura da África pela Universidade Federal de Rondonópolis, Mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Rondonópolis, E-mail: carlahistoria81@gmail.com

3 Acadêmica do curso de Segunda Licenciatura em Educação Especial e Inclusiva pela Universidade Federal de Rondonópolis, Graduada em Pedagogia e Especialista em Atendimento Educacional Especializado e em Psicopedagogia Clínica e Institucional e em Docência na Educação Infantil e Anos Iniciais, E-mail: lhaysleite@hotmail.com

Nesse contexto, discutir inclusão implica compreender que o acesso físico à escola, por si só, não assegura pertencimento, participação ou aprendizagem. Como afirma Mantoan (2003, p. 16), “a inclusão implica uma mudança de perspectiva educacional”, exigindo que a escola se reorganize para atender todos os estudantes em suas diferenças. Dessa forma, pensar a inclusão de estudantes surdos demanda refletir não apenas sobre sua presença no espaço escolar, mas, sobretudo, sobre as condições de comunicação, interação e reconhecimento cultural que lhes são oferecidas no cotidiano das relações pedagógicas.

Durante a disciplina *Libras: Tópicos Avançados*, ministrada pelo professor Dr. Tulio Gontijo, fomos levadas a refletir sobre a cultura, as identidades e a comunidade surda, compreendendo que a surdez não pode ser reduzida apenas a uma perspectiva clínica ou de deficiência. Passamos a entender o sujeito surdo como alguém que possui uma língua, uma cultura e formas próprias de perceber e experienciar o mundo. Essa reflexão mostrou-se fundamental para desconstruirmos visões ainda recorrentes no contexto escolar, em que a Libras aparece apenas como instrumento de comunicação, sem que haja um reconhecimento efetivo da riqueza cultural e identitária da comunidade surda. Afinal, como afirma Strobel (2008, p. 22), “a cultura surda é o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo a partir de suas percepções visuais, tornando-o acessível e habitável para si e para seus pares”.

A presença de um estudante surdo na turma em que a intervenção foi desenvolvida potencializou ainda mais essas reflexões. Frequentemente, a inclusão tem sido reduzida à mera presença física do estudante em salas de aula organizadas predominantemente a partir da lógica ouvinte. Entretanto, estar presente não garante participação, interação ou pertencimento. Para que a inclusão se efetive, faz-se necessário romper com o “ouvintismo”, entendido como o conjunto de representações que obriga o sujeito surdo a narrar-se e posicionar-se a partir da norma ouvinte.

Um ambiente verdadeiramente inclusivo é aquele que reconhece a surdez como uma experiência visual e gestual do mundo, permitindo que o estudante consiga comunicar-se, interagir e construir relações significativas com os colegas e professores. Caso contrário, a escola corre o risco de promover uma inclusão apenas aparente, em que o estudante permanece à margem das experiências escolares. Além disso, compreender a Libras enquanto língua legítima implica reconhecer sua estrutura linguística própria e sua centralidade nos processos de comunicação e construção identitária da comunidade surda.

Nesse sentido, Gesser (2009) destaca a necessidade de desconstrução de preconceitos historicamente produzidos em relação à língua de sinais e às pessoas surdas, enfatizando que a Libras não constitui mera representação gestual da língua portuguesa, mas uma língua completa, dotada de organização gramatical própria e fundamental para a constituição cultural e social dos sujeitos surdos.

As reflexões propostas também dialogam com os pressupostos de Vygotsky (1998), especialmente no que se refere à importância da linguagem e das interações sociais no desenvolvimento humano. Conforme afirma o autor, “o aprendizado humano pressupõe uma natureza social específica e um processo através do qual as crianças penetram na vida intelectual daquelas que as cercam” (Vygotsky, 1998, p. 115). Assim, compreende-se que os processos educativos são construídos nas relações estabelecidas entre os sujeitos, tornando a acessibilidade comunicacional elemento fundamental para a participação efetiva dos estudantes surdos no contexto escolar.

Diante dessas questões, o presente trabalho tem como objetivo relatar uma experiência de intervenção pedagógica desenvolvida em uma turma do 6º ano do ensino fundamental de uma escola pública de Rondonópolis, voltada à sensibilização acerca da cultura surda, da comunicação em Libras e da inclusão escolar. A proposta buscou promover reflexões sobre acessibi-

lidade comunicacional e convivência entre estudantes surdos e ouvintes, por meio de atividades participativas, dinâmicas e introdutórias relacionadas à Libras e às experiências visuais de comunicação. Nesse sentido, o relato apresentado busca discutir possibilidades de construção de práticas pedagógicas mais acessíveis e inclusivas, considerando a importância da Libras, da cultura surda e das interações comunicacionais no contexto escolar.

METODOLOGIA

A construção da presente proposta de intervenção emergiu das articulações estabelecidas entre as disciplinas *Libras: Tópicos Avançados* e *Atendimento Educacional Especializado (AEE)*, ambas integrantes do curso de Segunda Licenciatura em Educação Especial e Inclusiva. Enquanto a disciplina de Libras mobilizava discussões acerca da cultura surda, da acessibilidade comunicacional e das relações entre sujeitos surdos e ouvintes no contexto escolar, a disciplina de AEE propunha a aproximação com demandas concretas presentes no cotidiano das instituições de ensino, por meio da realização de entrevistas e observações relacionadas às práticas inclusivas desenvolvidas nas escolas.

Nesse contexto, realizou-se uma visita à Escola Municipal Rosalino Antônio da Silva, localizada em Rondonópolis, inicialmente vinculada às atividades previstas na disciplina de Atendimento Educacional Especializado. Na ocasião, foi realizada uma entrevista com a professora responsável pelo AEE da instituição, utilizando um questionário previamente elaborado durante a disciplina, com o objetivo de compreender desafios presentes no cotidiano escolar relacionados aos processos de inclusão e acessibilidade.

Durante esse momento de escuta e aproximação com a realidade da escola, identificou-se, entre as demandas apontadas pela professora, a presença de barreiras comunicacionais en-

volvendo um estudante surdo matriculado no 6º ano do ensino fundamental e atendido pelo AEE. Observou-se que, embora o estudante estivesse inserido na sala regular, o conhecimento em Libras permanecia restrito a poucos profissionais da instituição, limitando as possibilidades de interação comunicacional entre o estudante surdo, os colegas e os demais sujeitos da comunidade escolar.

A percepção dessa demanda estabeleceu uma articulação significativa entre as propostas das duas disciplinas cursadas no período. Enquanto a disciplina *Atendimento Educacional Especializado* previa a elaboração de uma intervenção voltada às necessidades identificadas no contexto escolar, a disciplina *Libras: Tópicos Avançados* propunha o desenvolvimento de uma oficina em sala de aula relacionada à comunicação em Libras e à cultura surda. Nesse sentido, a existência de um estudante surdo inserido na turma aproximou ainda mais a proposta da realidade vivenciada pelos estudantes, possibilitando a construção de uma intervenção diretamente articulada às experiências observadas no cotidiano escolar.

Um aspecto que atravessou significativamente a elaboração da proposta se refere ao fato de o estudante surdo da turma, Heitor, ser filho de uma das acadêmicas participantes da intervenção, Carla. Embora sua participação estivesse vinculada à condição de acadêmica em formação, a vivência cotidiana relacionada às experiências comunicacionais do filho contribuiu para ampliar a sensibilidade diante das questões discutidas ao longo do planejamento da oficina. Tal experiência aproximou os referenciais teóricos debatidos durante a formação acadêmica das situações concretas vivenciadas no espaço escolar, colaborando para que a proposta fosse concebida para além de uma abordagem expositiva sobre Libras, priorizando também reflexões relacionadas ao pertencimento, à interação e à acessibilidade comunicacional.

A elaboração do plano de aula ocorreu de forma coletiva entre as acadêmicas Adalgiza, Carla e Lhays, considerando os referenciais discutidos ao longo da disciplina de Libras e as demandas identificadas na escola durante a entrevista realizada com a professora do AEE. Desde o início do planejamento, compreendeu-se que, devido ao tempo reduzido destinado à intervenção, não seria possível desenvolver um ensino aprofundado da Libras. Desse modo, optou-se pela construção de uma proposta introdutória, participativa e reflexiva, organizada por meio de atividades dinâmicas e interativas que possibilitassem aos estudantes experiências iniciais relacionadas à comunicação visual, à Libras e à cultura surda.

A estrutura metodológica da oficina foi organizada a partir de atividades de sensibilização, momentos de diálogo coletivo, experiências de comunicação não oral, dinâmicas interativas e práticas introdutórias envolvendo sinais básicos em Libras. Buscou-se desenvolver estratégias que permitissem aos estudantes experimentar outras possibilidades comunicacionais, especialmente aquelas fundamentadas na visualidade, nas expressões corporais e na interação coletiva. Para isso, foram utilizados recursos visuais, atividades lúdicas e dinâmicas em grupo, planejadas considerando a faixa etária da turma e o tempo disponível para realização da intervenção.

Após a elaboração inicial do planejamento, o plano de aula foi apresentado ao professor Dr. Tulio Gontijo, responsável pela disciplina *Libras: Tópicos Avançados*, que realizou mediações e apontamentos relacionados à organização metodológica da oficina. A partir das orientações recebidas, foram realizados ajustes na sequência das atividades, na organização do tempo e nos recursos previstos para a intervenção.

Posteriormente, o plano de intervenção foi encaminhado para apreciação da professora do AEE e da equipe gestora da escola, contendo os objetivos da oficina, a descrição das atividades propostas, os recursos metodológicos e o tempo estimado para

realização da ação pedagógica. Após a autorização institucional, também foi entregue à direção escolar uma carta de apresentação solicitando formalmente a realização da oficina.

A intervenção ocorreu no dia 05 de maio de 2026, com duração aproximada de duas horas, contando com a participação das acadêmicas Adalgiza, Carla e Lhays, da professora regente da turma, da professora do Atendimento Educacional Especializado, da estagiária da sala, de duas intérpretes de Libras e dos estudantes do 6º ano do ensino fundamental, incluindo o estudante surdo da turma.

Durante a realização da oficina, buscou-se observar aspectos relacionados às formas de participação dos estudantes, às interações estabelecidas ao longo das atividades e às percepções manifestadas pela turma diante das experiências desenvolvidas. As observações realizadas foram registradas por meio de anotações descritivas e registros fotográficos autorizados pela instituição escolar, posteriormente utilizados na sistematização deste relato de experiência.

INCLUSÃO, CULTURA SURDA E COMUNICAÇÃO EM LIBRAS NO AMBIENTE ESCOLAR/ INTERVENÇÃO/ OFICINA NA PRÁTICA

Quando a oficina foi iniciada, tornou-se perceptível a curiosidade dos estudantes diante de uma proposta que rompia, ainda que temporariamente, com a dinâmica tradicional da sala de aula. A presença das intérpretes de Libras, das acadêmicas responsáveis pela intervenção e, sobretudo, a centralidade dada às experiências de comunicação visual mobilizaram o interesse da turma desde os primeiros instantes da atividade. Nesse cenário, buscou-se construir um espaço de diálogo e participação coletiva, no qual os estudantes pudessem refletir não apenas sobre a Libras enquanto língua, mas também sobre as formas pelas quais a comunicação atravessa as relações de pertencimento, interação e inclusão no cotidiano escolar.

Inicialmente, realizamos nossa apresentação à turma, explicando que somos acadêmicas da Segunda Licenciatura em Educação Especial Inclusiva – PARFOR Equidade, vinculadas às disciplinas *Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica e Libras: Tópicos Avançados*. Nesse momento, foi esclarecido aos estudantes que não somos especialistas em Libras, mas que estamos em processo de formação e aprendizagem, ressaltando que a oficina possuía caráter formativo, reflexivo e de conscientização acerca da inclusão escolar.

Posteriormente, estabelecemos um diálogo com os estudantes sobre as diferentes formas de comunicação utilizadas no cotidiano. Foram realizados questionamentos como: “Como nos comunicamos no dia a dia?” e “Como seria se não pudéssemos ouvir?”. Os alunos participaram ativamente, compartilhando experiências e reflexões sobre comunicação, interação social e dificuldades enfrentadas pelas pessoas surdas. Esse momento permitiu discutir que a surdez não representa incapacidade, mas uma diferença linguística e cultural. Nesse sentido, a abordagem dialoga com os estudos de Carlos Skliar, que compreende a surdez não sob a perspectiva da deficiência, mas das diferenças culturais e linguísticas. Para o autor, a pessoa surda deve ser reconhecida como sujeito pertencente a uma comunidade com identidade e cultura próprias.

Ao longo da conversa, enfatizamos que a Libras é uma língua legítima e estruturada, reconhecida oficialmente no Brasil pela Lei nº 10.436/2002, que estabelece a Língua Brasileira de Sinais como meio legal de comunicação e expressão da comunidade surda. Também discutimos o Decreto nº 5.626/2005, que regulamenta a referida lei e assegura direitos relacionados à acessibilidade linguística e à inclusão educacional das pessoas surdas. A reflexão sobre a Libras foi aprofundada a partir das contribuições de Gesser (2009), que destaca que a Libras possui estrutura gramatical própria, não sendo uma simples representação gestual da língua portuguesa. A autora também ressalta a necessidade

de desconstruir preconceitos e equívocos relacionados à língua de sinais e à comunidade surda.

Em seguida, realizamos uma dinâmica lúdica e interativa denominada “missão secreta da comunicação”, na qual os estudantes deveriam comunicar frases sem utilizar fala, escrita ou sons, apenas por meio de expressões faciais, gestos e movimentos corporais. Foram utilizadas frases como “Quero comer macarrão hoje no almoço”, “Estou com muita fome” e “Quero ir ao banheiro”. A atividade despertou grande entusiasmo e envolvimento da turma, permitindo que os estudantes experimentassem, ainda que de forma breve, as dificuldades e possibilidades da comunicação não oral.

Figura 1. Dinâmica “missão secreta da comunicação”



Fonte: Acervo pessoal, 2026.

Após a dinâmica, realizamos uma reflexão coletiva sobre os desafios enfrentados durante a atividade, relacionando-os à realidade vivenciada pelas pessoas surdas no cotidiano escolar e social. Esse momento dialoga diretamente com os pressupostos teóricos de Vygotsky (1998), especialmente no que se refere à importância da interação social e da linguagem no desenvolvimento humano. Nesse sentido, o autor afirma que “o

aprendizado humano pressupõe uma natureza social específica e um processo através do qual as crianças penetram na vida intelectual daquelas que as cercam” (Vygotsky, 1998, p. 115). Dessa forma, compreende-se que o aprendizado ocorre por meio das relações sociais e das mediações culturais, sendo a linguagem elemento fundamental para o desenvolvimento cognitivo e para a participação social do sujeito.

Posteriormente, foi exibido um vídeo relacionado à cultura surda, seguido de uma roda de conversa mediada por Carla. Nesse momento, discutimos que a cultura surda envolve modos próprios de comunicação, identidade, experiências visuais e formas específicas de interação social. Explicamos também a diferença entre comunidade surda e cultura surda, enfatizando que a cultura não se limita à condição auditiva, mas envolve práticas sociais, valores e modos de viver compartilhados entre sujeitos surdos.

Figura 2. Exposição do vídeo



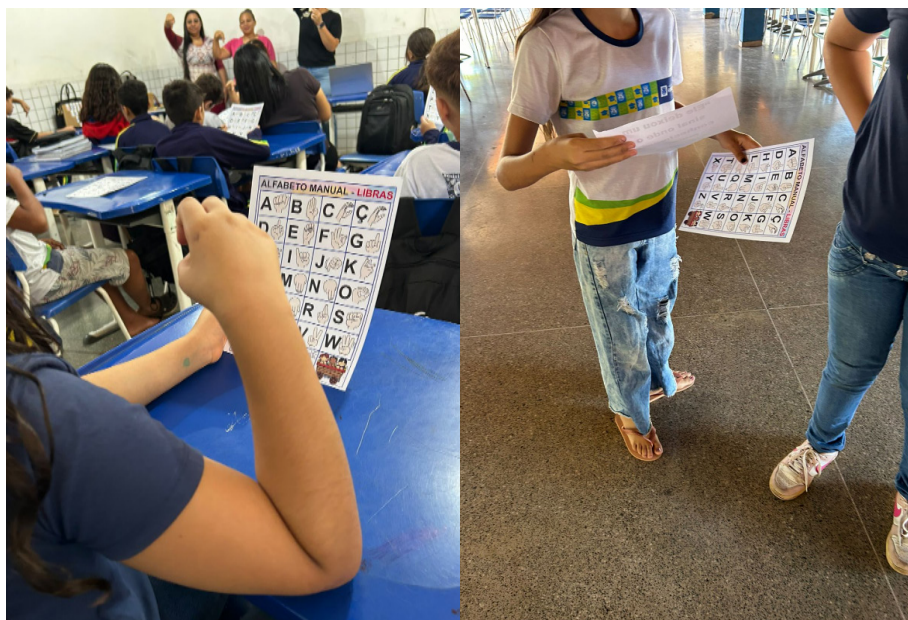
Fonte: Acervo pessoal, 2026.

As discussões realizadas se aproximam das reflexões de Mantoan e Lanuti (2022), quando afirmam que a escola inclusiva deve garantir a participação efetiva de todos os estudantes, valorizando as diferenças e promovendo práticas pedagógicas acessíveis e democráticas. Os autores defendem que a escola inclusiva precisa romper com práticas excludentes e reconhecer a diversidade humana como elemento constitutivo do processo educativo.

Um dos momentos mais significativos da oficina ocorreu quando relacionamos os conteúdos trabalhados à realidade da própria turma, que possui um estudante surdo chamado Heitor. Conversamos com os estudantes sobre a importância de atitudes simples, como olhar para o colega ao falar, ter paciência, utilizar gestos e buscar aprender sinais em Libras. Ressaltamos que a inclusão não é responsabilidade apenas do professor ou das intérpretes, mas de toda a comunidade escolar. Nesse sentido, a intervenção buscou fortalecer valores como empatia, respeito e pertencimento, promovendo uma reflexão crítica sobre o papel de cada sujeito na construção de um ambiente verdadeiramente inclusivo.

Conforme aponta Mantoan (2003), a inclusão implica reconhecer que todos os estudantes têm direito à aprendizagem, à participação e ao convívio social sem discriminação. Na sequência, os estudantes foram convidados a mergulhar no universo da Libras por meio da aprendizagem de sinais básicos relacionados ao cotidiano escolar, como cumprimentos, alfabeto manual e expressões utilizadas no dia a dia da escola. O momento foi marcado por curiosidade, interação e entusiasmo, à medida que os alunos tentavam reproduzir os sinais e se comunicar utilizando uma nova forma de linguagem, percebendo que a comunicação vai muito além da fala.

Figura 3. Desenvolvimento da atividade de datilologia do alfabeto manual em Libras



Fonte: Acervo pessoal, 2026.

Dando continuidade à oficina, a turma foi conduzida ao pátio da escola para participar de uma animada caça ao tesouro em Libras. A atividade transformou o espaço escolar em um cenário de descobertas, desafios e cooperação, no qual os estudantes precisavam interpretar pistas em Libras, trabalhar em equipe e utilizar a comunicação visual para avançar nas etapas da brincadeira. O envolvimento da turma foi imediato: os alunos demonstraram empolgação, espírito colaborativo e grande interesse em decifrar os sinais e participar das missões propostas. Além de favorecer a aprendizagem de Libras de forma lúdica e significativa, a dinâmica fortaleceu as relações interpessoais, a empatia e o respeito às diferenças.

Figura 4. Desenvolvimento da atividade de caça ao tesouro



Fonte: Acervo pessoal, 2026.

Um dos momentos mais emocionantes da oficina ocorreu quando Carla compartilhou a vivência de seu filho, Heitor, estudante surdo desta turma. Seu relato trouxe sensibilidade e realidade às discussões realizadas ao longo da intervenção, permitindo que os alunos refletissem sobre os desafios enfrentados diariamente pelas pessoas surdas no ambiente escolar, especialmente em relação à comunicação, à inclusão e ao sentimento de pertencimento. O depoimento despertou atenção, emoção e reflexão, tornando o momento profundamente significativo para toda a turma.

Para encerrar a oficina, realizamos a dinâmica do “telefone sem fio” em Libras, promovendo descontração, risos e participação coletiva. A atividade permitiu que os estudantes percebessem, na prática, a importância da atenção visual, das expressões faciais e da clareza dos sinais para que a comunicação aconteça de forma eficiente, o momento aconteceu em um clima leve e acolhedor, reforçando a mensagem central da intervenção:

comunicar também é incluir, respeitar e fazer o outro sentir-se pertencente ao grupo. Realizamos um momento coletivo de reflexão sobre tudo o que foi vivenciado. Conversamos com os estudantes sobre como gostariam de ser tratados caso enfrentassem dificuldades de comunicação diariamente e sobre como pequenas atitudes podem contribuir para uma escola mais inclusiva. Também entregamos às crianças um chaveiro e o alfabeto manual em Libras, confeccionado como recurso pedagógico para auxiliar na continuidade do contato com a língua de sinais no cotidiano escolar.

Figura 5. Recurso pedagógico com o alfabeto manual em Libras e chaveiro como lembrança



Fonte: Acervo pessoal, 2026.

A experiência foi positiva e significativa tanto para os estudantes quanto para as acadêmicas envolvidas. A oficina possibilitou a ampliação do conhecimento sobre Libras, cultura surda e inclusão escolar, além de promover sensibilização, empatia e conscientização acerca da importância da acessibilidade comunicacional no ambiente escolar. Dessa forma, compreende-se que ações pedagógicas interdisciplinares, pautadas na valorização da diversidade e na construção de práticas inclusivas, são fundamentais para garantir o direito de todos os estudantes à aprendizagem, à participação e ao pertencimento no espaço escolar.

Nesse contexto, destaca-se também o envolvimento coletivo das profissionais e acadêmicas participantes, cuja atuação colaborativa foi essencial para o planejamento, organização e desenvolvimento da oficina, contribuindo significativamente para a efetivação da proposta inclusiva apresentada.

Figura 6. Participantes envolvidas na mediação da oficina ao término da intervenção



Fonte: Acervo Próprio, 2026.

A figura 6 conta com as profissionais envolvidas diretamente em todo o processo de elaboração e execução da oficina. Ao centro, de blusa rosa, temos a acadêmica e colaboradora na elaboração da oficina Adalgiza Soares. À direita, a acadêmica Carla, seguida pela Agnes, também de vestimenta preta, que é a intérprete do estudante e, por último, à direita, a professora da disciplina de ciências, que cedeu sua hora-aula para a execução da oficina com os alunos. À esquerda, seguindo do final para o centro, temos a Patrícia, profissional estagiária que acompanha o estudante, seguido pela Lhays, que está de vermelho, também acadêmica e colaboradora na oficina, e, por último, de azul ma-

rinho, temos a Lilian, professora responsável pelo AEE da escola Rosalino. E, à frente, temos o estudante surdo Heitor, que está de uniforme escolar. O estudante é filho da Carla, que estava aplicando a oficina.

A imagem evidencia a articulação entre a universidade, a escola, as profissionais da educação e o atendimento especializado, demonstrando a importância do trabalho coletivo e colaborativo para a realização de ações voltadas à inclusão e à acessibilidade no contexto escolar. Além disso, o momento retratado simboliza não apenas a finalização da oficina, mas também o compartilhamento de experiências, as aprendizagens e as vivências construídas ao longo da intervenção realizada com os estudantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalizar esta intervenção é reconhecer que a inclusão ainda representa um desafio constante dentro dos espaços escolares, especialmente quando pensamos na necessidade de romper com práticas que silenciam, invisibilizam ou limitam determinados sujeitos. Ao longo da oficina, percebemos que discutir Libras e cultura surda vai muito além de ensinar sinais: significa provocar reflexões sobre pertencimento, reconhecimento e humanidade.

As vivências realizadas possibilitaram aos estudantes experimentar outras formas de comunicação e perceber que, muitas vezes, as maiores barreiras enfrentadas pelas pessoas surdas não estão em sua condição, mas na falta de acessibilidade, sensibilidade e disposição da sociedade para estabelecer conexões verdadeiras. Nesse sentido, cada atividade desenvolvida buscou despertar um olhar mais atento para o outro, mostrando que incluir também é construir relações baseadas no respeito, na escuta e na valorização das diferenças.

A presença de Heitor na turma tornou essa experiência ainda mais potente e significativa, pois trouxe concretude às discussões realizadas. Não falávamos de uma realidade distante, mas de alguém que faz parte daquele cotidiano escolar e que, muitas vezes, pode enfrentar situações de isolamento comunicacional dentro de um espaço que deveria garantir participação e acolhimento. Esse aspecto levou a turma a refletir sobre o papel de cada sujeito na construção de um ambiente mais acessível e humano.

Espera-se que as ações desenvolvidas contribuam para minimizar as barreiras comunicacionais identificadas inicialmente, favorecendo interações mais próximas, respeitosas e colaborativas entre os estudantes ouvintes e o estudante surdo. Pretende-se, igualmente, fortalecer a compreensão da diversidade linguística e cultural como elemento constitutivo da vida escolar, promovendo o reconhecimento das múltiplas formas de aprender, comunicar-se e participar socialmente.

Essas reflexões dialogam com as discussões apresentadas por Angelita Martins, no capítulo 3, História da Educação de Surdos, integrante da obra *A Surdez e a Libras no Cenário Investigativo Científico*, ao afirmar que, “apesar dos desafios ainda presentes no campo da Educação Especial, torna-se indispensável assegurar condições efetivas para o desenvolvimento educacional dos estudantes, garantindo uma educação igualitária e de qualidade para todos, sem distinção” (Martins, 2025, p. 45). Dessa forma, compreende-se que propostas voltadas à acessibilidade comunicacional representam caminhos concretos para a efetivação desse direito no cotidiano escolar.

Figura 5: Diálogo com a turma



Fonte: Acervo pessoal, 2026.

Enquanto acadêmicas, a experiência também nos atravessou profundamente, reforçando a compreensão de que a prática docente demanda sensibilidade, responsabilidade ética e disposição para repensar continuamente as próprias ações pedagógicas. Mais do que transmitir conteúdos, educar implica reconhecer os sujeitos em sua integralidade, compreendendo que cada estudante carrega consigo modos singulares de aprender, sentir, comunicar-se e ocupar o mundo.

Por fim, entende-se que a construção de uma escola verdadeiramente inclusiva somente será possível quando a diversidade deixar de ser percebida como exceção e passar a ser assumida como princípio fundamental da educação. Valorizar a Libras, a cultura surda e as múltiplas formas de comunicação significam reafirmar o direito de todos os estudantes não apenas ao acesso à escola, mas ao reconhecimento, à participação e à dignidade em todos os espaços que constituem a experiência educativa.

REFERÊNCIAS

GESSER, Audrei. **Libras? Que Língua é essa?** Crenças e Preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GESSER, Audrei. **O ouvinte e a surdez:** sobre como ensinar e aprender a LIBRAS. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

GONTIJO, Túlio Adriano M. Alves; MARQUES-SANTOS, Lucas Eduardo; SILVA, Thábio de Almeida; SOUZA, Nilsa Taumaturgo Sá de; NASCIMENTO, Jéssica Rabelo; LEITE, Franciele de Jesus Ferreira; SOUZA, José Marcos Rosendo de; GOUVEIA, Rosa Carolina Silva de (org.). **A surdez e a Libras no cenário investigativo-científico:** contribuições acadêmicas. Cuiabá: Guará Editora, 2025.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar:** o que é? por quê? como fazer?. São Paulo: Moderna, 2003.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér; LANUTI, José Eduardo de Oliveira Evangelista. **A escola que queremos para todos.** Curitiba: Editora CRV, 2022.

SILVA, R. B. da; AGUIAR, J. V. L. (2025). Educação bilíngue para surdos na perspectiva dos estudos interculturais: possibilidades que incluem. **REVISTA FACULDADE FAMEN**, v. 6, n. 3, p. 80–94, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.36470/famen.2025.r6a28>. Acesso em: 17 maio 2026.

STROBEL, Karin Lillian. **A visão histórica da in(ex)clusão dos surdos nas escolas.** *ETD* [online], v. 7, n. 2, p. 245-254, 2006.

STROBEL, Karin Lillian. **As imagens do outro sobre a cultura surda.** 4. ed. Florianópolis: UFSC, 2018.

STROBEL, Karin Lillian. **História da educação de surdos.** Florianópolis: UFSC, 2009.

3

LIBRAS COMO INSTRUMENTO DE INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:

UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NA EMEF BONIFÁCIO SACHETTI

Eunice Cardoso Lauriano Ferreira¹

Maria Célia dos Santos Rodrigues²

INTRODUÇÃO

A educação de pessoas surdas no Brasil foi historicamente marcada por processos de exclusão, silenciamento linguístico e negação de direitos educacionais. Durante muitos anos, predominou uma perspectiva clínico-terapêutica da surdez, na qual os sujeitos surdos eram compreendidos a partir da deficiência e da tentativa de normalização pela oralização, desconsiderando-se sua língua, cultura e identidade.

Conforme destaca Sá (2022), as relações de poder historicamente estabelecidas na educação de surdos contribuíram para práticas educacionais excludentes, pautadas em uma lógica ouvintista que invisibilizava a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e subordinava os sujeitos surdos à cultura ouvinte, marcada por relações de poder que privilegiavam a cultura ouvinte, desconsiderando a língua, a identidade e as especificidades culturais da comunidade surda.

¹ Acadêmica do curso de Segunda Licenciatura em Educação Especial Inclusiva (PARFOR Equidade) da Universidade Federal de Rondonópolis, graduada em Licenciatura Plena em Pedagogia, E-mail: eunice.ferreira@aluno.ufr.edu.br

² Acadêmica do curso de Segunda Licenciatura em Educação Especial Inclusiva (PARFOR Equidade) da Universidade Federal de Rondonópolis, graduada em Licenciatura Plena em Pedagogia, E-mail: celia.rodrigues@aluno.ufr.edu.br

Nessa perspectiva, o chamado ouvintismo constitui-se como uma prática social e ideológica que impõe padrões da cultura ouvinte à comunidade surda, desconsiderando suas especificidades linguísticas e culturais. Conforme discutido no estudo “Representações Surdas na Desconstrução de Práticas Ouvintistas”, os sujeitos surdos foram constantemente submetidos a práticas que os consideravam incapazes, sendo historicamente privados de participação social plena e do reconhecimento de sua identidade cultural.

Ao longo da história, a língua de sinais também foi compreendida equivocadamente como simples mímica ou gestualidade sem estrutura linguística. Entretanto, estudos linguísticos demonstram que a Libras possui estrutura gramatical própria, com aspectos fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos, constituindo-se como uma língua legítima e completa (Quadros; Karnopp, 2004). Além disso, a oficialização da Libras pela Lei nº 10.436/2002 e sua regulamentação pelo Decreto nº 5.626/2005 representaram importantes avanços para o reconhecimento da comunidade surda e para a promoção de práticas educacionais inclusivas.

Sob uma perspectiva sociointeracionista, Goldfeld (2002) defende que o desenvolvimento linguístico e cognitivo da pessoa surda ocorre por meio das interações sociais e do acesso precoce à língua de sinais, elemento fundamental para a constituição da subjetividade, da identidade e da aprendizagem. Dessa forma, compreender a Libras como instrumento de interação social significa reconhecer sua importância não apenas comunicacional, mas também cultural, política e educacional.

Além disso, estudos sobre identidades surdas evidenciam que a constituição identitária dos sujeitos surdos está diretamente relacionada ao contato com a língua de sinais e com a cultura surda. Conforme apontam Carvalho e Campello (2022), a identidade surda não é fixa ou homogênea, mas construída socialmente em diferentes contextos históricos e culturais.

Assim, promover o contato entre ouvintes e a Libras contribui para o fortalecimento de práticas inclusivas e para o respeito às diferenças.

Diante desse contexto, a escola assume papel fundamental na promoção da inclusão e na construção de práticas pedagógicas que valorizem a diversidade linguística e cultural. A inserção da Libras em espaços escolares frequentados por estudantes ouvintes contribui para a desconstrução de preconceitos historicamente construídos sobre a surdez e favorece o desenvolvimento de atitudes mais empáticas e inclusivas.

Nesse sentido, o presente relato de experiência tem como objetivo descrever e analisar uma prática pedagógica desenvolvida no âmbito do Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR Equidade) da Universidade Federal de Rondonópolis (UFR), das discentes do Curso de Segunda Licenciatura em Educação Especial Inclusiva, em uma turma da Educação de Jovens e Adultos (EJA), no período noturno, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Bonifácio Sachetti, voltada à introdução da Língua Brasileira de Sinais (Libras).

A experiência buscou proporcionar conhecimentos básicos sobre Libras, promover reflexões acerca da inclusão da pessoa surda e estimular a construção de um ambiente escolar mais democrático, participativo e inclusivo.

METODOLOGIA

O presente trabalho se caracteriza como um relato de experiência de abordagem qualitativa, fundamentado nos pressupostos metodológicos de Lakatos e Marconi (2003), os quais compreendem a observação, descrição e análise sistematizada das experiências como importantes instrumentos de produção do conhecimento científico. A pesquisa qualitativa possibilita compreender os fenômenos sociais a partir das interações, percepções e significados construídos pelos sujeitos envolvidos no processo educativo.

A experiência foi realizada na Escola Municipal de Ensino Fundamental Bonifácio Sachetti, localizada no município de Rondonópolis, Mato Grosso, com estudantes matriculados na modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA), no período noturno. A escolha da turma ocorreu em razão da necessidade de desenvolver práticas pedagógicas voltadas à inclusão, considerando a relevância social da Libras enquanto instrumento de acessibilidade comunicacional, valorização da diversidade linguística e fortalecimento do respeito às diferenças.

Além disso, compreende-se que o acesso ao conhecimento básico da Libras não deve restringir-se apenas ao ensino comum da Educação Básica, mas também alcançar a Educação de Jovens e Adultos (EJA), garantindo que estudantes adultos tenham a oportunidade de conhecer e compreender a língua da comunidade surda.

Nesse sentido, disponibilizar experiências relacionadas à Libras nessa modalidade de ensino contribui para a construção de uma educação na perspectiva inclusiva, ampliando a conscientização social, promovendo a participação cidadã e favorecendo relações mais acessíveis e humanizadas no convívio social.

Corroborando essa perspectiva, Goldfeld (2002) afirma que a linguagem exerce papel fundamental nas interações sociais e na constituição dos sujeitos, sendo a Libras elemento essencial para a participação social da pessoa surda. Da mesma forma, Sá (2002) destaca que a valorização da Libras nos espaços educacionais representa um importante movimento de reconhecimento da cultura surda e de superação de práticas ouvintistas historicamente presentes na sociedade e na educação.

Além disso, ao pensar a Educação de Jovens e Adultos, faz-se necessário considerar os pressupostos de Freire (1996), que compreende a educação como prática de liberdade, diálogo e transformação social. Para o autor, o processo educativo deve partir das experiências e da realidade dos sujeitos, promovendo aprendizagens significativas e emancipadoras.

Nessa perspectiva, inserir a Libras no contexto da EJA significa possibilitar aos estudantes adultos o acesso a conhecimentos socialmente relevantes, favorecendo a construção de uma consciência crítica acerca da inclusão, da diversidade e do respeito às diferenças. Assim, promover o contato de jovens e adultos com a Libras representa também a ampliação de oportunidades de participação social e fortalecimento de uma educação mais democrática, humanizada e inclusiva.

A atividade foi desenvolvida em etapas articuladas entre teoria e prática, buscando promover a participação ativa dos estudantes e favorecer experiências significativas de aprendizagem. A proposta metodológica também dialoga com a perspectiva sociointeracionista defendida por Goldfeld (2002), ao compreender que a aprendizagem ocorre por meio das interações sociais e da mediação pedagógica.

MÃOS QUE APRENDEM SABERES QUE TRANSFORMAM

Inicialmente, realizou-se uma explanação dialogada sobre a história da educação de surdos, a importância da Libras e os desafios enfrentados historicamente pela comunidade surda. Nesse momento, discutiram-se aspectos relacionados à exclusão educacional, ao preconceito linguístico e ao reconhecimento da Libras como língua oficial da comunidade surda brasileira.

Também foram abordadas reflexões sobre cultura e identidade surda (Figura 01), considerando que os sujeitos surdos não devem ser compreendidos apenas pela ausência da audição, mas como pertencentes a uma comunidade linguística e cultural específica. Conforme destacado por Sá (2002), a educação de surdos precisa romper com práticas hegemônicas ouvintistas e reconhecer a legitimidade das experiências visuais e culturais da comunidade surda.

Figura 01. Introdução a importância da Libras para inclusão



Fonte: As autoras, 2026.

Posteriormente, foi apresentado aos estudantes o alfabeto manual da Libras (datilologia), por meio de demonstrações visuais e orientações práticas. Os participantes foram incentivados a observar atentamente os movimentos das mãos, expressões faciais e posicionamentos corporais, compreendendo que a Libras envolve elementos linguísticos complexos e não apenas gestos isolados (Figura 02).

Figura 02. Praticando o Alfabeto em Libras



Fonte: As autoras, 2026.

Na sequência, foram trabalhados sinais básicos utilizados em situações cotidianas, como cumprimentos (“oi”, “bom dia”, “boa tarde” e “boa noite”), promovendo o contato inicial com a comunicação em Libras. As atividades foram conduzidas de forma dinâmica e interativa, buscando favorecer a participação coletiva, a troca de experiências e o desenvolvimento da memória visual e motora dos estudantes e com a interação da professora regente da turma.

Como atividade prática, os estudantes participaram de dinâmicas em duplas utilizando o alfabeto móvel em Libras, confeccionado na unidade escolar pela professora da Sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE), para formar seus próprios nomes e, posteriormente, reproduzi-los por meio da datilologia (Figuras 03 e 04). Essa proposta metodológica possibilitou maior envolvimento dos participantes, estimulando a aprendizagem colaborativa e a interação social entre os estudantes.]

Figura 03. Alunas montando o nome em Libras para depois fazer a datilologia



Fonte: As autoras, 2026.

Figura 04. Estudantes montando o nome em Libras para depois fazer a datilologia



Fonte: As autoras, 2026.

Durante toda a experiência, realizou-se observação direta das interações, da participação, das dificuldades apresentadas e das estratégias utilizadas pelos estudantes para apropriação dos sinais trabalhados. Os registros ocorreram por meio de anotações descritivas e registros fotográficos autorizados, utilizados posteriormente para análise reflexiva da prática pedagógica desenvolvida.

A análise crítica dos resultados se fundamentou nos pressupostos da perspectiva educação inclusiva e nas discussões teóricas sobre Libras, cultura surda, identidade e inclusão social, buscando compreender de que maneira a experiência contribuiu para a sensibilização dos estudantes e para a construção de práticas pedagógicas mais inclusivas no contexto educacional e da EJA em específico.

DISCUSSÃO

Os resultados obtidos evidenciaram que a inserção da Libras no contexto da Educação de Jovens e Adultos contribuiu significativamente para o desenvolvimento de práticas inclusivas e para a ampliação da reflexão e conhecimento dos estudantes acerca da diversidade linguística e cultural existente na sociedade.

Durante a realização das atividades, observou-se elevado nível de participação, interesse e envolvimento dos estudantes, especialmente nas atividades práticas em duplas. A metodologia dinâmica e interativa favoreceu a aprendizagem colaborativa e possibilitou que os participantes estabelecessem maior aproximação com a Libras, superando concepções equivocadas historicamente construídas sobre a língua de sinais.

Foi possível perceber que muitos estudantes inicialmente associavam a Libras apenas à gestualidade ou à mímica, reproduzindo discursos historicamente difundidos pela perspectiva ouvintista. Entretanto, ao longo das atividades, os participantes

passaram a reconhecer a Libras como uma língua estruturada, dotada de regras gramaticais próprias e fundamentais para a comunicação da comunidade surda.

Esse aspecto dialoga com os estudos de Goldfeld (2002), ao afirmar que a língua de sinais constitui elemento essencial para o desenvolvimento cognitivo, social e cultural da pessoa surda, sendo instrumento de mediação das relações sociais e da construção da identidade. Além disso, a experiência possibilitou reflexões acerca da necessidade de valorização das diferenças linguísticas no ambiente escolar, contribuindo para a formação de sujeitos mais conscientes e sensíveis às questões da inclusão.

Outro aspecto relevante observado durante a prática foi o fortalecimento das interações entre os estudantes. As atividades colaborativas favoreceram o diálogo, a troca de experiências e o desenvolvimento de atitudes de cooperação, respeito e empatia. Ainda que os participantes apresentassem dificuldades iniciais na execução correta dos sinais e na memorização do alfabeto manual, tais limitações mostraram-se naturais diante do primeiro contato com a Libras.

A experiência também evidenciou que práticas pedagógicas participativas favorecem significativamente o processo de aprendizagem na EJA, modalidade marcada pela diversidade de trajetórias, vivências e experiências sociais dos estudantes. O uso de atividades visuais, práticas e contextualizadas contribuiu para maior envolvimento da turma, tornando o processo de aprendizagem mais significativo e acessível.

Além disso, a vivência possibilitou reflexões importantes sobre o papel da escola na promoção da inclusão e no combate às práticas excludentes historicamente direcionadas às pessoas surdas. Conforme discutido por Sá (2002), a valorização da cultura surda e o reconhecimento da Libras enquanto língua legítima representam importantes mecanismos de resistência às relações de poder que historicamente marginalizaram a comunidade surda.

Nessa perspectiva, o trabalho desenvolvido contribuiu para desconstruir visões estereotipadas sobre a surdez, promovendo maior compreensão acerca da identidade, cultura e direitos linguísticos das pessoas surdas. Assim, mais do que ensinar sinais básicos, a experiência possibilitou a construção de reflexões críticas sobre inclusão, acessibilidade e respeito às diferenças.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A experiência desenvolvida na Educação de Jovens e Adultos demonstrou que a inserção da Libras no ambiente escolar ultrapassa o ensino de sinais isolados, configurando-se como importante instrumento de promoção da inclusão, valorização da diversidade e formação cidadã.

Os objetivos propostos foram alcançados, uma vez que os estudantes demonstraram participação ativa, interesse pelas atividades e compreensão inicial acerca da Libras e da realidade vivenciada pela comunidade surda. As atividades práticas favoreceram a interação entre os participantes, estimularam a aprendizagem colaborativa e contribuíram para a construção de um ambiente mais acolhedor e inclusivo.

Além disso, a experiência possibilitou reflexões relevantes sobre os processos históricos de exclusão enfrentados pelas pessoas surdas e sobre a necessidade de superação de práticas ouvintistas ainda presentes na sociedade e nas instituições escolares. Ao compreender a Libras como língua legítima e elemento constitutivo da identidade surda, os estudantes passaram a reconhecer a importância do respeito às diferenças linguísticas e culturais.

O trabalho também evidenciou a relevância de metodologias dinâmicas, participativas e contextualizadas na modalidade EJA, considerando as especificidades e experiências dos sujeitos envolvidos. O uso de estratégias práticas e visuais mostrou-se fundamental para despertar o interesse dos estudantes e favorecer aprendizagens significativas.

Do ponto de vista da formação docente, a experiência contribuiu para ampliar a compreensão acerca da educação inclusiva e da necessidade de construção de práticas pedagógicas comprometidas com a acessibilidade, a equidade e o respeito à diversidade humana. Assim, compreende-se que ações pedagógicas voltadas ao ensino de Libras podem contribuir não apenas para a comunicação com pessoas surdas, mas também para a formação de sujeitos mais conscientes, críticos e comprometidos com uma sociedade inclusiva.

Por fim, destaca-se a importância de ampliar espaços de discussão e vivências relacionadas à Libras no contexto escolar, também na Educação de Jovens e Adultos, fortalecendo políticas e práticas educacionais que assegurem o direito à inclusão, à comunicação e ao reconhecimento das identidades e culturas surdas.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002.** Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras. Brasília, DF: Presidência da República, 2002. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm. Acesso em: 17 abr. 2026.

BRASIL. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005.** Regulamenta a Lei nº 10.436/2002. Brasília, DF: Presidência da República, 2005. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em: 17 abr. 2026.

CARVALHO, Vilmar Fernando; CAMPELLO, Ana Regina e Souza. A existência de quatorze (14) identidades surdas. **Revista Humanidades e Inovação**, Palmas, v. 9, n. 14, p. 139-152, 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOLDFELD, Marcia. **A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sóciointeracionista.** 7. ed. São Paulo: Plexus, 2002.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos.** Porto Alegre: Artmed, 2004.

SÁ, Nídia Regina Limeira de. **Cultura, poder e educação de surdos.** Manaus: UFAM/COMPED/INEP, 2002.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda.** Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.



4

NEM SÓ DE PALAVRAS VIVE A ESCOLA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA COM LIBRAS

Cassiane Medianeira Viera¹

Wedna Mineira de Souza²

INTRODUÇÃO

A discussão sobre educação inclusiva tem ocupado espaço cada vez maior no cenário educacional brasileiro, especialmente no que se refere à garantia do acesso, da permanência e da participação de estudantes com deficiência nos diferentes níveis de ensino. Nesse contexto, a inclusão da comunidade surda nas escolas demanda não apenas adaptações estruturais, mas também mudanças nas práticas pedagógicas e na compreensão acerca das diferenças linguísticas e culturais presentes no ambiente escolar.

A Língua Brasileira de Sinais (Libras) representa um dos principais instrumentos de inclusão da pessoa surda na sociedade, sendo reconhecida legalmente pela Lei nº 10.436/2002 como meio oficial de comunicação e expressão da comunidade surda brasileira (Brasil, 2002). Posteriormente, o Decreto nº 5.626/2005 regulamentou a referida lei, estabelecendo diretrizes

1 Acadêmica do curso de Segunda Licenciatura em Educação Especial Inclusiva (PARFOR Equidade) da Universidade Federal de Rondonópolis, graduada em Letras e Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Mato Grosso, E-mail: cassiane.viera@aluno.ufr.edu.br

2 Acadêmica do curso de Segunda Licenciatura em Educação Especial Inclusiva (PARFOR Equidade) da Universidade Federal de Rondonópolis, graduada em Matemática pela Universidade Federal do Mato Grosso, E-mail: wdnasouza@gmail.com

para a difusão da Libras no sistema educacional e na formação de profissionais da educação (Brasil, 2005).

Apesar dos avanços legais, ainda é comum encontrar no espaço escolar concepções equivocadas acerca da Libras, muitas vezes entendida apenas como um conjunto de gestos ou mímicas. Entretanto, conforme afirmam Quadros e Karnopp (2004), a Libras constitui uma língua natural, dotada de estrutura gramatical própria e elementos linguísticos específicos, sendo fundamental para a construção identitária e cultural da comunidade surda.

Nesse sentido, promover ações pedagógicas voltadas à sensibilização sobre a Libras no ambiente escolar contribui para o fortalecimento de práticas inclusivas e para o desenvolvimento de uma cultura de respeito às diferenças. Além disso, experiências que possibilitam o contato direto entre estudantes ouvintes e a língua de sinais favorecem a construção de relações mais empáticas e colaborativas.

Diante disso, o presente trabalho apresenta um relato de experiência desenvolvido a partir de uma atividade de extensão vinculada ao componente curricular *Libras: Tópicos Avançados*, do curso de segunda licenciatura em Educação Especial Inclusiva – PARFOR Equidade, sob orientação do Prof. Dr. Tulio Adriano Marques Alves Gontijo. A atividade foi realizada com estudantes do 6º, 7º e 8º anos do Ensino Fundamental – anos finais – da Escola Estadual Cívico Militar Professora Elizabeth de Freitas Magalhães, localizada no bairro Jardim Atlântico, no município de Rondonópolis – Mato Grosso. A proposta teve como objetivo promover reflexões acerca da acessibilidade e da inclusão por meio de uma oficina introdutória de Libras, articulando momentos teóricos e práticos voltados à sensibilização dos estudantes sobre a importância da comunicação inclusiva, da valorização da cultura surda e do respeito à diversidade linguística no ambiente escolar.

A relevância deste estudo está relacionada à necessidade de fortalecer práticas pedagógicas que valorizem a diversidade linguística no espaço escolar e contribuam para a formação de sujeitos mais conscientes sobre a importância da inclusão social. Além disso, o relato busca evidenciar como ações extensionistas podem aproximar os estudantes da realidade da comunidade surda de maneira significativa e participativa.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A educação inclusiva se fundamenta no princípio de que todos os indivíduos possuem direito à aprendizagem e à participação plena no ambiente escolar, independentemente de suas diferenças físicas, sociais, culturais ou linguísticas. Nesse contexto, a inclusão da pessoa surda exige o reconhecimento da Libras como elemento essencial para a garantia da acessibilidade comunicacional e da participação efetiva no processo educativo.

Historicamente, a surdez foi compreendida sob uma perspectiva predominantemente clínica, centrada na deficiência e na tentativa de normalização do indivíduo surdo. Contudo, estudos mais recentes passaram a compreender a surdez também como uma experiência cultural e linguística. Para Skliar (1998), a comunidade surda possui identidade própria, construída por meio de experiências visuais, culturais e linguísticas compartilhadas.

A Libras desempenha papel fundamental nesse processo identitário, uma vez que representa a principal forma de comunicação da comunidade surda brasileira. Segundo Quadros e Karnopp (2004), as línguas de sinais possuem estrutura linguística completa, com níveis fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos próprios, o que reforça sua legitimidade enquanto língua natural.

O reconhecimento legal da Libras ocorreu por meio da Lei nº 10.436/2002, considerada um marco histórico para a co-

munidade surda no Brasil. A legislação estabelece que a Libras constitui meio legal de comunicação e expressão, assegurando sua utilização em diferentes espaços sociais (Brasil, 2002). Complementando esse avanço, o Decreto nº 5.626/2005 determinou a inclusão da Libras nos cursos de formação de professores e estabeleceu medidas voltadas à acessibilidade educacional das pessoas surdas (Brasil, 2005).

No ambiente escolar, o ensino introdutório da Libras pode contribuir significativamente para a construção de práticas inclusivas e para a redução de preconceitos relacionados à surdez. Ao possibilitar que estudantes ouvintes tenham contato com a língua de sinais, amplia-se a compreensão acerca das múltiplas formas de comunicação existentes na sociedade.

Freire (1996) defende que a educação deve estar fundamentada no diálogo, na valorização do sujeito e na construção coletiva do conhecimento. Sob essa perspectiva, ações pedagógicas que promovam experiências inclusivas se tornam fundamentais para o desenvolvimento de uma educação democrática e socialmente comprometida.

Além disso, Vygotsky (1998) destaca a importância das interações sociais no processo de aprendizagem, afirmando que o conhecimento é construído coletivamente por meio das relações estabelecidas entre os sujeitos. Dessa forma, práticas colaborativas envolvendo estudantes ouvintes e pessoas com experiência no uso da Libras favorecem aprendizagens mais significativas.

Outro aspecto relevante se refere à avaliação no contexto das práticas inclusivas: Luckesi (2011) afirma que a avaliação deve ser compreendida como parte integrante do processo educativo, priorizando o acompanhamento contínuo da aprendizagem em vez da simples verificação de resultados. Assim, avaliações processuais e observacionais mostram-se adequadas em atividades que envolvem interação, participação e construção coletiva do conhecimento.

Desse modo, a inserção de oficinas de Libras no ambiente escolar não se limita ao ensino de sinais básicos, mas contribui para a promoção da empatia, da acessibilidade e do respeito às diferenças para construção de espaços educativos mais inclusivos.

METODOLOGIA

O presente trabalho se constitui como um relato de experiência de cunho qualitativo e aplicado, estruturado a partir de uma ação extensionista direcionada à sensibilização sobre a Libras no contexto escolar. Optou-se pela abordagem qualitativa justamente pelo interesse em apreender as interações, percepções e vivências dos estudantes ao longo da oficina. Desse modo, buscou-se compreender os significados que emergiram diretamente das práticas propostas e dos debates suscitados no decorrer das atividades.

A escolha da escola para a execução da proposta decorreu da atuação profissional de uma das acadêmicas na própria instituição, onde acompanha de perto uma estudante surda matriculada em sua turma de regência. Essa convivência diária no chão da escola permitiu mapear não apenas as barreiras comunicacionais que desafiam os alunos surdos, mas também os entraves na convivência social, no engajamento pedagógico e no próprio alcance das políticas de inclusão. Foram essas vivências práticas que sinalizaram a urgência de expandir o debate sobre acessibilidade e bilinguismo no ambiente educativo.

Embora a escola já desenvolva esforços inclusivos, nota-se que tais ações tendem a ficar confinadas ao espaço da sala de aula, sem reverberar de forma ampla nos demais setores ou no restante da comunidade escolar. Diante disso, a oficina funcionou como uma ponte para aproximar os alunos ouvintes da Libras. Por meio de dinâmicas teóricas e práticas, a intervenção estimulou o reconhecimento da cultura surda e instigou a construção

de um cotidiano escolar que seja, de fato, acessível, integrador e acolhedor para todos.

Conforme Minayo (2001), a pesquisa qualitativa busca compreender os fenômenos sociais a partir dos significados construídos pelos sujeitos em suas relações e experiências cotidianas. Nesse sentido, o estudo priorizou a observação do envolvimento dos participantes e das contribuições da atividade para a promoção da inclusão no contexto escolar.

A atividade foi realizada na Escola Estadual Cívico Militar Professora Elizabeth de Freitas Magalhães, envolvendo três turmas do Ensino Fundamental sendo uma turma de 6º ano, uma de 7º e uma de 8º ano no período vespertino. Participaram da oficina estudantes ouvintes, sendo a atividade desenvolvida por estas acadêmicas em parceria com a professora regente das turmas, contando ainda com a colaboração de uma estudante bilíngue, filha de pais surdos, que atuou diretamente nas atividades práticas em Libras. A introdução de sinais caseiros por parte da estudante enriqueceu os debates, oportunizando reflexões profundas sobre as nuances da comunicação familiar e a estrutura da língua de sinais no cotidiano.

O desenvolvimento da oficina ocorreu em etapas organizadas de maneira articulada entre teoria e prática. No primeiro momento, focamos na organização das tarefas e na criação de abordagens para engajar e motivar os alunos a participarem ativamente. Dentro dessa proposta, a escola desenvolveu murais temáticos em celebração ao Dia Nacional da Libras. A iniciativa buscou dar visibilidade à Língua Brasileira de Sinais, reforçando o papel da inclusão e de uma comunicação sem barreiras no cotidiano escolar.

A confecção dos painéis envolveu a articulação de recursos visuais, símbolos e mensagens que ressignificaram o ambiente escolar. Essa intervenção estética e pedagógica despertou a curiosidade dos estudantes, convertendo o espaço comum em um território mais receptivo e integrado à proposta de inclusão.

Figura 1. Murais em celebração ao Dia Nacional da Libras



Fonte: Acervo pessoal das autoras.

A oficina teve início com uma dinâmica de comunicação não verbal, conduzida pelas acadêmicas e professora regente das turmas. Durante essa atividade, todas utilizaram exclusivamente gestos e expressões faciais para interagir com os estudantes, sem recorrer à oralidade. Essa quebra na rotina da sala de aula gerou um estranhamento inicial positivo, forçando os participantes a buscarem novas formas de atenção visual. Com o passar dos minutos, a turma começou a decodificar as mensagens, percebendo que a conexão ia muito além das palavras oralizadas. O objetivo dessa etapa foi estimular reflexões sobre as diferentes possibilidades de comunicação humana e provocar nos estudantes a percepção das barreiras enfrentadas por pessoas surdas em ambientes não acessíveis.

Na sequência, a atividade avançou para uma etapa teórico-prática sobre a Libras, com foco em seu respaldo por lei, na organização estrutural e impacto real para a inclusão social dos surdos. Ao longo da dinâmica, desmistificou-se a ideia de que a Libras seria apenas mímica ou um conjunto de gestos soltos, reforçando que ela conta com gramática própria e complexa. Para além da teoria, o momento contou com demonstrações práticas de sinais e dinâmicas interativas, o que levou os discentes a refletirem sobre acessibilidade, empatia com as diferenças e a importância da convivência escolar de fato inclusiva.

Figura 2. Apresentação da estudante bilíngue para turma 7º ano



Fonte: Acervo pessoal das autoras.

Na etapa seguinte, o foco mudou para a oficina de datilologia, momento em que os alunos puderam conhecer o alfabeto manual e foram desafiados a soletrar o próprio nome. A projeção do alfabeto em Libras na TV serviu para ilustrar as configurações manuais específicas de cada letra permitindo que a turma acompanhasse a cadência das atividades com maior segurança, mitigando receios de participação. A experiência prática promoveu aproximação com a língua de sinais impulsionando o engajamento coletivo, o espírito colaborativo e o interesse dos discentes pelas etapas subseqüentes da programação.

Figura 3. Atividade prática de datilologia na turma do 6º ano



Fonte: Acervo pessoal das autoras.

Para além da datilologia, a oficina abordou a apresentação de sinais vinculados às disciplinas escolares e a situações marcantes do cotidiano dos estudantes, o que conferiu um caráter significativo e contextualizado à aprendizagem. Ao praticarem o léxico associado aos diferentes componentes curriculares, os discentes ampliaram o repertório em Libras, fator que estimulou canais de comunicação mais inclusivos dentro da escola. Essa etapa ganhou ainda mais interação com a participação da estudante bilíngue; ao interagir diretamente com a turma em parceria com a acadêmica responsável pela ação, mediou a socialização dos sinais a partir de sua própria vivência particular. Esse dinamismo não apenas despertou o interesse ativo do grupo, mas também fortaleceu posicionamentos de respeito, empatia e valorização da diversidade linguística no ambiente escolar.

Figura 4. Uma das acadêmicas e a estudante bilíngue na turma 7º ano



Fonte: Acervo pessoal das autoras.

Em seguida, foram ensinados sinais básicos voltados a cumprimentos e interações cotidianas, como “oi”, “bom dia” e “tudo bem”, bem como a construção de um pequeno diálogo introdutório contendo expressões como “qual é o seu nome?” e “meu nome é...”. Após a demonstração dos sinais, os estudantes participaram de simulações em duplas, utilizando exclusivamente a Libras durante as interações, o que contribuiu para o desenvolvimento da comunicação visual e para a fixação prática dos conteúdos trabalhados.

Como forma de sistematização e consolidação dos conhecimentos construídos ao longo da oficina, os participantes realizaram a construção coletiva de um painel pedagógico em Libras, reunindo registros visuais, palavras e representações do alfabeto manual trabalhados durante as atividades. A proposta possibilitou que os estudantes revissem os sinais aprendidos de maneira dinâmica, colaborativa e significativa, fortalecendo a associação entre os elementos visuais e a comunicação em Libras. Durante a atividade, os alunos participaram ativamente da organização e montagem do material, compartilhando conhecimentos e interagindo entre si, o que favoreceu o trabalho em equipe, a socialização e o envolvimento coletivo. Além de contribuir para a fixação dos conteúdos, a construção do painel tornou o processo de aprendizagem mais lúdico, participativo e inclusivo, despertando maior interesse pela Língua Brasileira de Sinais e pela valorização da acessibilidade no ambiente escolar.

Figura 5. Montagem de painel pedagógico em Libras com a turma do 8º ano



Fonte: Acervo pessoal das autoras.

O processo avaliativo foi conduzido de maneira processual e diagnóstica ao longo de toda a dinâmica, priorizando a observação direta do comportamento e da evolução dos alunos. Mais do que quantificar acertos, a análise focou em mapear o nível de engajamento prático de cada estudante, a precisão na execução dos movimentos manuais e, principalmente, a capacidade de

integrar as expressões faciais — elemento essencial para a comunicação em Libras e que costuma ser o maior desafio inicial dos ouvintes.

Além disso, o monitoramento das conversas espontâneas e da troca de experiências entre as duplas funcionou como um termômetro valioso. Essa convivência em sala permitiu perceber como o grupo assimilou a importância da acessibilidade na prática, gerando debates genuínos sobre o respeito à diversidade linguística e o acolhimento aos colegas com deficiência auditiva no cotidiano da escola.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados observados durante o desenvolvimento da oficina evidenciaram significativa participação e envolvimento dos estudantes em todas as etapas da atividade. Desde o momento inicial da dinâmica de comunicação não verbal, os alunos demonstraram curiosidade e interesse em compreender como a interação poderia ocorrer sem o uso da oralidade.

A presença da estudante bilíngue constituiu um dos principais fatores para o êxito da ação extensionista. Sua participação aproximou os estudantes da realidade da comunidade surda de maneira espontânea, tornando as atividades mais significativas e promovendo um ambiente de troca de conhecimentos e experiências.

Durante a oficina de alfabeto manual evidenciamos a empolgação dos estudantes, principalmente quando a turma começou a tentar soletrar os próprios nomes. A dinâmica atizou a curiosidade de todos, gerando um vaivém de interações na sala: os estudantes se ajudavam mutuamente, corrigiam os movimentos uns dos outros e testavam os sinais em dupla. Essa troca constante e a repetição dos gestos ajudaram não só na memorização e na coordenação motora, mas também quebraram a monotonia das aulas tradicionais, deixando o aprendizado mais vivo. No fim

das contas, a atividade acabou unindo o grupo, mostrando, na prática, o valor de uma comunicação que acolhe a todos.

Figura 6. Uma das acadêmicas na prática com a turma do 6º ano



Fonte: Acervo pessoal das autoras.

Outro aspecto relevante se refere ao aprendizado das expressões faciais associadas aos sinais. Inicialmente, muitos estudantes se concentravam apenas nos movimentos das mãos, mas, ao longo das atividades, passaram a compreender que as expressões faciais desempenham função essencial na construção dos significados na Libras.

As simulações de situações cotidianas também apresentaram resultados positivos, pois estimularam os estudantes a utilizarem os sinais aprendidos em contextos reais de comunicação. Essa prática contribuiu para aumentar a segurança dos participantes durante as interações em Libras e fortaleceu o caráter dinâmico da oficina.

A construção do painel coletivo se revelou importante estratégia de sistematização dos conteúdos trabalhados. Além de favorecer a fixação dos sinais aprendidos, a atividade possibilitou maior participação dos estudantes e valorizou a produção coletiva do conhecimento.

Os resultados obtidos corroboram as contribuições de Vygotsky (1998), ao demonstrar que a aprendizagem ocorre de maneira mais significativa por meio das interações sociais e da colaboração entre os sujeitos. A atuação da estudante bilíngue como mediadora das atividades fortaleceu esse processo, permitindo que os estudantes estabelecessem contato direto com experiências reais relacionadas ao uso da Libras.

Além disso, as experiências desenvolvidas durante a oficina reforçam as reflexões de Freire (1996), que compreende a educação como prática fundamentada no diálogo, na participação e na valorização das diferenças. Ao promover a aproximação entre os estudantes e a Libras, a atividade contribuiu para a formação de atitudes mais empáticas e inclusivas no ambiente escolar.

A avaliação observacional permitiu identificar que a maioria dos participantes conseguiu compreender conceitos básicos relacionados à Libras e demonstrou sensibilidade em relação à importância da acessibilidade comunicacional. Ainda que a oficina tenha ocorrido em caráter introdutório, os resultados evidenciam o potencial de ações extensionistas para a promoção da inclusão e do respeito à diversidade linguística no espaço escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento da oficina de Libras constituiu uma experiência significativa para todos os envolvidos, especialmente por possibilitar reflexões sobre inclusão, acessibilidade e diversidade linguística no ambiente escolar. A atividade demonstrou que práticas pedagógicas interativas e participativas favorecem o envolvimento dos estudantes e contribuem para a construção de relações mais empáticas e colaborativas.

A inserção da Libras no cotidiano escolar se mostrou relevante não apenas como estratégia de comunicação, mas também como instrumento de sensibilização acerca das vivências da comunidade surda. O contato inicial dos estudantes com a língua de sinais permitiu ampliar a compreensão sobre as diferentes

formas de comunicação humana e reforçou a importância do respeito às diferenças.

A participação da estudante bilíngue representou um elemento fundamental para o sucesso da atividade, pois aproximou os alunos da realidade prática da Libras e fortaleceu o protagonismo estudantil dentro do processo educativo.

Os resultados observados indicam que ações extensionistas voltadas ao ensino introdutório da Libras podem contribuir significativamente para o fortalecimento de práticas inclusivas no espaço escolar, promovendo acessibilidade, diálogo e valorização da diversidade cultural e linguística.

Espera-se que este relato incentive a continuidade de iniciativas semelhantes, ampliando o debate sobre inclusão e fortalecendo a presença da Libras no ambiente educacional como componente essencial para a construção de uma educação verdadeiramente democrática e socialmente comprometida.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: Brasília, DF, 2002. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm. Acesso em: 10 abr. 2026.

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436/2002. **Diário Oficial da União**: Brasília, DF, 2005. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm#:~:text=DECRETO%20N%C2%BA%205.626%2C%20DE%2022,19%20de%20dezembro%20de%202000. Acesso em: 10 abr. 2026.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar**. 22. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de sinais brasileira**: estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SKLIAR, Carlos. **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998.

VYGOTSKY, Lev Semionovich. **A formação social da mente**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

5

PROJETO DE INTERVENÇÃO:

SINAL EM LIBRAS - INCLUSÃO E COMUNICAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Ana Paula Ribeiro Messias¹

Claucione Soares Telles²

Marcilene Regina da C. S. Mendonça³

INTRODUÇÃO

O presente trabalho surgiu a partir da proposta de intervenção entre as disciplinas de *Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica* e de *Libras: Tópicos Avançados*, pertencentes ao curso de Educação Especial e Inclusiva – Segunda Licenciatura (PARFOR Equidade), realizada com as crianças do 5º Agrupamento C, do Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) Monteiro Lobato, município de Rondonópolis MT, no qual tem a SEMECCEL como entidade mantenedora.

A proposta de intervenção se justifica pela introdução de noções básicas da Língua Brasileira de Sinais (Libras), enfatizando o reconhecimento do alfabeto datilológico e do vocabulário relacionado ao campo semântico das frutas.

1 Acadêmica do curso de Segunda Licenciatura em Educação Especial Inclusiva da Universidade Federal de Rondonópolis, graduada em Ciências Biológicas, E-mail: ana.messias@edu.mt.gov.br

2 Acadêmica do curso de Segunda Licenciatura em Educação Especial Inclusiva da Universidade Federal de Rondonópolis, graduada em Pedagogia, E-mail: claucionetelles@gmail.com

3 Acadêmica do curso de Segunda Licenciatura em Educação Especial Inclusiva da Universidade Federal de Rondonópolis, graduada em Pedagogia, E-mail: marcilenecileninha@gmail.com

A intervenção buscou promover, de forma lúdica e contextualizada, o contato inicial das crianças com a Libras, favorecendo a sensibilização para a diversidade linguística e cultural presente na sociedade.

Tivemos como objetivo contribuir para a construção de práticas inclusivas desde a Educação Infantil, compreendendo a escola como um espaço de convivência com as diferenças. Nesse contexto, Sanches (2016, p. 14) afirma que “a utilização da Libras é um caminho necessário para uma efetiva mudança nas escolas e também no que diz respeito ao atendimento dos alunos”. Tal perspectiva reforça a importância da inserção da Libras nos ambientes educacionais como instrumento de inclusão e valorização da comunidade surda. Além disso, buscou-se desconstruir concepções equivocadas que compreendem a Libras como mera mímica ou linguagem gestual sem estrutura linguística.

No contexto brasileiro, embora a comunidade surda seja numerosa e a Libras tenha sido oficialmente reconhecida pela Lei nº 10.436/2002, sua presença e valorização ainda encontram muitos obstáculos para acontecer de forma ampla na sociedade. Essa realidade preocupa, sobretudo porque a escola deve ser um espaço de acolhimento e inclusão. Mais do que evitar práticas discriminatórias, as instituições de ensino têm a responsabilidade de se organizar para garantir que todos os estudantes, independentemente de suas diferenças, tenham acesso pleno ao direito à educação assegurado pela Constituição.

A Lei nº 9.394/1996, no artigo 29, afirma que

[a] educação infantil, primeira etapa da educação básica tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até 5 (cinco) anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade (Brasil, 1996).

Essa perspectiva mostra que o desenvolvimento humano vai muito além da genética, é construído nas relações que cada pessoa estabelece com o meio social, cultural e educacional ao longo da vida. São essas vivências, interações e experiências que influenciam o crescimento e a aprendizagem de indivíduos com e sem deficiência. Nesse sentido, a construção da autonomia e da emancipação está diretamente ligada às oportunidades oferecidas e à qualidade das mediações realizadas em seu processo de desenvolvimento na educação infantil.

Conforme destaca Gesser (2009, p. 27), a língua de sinais possui todas as características linguísticas de uma língua natural humana, apresentando gramática, estrutura e organização próprias. Dessa forma, experiências pedagógicas voltadas ao ensino da Libras na Educação Infantil contribuem para a superação de preconceitos históricos e para o fortalecimento de uma educação mais inclusiva e humanizada.

METODOLOGIA

A execução da atividade prática foi fundamentada nas aulas e estudos teóricos conduzidos pelo professor da disciplina, professor Dr. Túlio Gontijo, que forneceu os subsídios metodológicos e conceituais necessários acerca do ensino de Libras no contexto educacional.

Nesse percurso, o professor Túlio teve um papel fundamental, pois serviu como ponte entre os conhecimentos teóricos e a prática vivenciada durante a intervenção. Com acompanhamento atento e apoio constante, contribuiu para o planejamento das ações e trouxe mais segurança diante dos desafios presentes na unidade de educação infantil. Sua mediação pedagógica possibilitou um planejamento e ajudou a sanar as dúvidas, possibilitando a realização da atividade de maneira mais significativa, inclusiva e coerente com os objetivos estabelecidos.

Figura 01. Foto do encontro presencial



Fonte: Arquivo Próprio das autoras.

A partir desses referenciais teóricos, o grupo elaborou um planejamento pedagógico estruturado, delimitando objetivos, estratégias metodológicas e mediações adequadas à faixa etária das crianças do 5º Agrupamento. O planejamento prévio possibilitou a articulação entre teoria e prática, favorecendo a realização da intervenção com maior segurança, intencionalidade pedagógica e coerência metodológica.

A OFICINA

A mediação pedagógica teve início com a exibição de um vídeo educativo protagonizado pelo personagem “*Patinho Surdo*”. A escolha do recurso audiovisual justificou-se pelo potencial atrativo das mídias digitais para o público infantil, bem como pela capacidade do vídeo de apresentar, de maneira acessível e lúdica, elementos relacionados à identidade surda e à comunicação em Libras.

Figura 02. Apresentação da história “O Patinho Surdo”



Fonte: Disponível em YouTube: https://www.youtube.com/watch?v=O_0Xv4v-nIg.

Figura 03. Contação da história mediada pelo uso da TV como recurso audiovisual



Fonte: Arquivo próprio das autoras.

Posteriormente, foi realizada uma roda de conversa com as crianças, proporcionando um espaço de diálogo, escuta e participação. Nesse momento, buscamos identificar as percepções das crianças sobre a narrativa apresentada, promovendo reflexões relacionadas ao respeito às diferenças, à empatia e à inclusão.

Assim as crianças foram convidadas a representar, por meio de desenhos, suas compreensões acerca da roda de conversa e da história apresentada. Essa etapa foi fundamental para materia-

lizar e validar a produção artística como forma de linguagem e compreensão do assunto.

Figuras 04. Crianças reproduziram ativamente a história



Fonte: Arquivo próprio das autoras.

Essa proposta possibilitou a valorização das múltiplas formas de expressão infantil, permitindo que as crianças externalizassem sentimentos, interpretações e experiências relacionadas ao conteúdo trabalhado, pois, ao colocar suas histórias e ideias no papel, a criança não apenas expressa aquilo que sente e imagina, mas também desenvolve a coordenação motora fina, a percepção espacial e diferentes habilidades cognitivas. Assim, o desenho se torna um registro valioso, pois permite compreender melhor como a criança percebe a si mesma, se relaciona com a cultura e dá novos significados às experiências vividas no cotidiano.

Na sequência, foi apresentado o alfabeto manual em Libras, com ênfase nas vogais e nas letras iniciais dos nomes das crianças. Utilizamos as fichas para ajudar na identificação e memorização.

Figura 05. Momento dedicado ao alfabeto manual



Fonte: Arquivo próprio das autoras.

A atividade envolveu repetição motora, observação visual e imitação das configurações de mão, permitindo às crianças o contato inicial com aspectos visuais e corporais característicos da língua de sinais. Conforme destaca Gesser (2009, p. 12), o uso do alfabeto manual envolve processos de adaptação linguística próprios das línguas em contato.

Nesse sentido, observou-se que as crianças demonstraram grande interesse em associar as letras iniciais de seus nomes às configurações manuais correspondentes, evidenciando motivação e envolvimento durante a atividade. Essa etapa da intervenção evidenciou que as crianças estabeleceram a associação direta entre a grafia de seus nomes e o alfabeto datilológico da Libras.

Figura 06. Criança reproduzindo a inicial do seu nome através do alfabeto manual em Libras.



Fonte: Arquivo próprio das autoras.

Vale ressaltar a afirmação de Gesser (2009):

Pode-se dizer também que no uso do alfabeto manual alguns elementos linguísticos são “reapropriados” pelos usuários, ou seja, há palavras que são soletradas de forma a se ajustarem às restrições da língua de sinais. Esse processo é natural em todas as línguas de contato (Gesser, 2009, p. 3).

Quando menciona a reapropriação de elementos por meio do alfabeto manual, aponta para o fato de que o uso do alfabeto técnico não é só uma cópia da escrita da língua oral. Quando as crianças começam a fazer o alfabeto manual, elas estão justamente iniciando esse processo de contato linguístico.

Posteriormente, foi aplicado um jogo pedagógico voltado ao vocabulário das frutas. O recurso didático consistia em cartões ilustrativos nos quais as crianças deveriam relacionar as imagens das frutas aos respectivos sinais em Libras. A atividade lúdica favoreceu a aprendizagem de forma dinâmica, colaborativa e significativa.

Figura 07. Jogo da memória das frutas: memorize e sinalize



Fonte: Arquivo próprio das autoras.

A ludicidade do jogo funcionou como um potente instrumento de avaliação formativa, onde as crianças consolidaram o aprendizado lexical de forma cooperativa e dinâmica.

Segundo Vygotsky (2007, p. 117), o jogo atua como uma força propulsora no desenvolvimento infantil, pois criam uma “zona de desenvolvimento proximal” onde a criança consegue atuar além do seu comportamento habitual. O jogo se torna um espaço rico de aprendizagem, no qual a criança expressa suas vivências, experimenta diferentes papéis sociais e constrói conhecimentos de maneira interativa, afetiva e significativa.

Durante a realização da atividade, observou-se uma situação relevante para a compreensão do processo de aprendizagem: uma das crianças, ao realizar o sinal referente à fruta maçã, dirigiu-se à sua mochila, retirou a fruta e repetiu o sinal aprendido. Essa ação demonstrou a compreensão da proposta trabalhada.

Figura 08. Criança relacionando a fruta ao seu sinal correspondente



Fonte: Arquivo Próprio das autoras.

A passagem do abstrato para o concreto fortalece não só a memorização dos sinais em Libras, mas também torna a aprendizagem mais próxima, significativa e afetiva para a criança. Quando ela consegue relacionar o conteúdo com situações do

seu próprio cotidiano, como identificou a fruta presentes no lanche que leva na mochila, o sinal deixa de ser apenas algo ensinado formalmente na sala de referência e passou a fazer parte da maneira como ele compreendeu e interpretou aquele momento.

Esse processo mostra como a educação bilíngue voltada para crianças surdas, ou que estão em processo de letramento visual, ganha muito mais sentido quando os conhecimentos trabalhados na escola dialogam diretamente com as experiências reais das crianças. Assim, o ambiente escolar se transforma em um espaço vivo de descobertas, interação e construção significativa da aprendizagem.

DISCUSSÃO

Durante o desenvolvimento da intervenção pedagógica, foi possível perceber que as crianças apresentavam grande interesse pelas atividades relacionadas à Libras, especialmente aquelas que envolviam ludicidade, movimento corporal e interação coletiva. Esse aspecto evidencia a importância de metodologias dinâmicas na Educação Infantil, considerando que o brincar constitui elemento essencial no processo de aprendizagem da criança.

Entretanto, também foram identificados desafios durante a mediação pedagógica. Observou-se que parte das crianças ainda não dominava completamente o alfabeto da língua portuguesa, o que dificultou inicialmente a compreensão do alfabeto datilológico em Libras. Diante dessa realidade, realizamos uma flexibilização do planejamento, priorizando as vogais e as letras iniciais dos nomes próprios das crianças. Essa adaptação revelou-se fundamental para respeitar o desenvolvimento cognitivo e linguístico da faixa etária atendida, demonstrando que práticas pedagógicas inclusivas exigem sensibilidade, observação e reorganização constante das estratégias metodológicas.

Outro aspecto relevante observado durante a intervenção foi o potencial da Libras como instrumento de promoção da inclusão e da valorização das diferenças. Ao terem contato com elementos da cultura surda, as crianças passaram a perceber a comunicação para além da oralidade, compreendendo que existem diferentes formas legítimas de expressão e interação social. Além disso, a experiência evidenciou que a inserção da Libras no cotidiano escolar contribui não apenas para o desenvolvimento linguístico, mas também para a construção de atitudes de respeito, empatia e convivência com a diversidade.

A utilização de recursos audiovisuais, jogos pedagógicos, rodas de conversa e atividades artísticas favoreceu a participação ativa das crianças, tornando o processo de aprendizagem mais significativo. Essas estratégias metodológicas mostraram-se importantes para estimular a atenção, a curiosidade e o interesse das crianças pela Libras.

Assim, compreende-se que experiências pedagógicas voltadas ao ensino da Libras na Educação Infantil representam importantes possibilidades de fortalecimento das práticas inclusivas, contribuindo para a formação de ambientes escolares mais democráticos, acessíveis e humanizados.

CONCLUSÃO

Conclui-se que a intervenção pedagógica realizada no CMEI Monteiro Lobato evidenciou a importância da inserção da Libras no contexto da Educação Infantil de forma lúdica, contextualizada e significativa. As atividades desenvolvidas possibilitaram às crianças o contato inicial com a língua de sinais, promovendo não apenas a aprendizagem de elementos básicos da Libras, mas também reflexões relacionadas à inclusão, ao respeito às diferenças e à valorização da cultura surda.

A diversidade de estratégias metodológicas utilizadas, como recursos audiovisuais, rodas de conversa, desenhos e jogos peda-

gógicos, favoreceu o engajamento das crianças e respeitou suas especificidades de aprendizagem e desenvolvimento. Além disso, a experiência permitiu compreender que práticas inclusivas exigem flexibilidade pedagógica, planejamento e sensibilidade diante das necessidades apresentadas pelas crianças ao longo do processo educativo.

A adaptação das atividades demonstrou a importância de considerar o ritmo de aprendizagem infantil na construção de práticas pedagógicas mais acessíveis e significativas.

É impossível falar do sucesso dessa oficina sem destacar o papel efetivo da professora e das estagiárias da sala de referência. Essa parceria fez toda a diferença: enquanto as atividades aconteciam, o olhar atento de cada uma delas garantiram que nenhuma criança ficasse de fora e que os ritmos de cada aluno fossem respeitados. Essa parceria cheia de afeto e dedicação não só deu vida à intervenção, mas também provou que a inclusão e o aprendizado da Libras só acontecem de verdade quando a equipe trabalha junta com propósito alinhados.

Figura 09. Registro com a professora e as estagiárias da sala de referência.



Fonte: Arquivo próprio das autoras.

Portanto, experiências como essa contribuem significativamente para a nossa formação, expandindo as reflexões acerca

da educação inclusiva e fortalecendo a inserção da Libras nos espaços escolares desde os primeiros anos da educação básica. Essa vivência prática nos mostrou que com planejamento e sensibilidade, é possível romper barreiras.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002.** Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, [2002]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm. Acesso em: 25 maio 2026.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Presidência da República, [1996]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 24. Maio. 2026.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular: Educação é a Base.** Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em https://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_20dez_site.pdf. Acesso em: 05 maio 2026.

GESSER, Audrei. **LIBRAS? Que língua é essa?** crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. Prefácio de Pedro M. I. Garcez. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 2002.

Gontijo, Tulio Adriano Marques Alves (org.). **A Surdez e a Libras no Cenário Investigativo-Científico:** Contribuições da Universidade Federal de Jataí. Cuiabá-MT: Guará Editora, 2026.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér; LANUTI, José Eduardo de Oliveira Evangelista. **A escola que queremos para todos.** Curitiba: Editora CRV, 2022.

SANCHES, S, M, L. **Um histórico de evolução da língua brasileira de sinais e sua importância na educação de surdos.** Curitiba, 2016.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda.** 4. ed. Florianópolis: UFSC, 2018.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente:** o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. Organização de Michael Cole *et al.* Trad. José Cipolla Neto, Maria da Graça Brandão Afeche e Solange Castro Wheaton. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

6

O OLHAR SENSÍVEL NA EDUCAÇÃO INFANTIL:

RELATO DE UMA OFICINA DE INTRODUÇÃO À LIBRAS COM DOCENTES EM HORA DE TRABALHO PEDAGÓGICO COLETIVO (HTPC)

Júlia Alessandra Machado de Castro¹

Maria Juciete Pereira de Sousa²

Ana Paula Werle³

INTRODUÇÃO

Para iniciarmos nosso diálogo sobre o olhar sensível para crianças com surdez na Educação Básica, na etapa da Educação Infantil, pontuamos a contribuição de Victor Di Marco na obra “Corpos que dançam: uma perspectiva sobre deficiência, arte e existência” (2020), para o autor:

Corpo é um nome e, como todo nome, possui uma história. A história que repetem sobre o corpo é que ele possui duas pernas que andam, dois braços que mexem, um tronco que sustenta uma cabeça. Dois olhos que enxergam, dois ouvidos que ouvem, uma boca que fala. Que tem etapas de desenvolvimento muito bem definidas e pautadas a partir de outros corpos que competem nessa esfera de normalidade funcional. Mas o que acontece quando nasce – e aqui eu falo de todo tipo de nascimento – um corpo que não compões essa história? (Marco, 2020, p. 14).

1 Acadêmica do curso de Segunda Licenciatura em Educação Especial Inclusiva na Universidade Federal de Rondonópolis, graduada em Pedagogia, mestre em Educação, E-mail: juliaacmachado@gmail.com

2 Acadêmica do curso de Segunda Licenciatura em Educação Especial Inclusiva na Universidade Federal de Rondonópolis, graduada em Pedagogia, especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional e Educação Especial, E-mail: mariajuciete98@gmail.com

3 Acadêmica do curso de Segunda Licenciatura em Educação Especial Inclusiva na Universidade Federal de Rondonópolis, graduada em História, mestre em Educação, E-mail: anamoerschbacher@gmail.com

Esta fala do autor nos oportuniza repensar nosso conceito de corpo e assim refletir sobre nossa concepção de deficiência, de como estar no mundo e em como olhamos as pessoas com e sem deficiência.

Neste mesmo sentido, Diniz (2007, p. 60) destaca que, ao analisarmos a história da concepção da deficiência, percebemos que “as estruturas sociais oprimem os deficientes, em especial os deficientes mais vulneráveis”. Então, ao pensarmos na inclusão de estudantes surdos ou deficientes auditivos matriculados na rede pública de educação, é necessário compreender o contexto do sujeito, do mundo que ele vive, como ele se enxerga e enxerga esse mundo e como as pessoas ao seu redor os veem.

O olhar para a deficiência deve ir além da concepção do modelo social em que “o corpo como instância da experiência de opressão foi ignorado” (Diniz, 2007, p. 73). É importante refletir sobre a interdependência da pessoa com deficiência, em que para muitos, por mais que haja eliminação das barreiras arquitetônicas e atitudinais, a forma de estar no mundo vai sempre depender do auxílio/cuidado do outro.

Nesse sentido, na área da formação docente, é importante refletir e oportunizar a desconstrução de visões clínico-terapêuticas secularmente enraizadas na educação de pessoas com deficiência. Neste relato de experiência, mais especificamente da criança surda, possibilita-se a constituição de um passo emergencial para a consolidação de uma escola verdadeiramente inclusiva.

Para isso, é importante que saibamos que historicamente, as estruturas educacionais atuam sob a influência do ouvintismo, que é compreendido como um conjunto de representações dos ouvintes a partir do qual o sujeito surdo é obrigado a olhar-se, narrar-se e agir como se fosse uma pessoa ouvinte, desconsiderando sua subjetividade. Isso promoveu a marginalização social, cultural e linguística da pessoa surda, reduzindo a surdez a uma mera patologia a ser corrigida.

A partir dessas reflexões e das discussões nas aulas da Segunda Licenciatura em Educação Especial Inclusiva e, mais precisamente, nas aulas de *Libras: Tópicos Avançados*, nas quais fomos instigadas a planejar e executar uma ação de extensão, decidimos propor uma oficina no formato de roda de conversa com professoras da educação infantil.

O objetivo principal da intervenção era de promover o conhecimento básico da Libras e sensibilizar as docentes em relação à criança surda, fomentando a necessidade do estudo contínuo da língua e o desenvolvimento de um olhar pedagógico sensível e responsivo. A proposta foi de desmistificar preconceitos e instrumentalizar as docentes para o acolhimento linguístico inicial, buscando amenizar possíveis barreiras atitudinais que podem converter a diferença em exclusão.

Para promover essa roda de conversa, foi preciso escolher o local e grupo de professoras. Como uma das integrantes do grupo faz parte da gestão escolar de um Centro Municipal de Educação Infantil e este já fez parte do estágio e extensão de todas as integrantes do grupo em outras disciplinas da Segunda Licenciatura, concluímos que seria o local ideal, uma vez que não somente nós estávamos familiarizadas com o CMEI e com as docentes, mas elas também conosco. Essa familiaridade poderia proporcionar um ambiente mais seguro para o diálogo. Dessa forma, a atividade de introdução à Libras foi proposta como uma ação preventiva, com vistas a agregar um conhecimento básico à equipe a fim de garantir uma recepção inclusiva e preparada quando a unidade receber a primeira criança surda.

E, para além, a valorização da Língua Brasileira de Sinais (Libras) representa um importante avanço nas políticas de inclusão e no reconhecimento dos direitos da comunidade surda no Brasil. Nesse contexto, a promulgação da Lei nº 10.436 de 2002 se constituiu em um marco fundamental, ao reconhecer a Libras como meio legal de comunicação e expressão das pessoas surdas.

A legislação reforça a necessidade de garantia de acessibilidade linguística nos diferentes espaços sociais, especialmente no ambiente escolar, evidenciando a importância da formação de profissionais capacitados para promover uma educação inclusiva, respeitando a cultura, a identidade e as especificidades linguísticas da comunidade surda.

Além disso, em consonância com a publicação do novo Plano Nacional de Educação (PNE 2026–2036), instituído pela Lei nº 15.388/2026, que orienta a educação brasileira por meio de 19 objetivos gerais, 73 metas e 372 estratégias organizadas em torno dos pilares de acesso, equidade e qualidade, abrangendo desde a educação infantil até a pós-graduação, emerge a necessidade de incentivar o corpo docente a reconhecer a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como um componente essencial do currículo. Essa iniciativa encontra respaldo no Objetivo 10 da referida política educacional, que estabelece como prioridade garantir o acesso, a oferta e a aprendizagem dos estudantes da educação especial e da educação bilíngue de surdos.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

CULTURA SURDA E ARTEFATOS CULTURAIS

Compreendemos que a surdez deve ser concebida sob o ponto de vista socioantropológico e não apenas como uma privação sensorial auditiva. Os estudos de Strobel (2008) trazem que a cultura surda consiste no “jeito do sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de torná-lo acessível e habitável ajustando-os com suas percepções visuais”. A partir dessa premissa, a experiência visual é ressignificada, assim, o corpo, as expressões faciais e o contato visual direto tornam-se elementos linguísticos estruturantes, e não apenas complementos dos sinais.

Segundo a autora, há oito artefatos culturais que “não são somente objetos, e sim as produções do Surdo, sua língua e os

mecanismos de adequação e revalorização conceitual destes sujeitos de forma a transformar o mundo à sua volta”.

AS PLURAIS IDENTIDADES SURDAS

A construção da identidade se dá ao longo da vida, nas relações sociais e nas experiências vividas por cada pessoa. Carvalho e Campello (2019), com base nos estudos de Gladis Perlin, mostram que existem diferentes formas de identidade surda, revelando a diversidade presente dentro da própria comunidade surda.

Entre essas identidades estão, por exemplo, as pessoas surdas que utilizam a Libras e participam ativamente da comunidade surda, mas também aquelas que fazem uso de Aparelho de Amplificação Sonora Individual (AASI), implante coclear (IC), pessoas surdas negras, surdocegas ou usuários de línguas de sinais indígenas e emergentes.

Compreender essa diversidade é muito importante para que a escola não trate todos os estudantes surdos da mesma maneira. Cada sujeito possui sua própria história, cultura e forma de se comunicar, o que exige práticas pedagógicas mais flexíveis, acolhedoras e respeitosas com as particularidades de cada estudante.

DECONSTRUÇÃO DO OUVINTISMO NA PRÁTICA PEDAGÓGICA

A inclusão escolar ainda enfrenta muitos desafios, principalmente quando a oralidade e a audição são vistas como as únicas formas legítimas de aprendizagem. No livro, “Representações Surdas na Desconstrução de Práticas Ouvintistas”, Gontijo, Barros e Marques-Santos (2021) destacam que a falta de adaptações pedagógicas e o pouco conhecimento sobre a Libras e a cultura surda acabam dificultando a participação e a aprendizagem dos estudantes surdos no ambiente escolar.

Diante disso, torna-se essencial repensar as práticas pedagógicas em que o professor assume uma postura reflexiva e acolhedora, reconhecendo as diferenças e buscando estratégias que garantam a participação de todos os alunos. Assim, a sala de aula pode se transformar em um espaço mais acessível, respeitoso e inclusivo para os estudantes surdos.

METODOLOGIA E PLANEJAMENTO DAS AÇÕES

Diretora e discente da disciplina, integrante do grupo a ofertar a proposta, conversou com as coordenadoras do CMEI Jéssica Adriana Lima Ferreira, explicando a proposta, entregou a carta de apresentação e alinhou com elas uma data para que pudessem realizar a oficina sem comprometer o ciclo de formação programada.

O percurso metodológico desta ação de intervenção foi construído a partir da relação entre teoria e prática. Antes da realização da intervenção, elaboramos um planejamento, por meio da construção de um Plano de Aula alinhado às diretrizes do programa de Formação de Professores (PARFOR Equidade/UFR).

A Unidade de Ensino escolhida para a execução da proposta foi o CMEI Jéssica Adriana Lima Ferreira, a realização da atividade aconteceu no dia 04 de maio de 2026, durante o horário de Hora de Trabalho Pedagógico Coletivo (HTPC), com duração de 2 horas. A escolha desse momento foi pensada de forma estratégica, pois possibilitou reunir todas as professoras da instituição.

Assim, este momento de formação continuada se tornou um espaço de diálogo, reflexão e de possibilidade de troca de conhecimento, pois, para além do que apresentamos no encontro, nos foi permitido verificar o que as professoras já conheciam sobre a Libras e a importância do estudo nas atividades diárias.

O plano pedagógico foi subdividido em sequências didáticas, organizadas da seguinte forma:

Acolhida e Sensibilização (20 min): Apresentação das formadoras e diálogo a partir de uma pergunta orientadora sobre inclusão e a presença/inclusão do aluno surdo na escola.

1. Introdução à Libras (20 min): Breve explanação conceitual, demonstração de sinais básicos e orientações sobre a importância das expressões faciais e corporais na comunicação.
2. Apresentação Pessoal em Libras (20 min): Ensino e prática em duplas de sinais de identificação (como “nome”, “eu”, “professor”).
3. Sinais Cronológicos (20 min): Dias da semana e meses do ano com dinâmicas de associação.
4. Cores (15 min): Prática com objetos e estímulos visuais coloridos presentes na rotina da Educação Infantil.
5. Atividade Prática Integradora (25 min): Dinâmica, com diálogos de cumprimentos e acolhimento.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DA EXPERIÊNCIA

A experiência vivenciada durante a formação realizada junto às professoras do CMEI Jéssica Adriana Lima Ferreira se constituiu em um momento significativo de troca de conhecimentos, reflexão, sensibilização e construção coletiva de aprendizagens acerca da inclusão da criança surda na Educação Infantil. Durante os diálogos e atividades propostas, foi possível repensar a ideia de que “não há mais crianças surdas na escola”, por meio da apresentação de dados, relatos e discussões que evidenciaram a importância de os profissionais da educação estarem preparados para acolher e incluir essas crianças de maneira respeitosa, humana e efetiva.

Ao questionarmos as docentes sobre como garantir o acesso e a permanência de uma criança surda na unidade escolar, bem como de que forma as aulas poderiam ser ministradas de maneira inclusiva, surgiram importantes reflexões acerca das dificuldades ainda existentes no processo de inclusão. Durante as discussões, uma professora afirmou não conhecer nenhuma criança surda matriculada na rede. Nesse momento, a discente Maria Juciete, diretora da unidade, provocou o grupo com a seguinte reflexão: “E por que será que elas não estão?”. A pergunta despertou um momento de silêncio e reflexão entre as participantes, levando-as a pensar sobre as barreiras ainda existentes para o acesso e permanência dessas crianças no ambiente escolar.

Figura 1. Exposição dialogada



Fonte: Registro das autoras.

Na sequência, a docente Julia Machado contribuiu apresentando dados relacionados à quantidade de professores bilíngues existentes na rede estadual, além de destacar a existência da sala bilíngue na Escola Estadual Major Otávio Pitaluga (EEMOP), ressaltando a importância desse espaço para a valorização da cultura surda e para o desenvolvimento educacional das pessoas surdas. Sua fala possibilitou ampliar o olhar das participantes acerca da necessidade de investimentos em formação docente e políticas públicas voltadas à educação inclusiva.

Figura 2. Exposição dialogada



Fonte: Registro das autoras.

A docente Ana Paula Werle também trouxe importantes contribuições ao compartilhar aspectos relacionados ao contexto histórico da educação de surdos e à luta da comunidade surda pelo reconhecimento da Libras como língua legítima de

comunicação e expressão. Compartilhou ainda uma experiência vivenciada em uma feira livre da cidade, quando encontrou uma artesã surda e a cumprimentou em Libras. Relatou ao grupo como foi significativo perceber a reação da senhora ao sentir-se compreendida e acolhida por meio de sua língua. Segundo a docente, a artesã perguntou se ela era professora, demonstrando surpresa e satisfação diante daquele momento de comunicação. A professora também compartilhou a reação de sua filha diante da situação, evidenciando como pequenas ações podem contribuir para o fortalecimento do respeito, da empatia e da valorização das diferenças desde a infância.

Outro relato marcante foi compartilhado por uma das professoras participantes, que mencionou que seu esposo trabalha em uma empresa que contratou uma pessoa surda, porém sem oferecer estrutura adequada de inclusão, realizando a contratação apenas para cumprir a obrigatoriedade legal referente à contratação de pessoas com deficiência. Segundo ela, diante da ausência de suporte institucional, seu esposo aprendeu Libras e passou a atuar como intérprete em momentos necessários para auxiliar o colega de trabalho. O relato possibilitou refletir sobre como a inclusão muitas vezes ainda ocorre de forma superficial, sem garantir efetivamente condições de acessibilidade, comunicação e participação.

Após os momentos de discussão e reflexão, foi proposta uma atividade prática de apresentação pessoal em Libras. Inicialmente, a docente Julia sugeriu que o grupo aprendesse o alfabeto manual. No começo, as professoras mostraram-se tímidas e inseguras, especialmente na realização da datilologia de algumas letras, porém, gradativamente, foram se envolvendo e participando com entusiasmo das atividades. O momento tornou-se leve, divertido e bastante produtivo, favorecendo a interação e despertando o interesse das participantes pela aprendizagem da Libras.

Durante a atividade, descobrimos que três das professoras já haviam tido aulas de Libras com o professor Ezer, docente responsável pela disciplina no primeiro semestre do curso de Segunda Licenciatura. Esse fato aproximou ainda mais o grupo, fortalecendo os vínculos e incentivando a troca de experiências e conhecimentos entre as participantes.

Figura 3. Momento da prática



Fonte: Registro das autoras.

Após a apresentação do alfabeto manual, iniciaram-se as apresentações pessoais e a prática de frases simples em Libras. Durante esse momento, as professoras puderam perceber que muitos sinais do alfabeto possuem uma lógica visual e motora, o que facilitou a compreensão e a memorização. Também observaram pequenas diferenças entre alguns sinais muito parecidos, como as letras “P” e “F”, “U” e “V”, percebendo que mudanças

sutis na posição dos dedos ou no movimento das mãos alteram completamente o significado do sinal. A atividade possibilitou não apenas o contato inicial com a língua, mas também o desenvolvimento da atenção, da observação e da percepção visual, elementos fundamentais no processo de comunicação em Libras.

Todas as professoras participaram da atividade de datilologia, realizando a representação do próprio nome, demonstrando envolvimento, interesse e dedicação no processo de aprendizagem da língua. Posteriormente, trabalhamos sinais básicos de cumprimento, como “bom dia”, “boa tarde”, “boa noite” e “obrigado”, além dos sinais relacionados aos dias da semana e às cores. As atividades aconteceram de forma dinâmica, participativa e interativa, favorecendo a comunicação e a cooperação entre as participantes.

Durante as práticas, também enfatizamos a importância da expressão facial na comunicação em Libras, destacando que ela constitui um elemento essencial da língua, responsável por transmitir sentimentos, intenções e sentidos durante a comunicação. As professoras puderam compreender que, além dos movimentos das mãos, as expressões faciais e corporais fazem parte da estrutura linguística da Libras, sendo fundamentais para uma comunicação clara e significativa.

Durante a dinâmica, nós, enquanto mediadoras da atividade, realizamos inicialmente os sinais em Libras e, em seguida, as professoras precisavam repeti-los, exercitando a observação, a memória visual e a coordenação motora necessária para a execução correta dos sinais. Aos poucos, as docentes foram ganhando mais segurança e espontaneidade na comunicação, interagindo umas com as outras e buscando reproduzir os sinais aprendidos.

Outro momento bastante significativo na formação foi o da percepção acerca da necessidade de formação continuada e especialização na área da educação inclusiva, especialmente considerando que, enquanto docentes, todas poderão receber crianças surdas ao longo de suas trajetórias profissionais.

A vivência demonstrou que a inclusão vai além de apenas aceitar as diferenças; ela exige conhecimento, compromisso, acessibilidade e sensibilidade para compreender a cultura e a identidade surda, reconhecendo a Libras como elemento essencial para a comunicação, interação e aprendizagem das crianças surdas. Durante as duas horas de formação, as professoras participaram ativamente, envolveram-se nas discussões e ressaltaram a importância de mais momentos de formação continuada sobre o tema. A ação possibilitou perceber como o diálogo, a escuta sensível e os processos formativos podem colaborar para a construção de um olhar mais humano, acolhedor e comprometido com as necessidades, potencialidades e direitos das crianças surdas na Educação Infantil.

Figura 4. Participantes da oficina



Fonte: Registro das autoras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A intervenção realizada no CMEI Jéssica Adriana Lima Ferreira mostrou-se um importante momento de aprendizado, reflexão e sensibilização das professoras participantes. Durante a formação, foi possível questionar a ideia de que “não há mais crianças surdas na escola”, a partir da apresentação de dados históricos e demográficos que evidenciaram a necessidade de preparação dos profissionais da Educação Infantil para acolher e incluir essas crianças de forma efetiva, respeitando suas especificidades linguísticas, culturais e sociais.

A experiência também demonstrou que promover uma educação inclusiva vai muito além de apenas reconhecer a importância da inclusão no discurso pedagógico. É necessário compreender a cultura e a identidade surda, valorizar a Libras como língua fundamental para a comunicação, interação e aprendizagem, além de garantir práticas pedagógicas acessíveis e significativas dentro do ambiente escolar. Nesse sentido, a escola possui um papel social indispensável na construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva, sendo responsável por promover o respeito às diferenças e assegurar o direito de aprendizagem a todos os estudantes.

Ao longo das duas horas de formação, as professoras participaram ativamente das dinâmicas, demonstraram interesse pelo tema e destacaram a importância de novos momentos de formação continuada voltados para a educação inclusiva e para o aprendizado da Libras. As atividades práticas permitiram que as participantes compreendessem, ainda que de forma introdutória, os desafios e as possibilidades da comunicação com pessoas surdas, despertando reflexões sobre a necessidade de preparação docente diante das demandas presentes no cotidiano escolar.

As discussões realizadas também possibilitaram refletir sobre as barreiras sociais ainda enfrentadas pelas pessoas surdas em diferentes espaços da sociedade, especialmente no acesso à educação, ao trabalho e à comunicação. Muitos ambientes ainda não oferecem condições adequadas de acessibilidade linguística, o que reforça a importância de ações educativas que promovam

conscientização, empatia e inclusão desde a Educação Infantil. Dessa forma, torna-se fundamental que a escola, por meio de políticas públicas, assuma seu compromisso com práticas inclusivas que favoreçam a participação, a interação e o desenvolvimento integral de todas as crianças.

Para nós, professoras que já atuamos na educação básica e agora em formação na Segunda Licenciatura, a ação reforçou mais uma vez, a importância da extensão universitária como ponte entre a universidade e a escola. A experiência nos permitiu perceber como momentos de diálogo, escuta e formação podem contribuir para a construção de um olhar mais humano, sensível, acolhedor e atento às necessidades e potencialidades das crianças surdas na Educação Infantil. Além disso, fortaleceu em nós a compreensão de que a formação docente deve ser contínua, comprometida com a inclusão e voltada para a transformação social, possibilitando a construção de práticas pedagógicas acessíveis.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, 25 abr. 2002. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm. Acesso em: 22 maio 2026.
- BRASIL. Lei nº 15.388, de 14 de abril de 2026. Plano Nacional de Educação (PNE). **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, 15 abr. 2026. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br>. Acesso em: 22 maio 2026.
- CARVALHO, Vilmar Fernando; CAMPELLO, Ana Regina e Souza. A existência de quatorze (14) identidades surdas. **Caderno de Textos**, 2019.
- DINIZ, Debora. **O que é deficiência**. São Paulo: Brasiliense, 2007.
- DI MARCO, Victor. **Corpos que dançam**: uma perspectiva sobre deficiência, arte e existência. Curitiba: CRV, 2020.
- GONTIJO, Túlio Adriano Alves; BARROS, Solange Maria de; MARQUES-SANTOS, Lucas Eduardo. **Representações surdas na desconstrução de práticas ouvintistas**: um estudo crítico-discursivo. 1. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2021.
- STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: EDUFSC, 2008.
- STROBEL, Karin. **Cultura, Identidades e Comunidade Surda**. Material didático / Textos de Apoio, 2009.

7

ENSINANDO O ALFABETO EM LIBRAS AOS PEQUENOS:

RELATO DE EXPERIÊNCIA

Roselene Viana Ferreira¹

Rubia Carla da Conceição²

INTRODUÇÃO

O presente relato de experiência descreve uma atividade desenvolvida na disciplina de Libras – Tópicos Avançados, ofertada pela Universidade Federal de Rondonópolis (UFR), no curso de Segunda Licenciatura em Educação Especial Inclusiva.

No dia 06 de janeiro de 2026, uma terça-feira, teve início a disciplina ministrada pelo professor Dr. Túlio Gontijo, que, de forma clara e didática, conduziu as aulas por meio de explicações e discussões relacionadas ao contexto geral dos tópicos avançados em Libras, bem como conteúdos voltados ao aprofundamento e fortalecimento dos conhecimentos já adquiridos pelos acadêmicos nos semestres anteriores.

Como proposta prática da disciplina, foi realizada uma intervenção pedagógica no CMEI Natália Junqueira B. de Azevedo, com alunos do 5º agrupamento, compostos por crianças de aproximadamente cinco anos de idade. O objetivo da atividade foi proporcionar um primeiro contato das crianças com a Língua

¹ Acadêmica do curso de Segunda Licenciatura em Educação Especial Inclusiva, graduada em Pedagogia, E-mail: roselene.viana@aluno.ufr.edu.br.

² Acadêmica do curso de Segunda Licenciatura em Educação Especial inclusiva, graduada em Letras Língua Portuguesa, E-mail: rubiaconcecao14@gmail.com.

Brasileira de Sinais (Libras), por meio do ensino do alfabeto manual e do reconhecimento das letras iniciais dos nomes dos estudantes.

Na primeira etapa da atividade foram organizadas equipes de trabalho, podendo ser compostas por grupos ou duplas, sendo esta última a modalidade escolhida pelas acadêmicas Rubia Carla da Conceição e Roselene Viana Ferreira. A escolha da unidade escolar ocorreu em razão da proximidade com a residência de uma das integrantes e pelo conhecimento prévio da realidade escolar, fator considerado relevante para facilitar o desenvolvimento das atividades propostas. Além disso, ambas as acadêmicas possuíam experiências anteriores em ambiente escolar, aspecto que contribuiu significativamente para a condução das práticas pedagógicas.

Inicialmente, a dupla teve acesso aos documentos necessários para autorização da atividade, entre eles a carta de apresentação e o termo de autorização, disponibilizados pelo professor responsável pela disciplina. A entrega da documentação na instituição foi realizada pela acadêmica Roselene Viana Ferreira, que apresentou os documentos à equipe gestora do CMEI Natália Junqueira B. de Azevedo, recebendo autorização imediata para a realização da atividade. Posteriormente, os documentos foram encaminhados ao professor responsável pela disciplina.

A escolha do público-alvo ocorreu considerando que as crianças se encontram em fase inicial do processo de alfabetização, etapa considerada propícia para o desenvolvimento de experiências que favoreçam o reconhecimento de diferentes formas de linguagem e comunicação. Dessa maneira, acreditou-se que a introdução das Libras nesse contexto contribuiria significativamente para ampliar a percepção dos estudantes acerca da diversidade linguística e cultural existente na sociedade. Ressalta-se ainda que, em respeito aos aspectos éticos relacionados à preservação da identidade dos participantes, optou-se por não utilizar imagens que permitissem a identificação dos alunos.

A Língua Brasileira de Sinais teve grande importância para a ampliação do meu conhecimento acadêmico e pessoal, pois possibilitou compreender melhor a cultura surda e a relevância da comunicação inclusiva na sociedade. Por meio do estudo da Libras, foi possível perceber que a inclusão vai além da presença do aluno surdo no ambiente escolar, envolvendo também o respeito às diferenças, à identidade e às formas de comunicação de cada indivíduo. Esse aprendizado contribuiu para o desenvolvimento de uma visão mais humana, empática e comprometida com a educação inclusiva. Além disso, o conhecimento em Libras fortaleceu minha formação profissional, principalmente na área da Educação Especial, ao proporcionar novas estratégias de interação e ensino. A aprendizagem da língua de sinais permitiu compreender a importância do professor como mediador da inclusão, favorecendo a participação e a aprendizagem dos estudantes surdos de maneira mais significativa. Dessa forma, a Libras representa não apenas uma ferramenta de comunicação, mas também um instrumento de acessibilidade, cidadania e valorização da diversidade humana. (Rúbia Carla da Conceição).

Como estudante do curso de segunda licenciatura em Educação Especial Inclusiva, a Língua Brasileira de Sinais (Libras) é um importante meio de comunicação para a comunidade surda no Brasil, representando não apenas uma forma de expressão, mas também uma cultura rica e diversificada. O reconhecimento da Libras como língua oficial, por meio da Lei nº 10.436/2002, é fundamental para garantir os direitos de acesso à educação, à informação e à inclusão social das pessoas surdas. Ao conhecer essa valorização através do curso, pude ver que, ao respeitar a Libras, estamos promovendo a igualdade de oportunidades e contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva, onde a diversidade linguística é celebrada e reconhecida. (Roselene Viana Ferreira).

METODOLOGIA

Após a definição da instituição e do público-alvo, iniciou-se o planejamento das atividades a serem desenvolvidas. Para isso, o docente responsável forneceu orientações referentes à elaboração do plano de aula, tomando como base elementos essenciais como objetivos, conteúdos, metodologia e recursos didáticos a serem utilizados durante a execução da proposta.

Figura 1. Cabeçalho do Plano de ensino criado e utilizado na aula.

I. Data: 28 de abril de 2026
II. Dados de Identificação: Instituição: CMEITI Natália Junqueira B. de Azevedo Professores (as): Roselene Viana Ferreira e Rúbia Carla da Conceição Duração de aula (aproximada): 1 hora

Fonte: Elaborado pelas autoras.

A atividade foi desenvolvida no CMEI Natália Junqueira B. de Azevedo, com uma turma do 5º agrupamento, composta por crianças de aproximadamente cinco anos de idade. A proposta teve como finalidade proporcionar aos alunos um primeiro contato com a Língua Brasileira de Sinais (Libras), demonstrando que, além da língua portuguesa, existem outras formas de comunicação igualmente importantes para a interação e inclusão social.

A metodologia utilizada se baseou em atividades lúdicas e interativas, adequadas à faixa etária dos alunos. Inicialmente, foi realizada uma conversa sobre as diferentes formas de comunicação, seguida da apresentação do alfabeto manual em Libras. Posteriormente, foi aplicada a dinâmica “Palhaço Careca”, na qual as crianças identificavam a letra inicial de seus nomes e relacionavam ao sinal correspondente em Libras.

Durante a aplicação da atividade, inicialmente foi realizada a apresentação do alfabeto manual em Libras, permitindo que as crianças observassem e conhecessem os sinais correspon-

dentes a cada letra. Em um segundo momento, foi desenvolvida a dinâmica denominada “Palhaço Careca”, na qual os alunos deveriam identificar a letra inicial do próprio nome em Libras e posicioná-la na cabeça do personagem, formando seus cabelos. A atividade teve como objetivo promover o reconhecimento das letras, estimular o desenvolvimento da percepção visual e motora, além de despertar o interesse pela Libras e pela valorização das diferenças linguísticas e culturais.

Como mencionado anteriormente, a atividade foi realizada na unidade CMEI Natália Junqueira B. de Azevedo, com alunos do 5º agrupamento, por meio de uma proposta pedagógica voltada à introdução da Língua Brasileira de Sinais (Libras), com ênfase no ensino do alfabeto manual e no reconhecimento das letras iniciais dos nomes das crianças.

O processo se iniciou com uma acolhida, promovendo uma conversa sobre comunicação e as diversas formas de expressão. Em seguida, apresentou-se a Libras de maneira simples e acessível, ressaltando sua importância como língua utilizada pela comunidade surda.

Na sequência, o alfabeto manual em Libras foi apresentado, demonstrando cada letra por meio dos sinais correspondentes. As crianças foram incentivadas a observar atentamente os movimentos das mãos e a reproduzir os sinais. Para finalizar, a atividade objetivou o reconhecimento das letras iniciais dos nomes dos alunos, permitindo que cada criança identificasse sua letra inicial e aprendesse o sinal correspondente em Libras.

Essa abordagem lúdica e participativa valorizou o processo de aprendizagem, proporcionando experiências significativas e promovendo um ambiente de interação e inclusão.

Figura 2. Alfabeto produzido pelas alunas para utilizar na aula.



Fonte: Registro das autoras.

A experiência foi vivenciada de forma dinâmica, utilizando recursos visuais, interação oral, participação coletiva e atividades práticas que favoreceram o envolvimento das crianças. Durante a aplicação da atividade, observou-se grande interesse dos alunos, evidenciado pela curiosidade em aprender os sinais, pela participação ativa nas interações e pelo entusiasmo em identificar a própria letra e a dos colegas.

Participaram dessa experiência os acadêmicos responsáveis pela intervenção, a professora regente da turma e os alunos do 5º agrupamento do CMEI. A participação conjunta contribuiu para a criação de um ambiente acolhedor e colaborativo, fortalecendo a construção do conhecimento.

Como resultado, verificou-se que a atividade contribuiu para o desenvolvimento do reconhecimento das letras do alfabeto, da identidade pessoal por meio do próprio nome e do contato inicial com a Libras, além de promover valores relacionados ao respeito às diferenças e à inclusão. As crianças demonstraram interesse e conseguiram identificar as letras de seus nomes através do alfabeto em Libras.

Entre as facilidades observadas, destaca-se o caráter lúdico da atividade, que favoreceu a atenção e a participação das crianças. Como dificuldades, percebeu-se que alguns alunos apresentaram desafios na coordenação motora para reproduzir determinados sinais e na memorização de algumas letras do alfabeto manual, algo esperado devido à faixa etária.

Figura 3. Participação dos alunos reconhecendo letras do seu nome em Libras



Fonte: Registro das autoras.

Como recomendação, sugere-se a continuidade de práticas pedagógicas envolvendo Libras na educação infantil, incorporando atividades frequentes, músicas, jogos e recursos visuais, visando ampliar o contato das crianças com a língua e fortalecer uma educação inclusiva desde os primeiros anos escolares.

Figura 4. As crianças com as letras do seu nome deixando o palhaço cabeludo



Fonte: Registro da prática de aula.

Na atividade registrada na Figura 4, os alunos do 5º agrupamento participaram de uma dinâmica lúdica e interativa, na qual cada criança colou a letra inicial do seu nome no cartaz coletivo. Esse momento objetivou estimular o reconhecimento das letras, a participação em grupo e o contato inicial com a Língua Brasileira de Sinais, promovendo a aprendizagem de forma significativa e divertida. As crianças demonstraram entusiasmo e interesse durante a atividade, interagindo com os colegas e participando ativamente da construção do material.

A experiência foi muito importante, pois possibilitou trabalhar a inclusão e o desenvolvimento da identidade das crianças por meio do reconhecimento do próprio nome e da valorização da comunicação em Libras. Além disso, a atividade favoreceu a socialização, a coordenação motora e o aprendizado coletivo, tornando o ambiente mais acolhedor e participativo. Esse momento reforçou a importância de práticas pedagógicas inclusivas desde a Educação Infantil.

DISCUSSÃO

A prática foi aplicada na CMEI, por meio de uma aula introdutória sobre a Língua Brasileira de Sinais (Libras/) para crianças do 5º agrupamento, e permitiu uma reflexão significativa acerca da relação entre teoria e prática no processo de formação docente. A vivência proporcionou a aplicação dos conhecimentos adquiridos na disciplina de Libras – Tópicos Avançados, demonstrando a relevância de práticas pedagógicas inclusivas desde a educação infantil.

Durante a formação acadêmica, foram discutidos aspectos relacionados à inclusão escolar, à comunicação acessível e à importância do reconhecimento da Libras como instrumento de interação social e educacional. A experiência permitiu compreender que o contato inicial das crianças com a língua de sinais vai além da aprendizagem de sinais específicos; trata-se também da construção de valores relacionados ao respeito às diferenças, à valorização da diversidade e ao desenvolvimento de uma consciência inclusiva desde os primeiros anos escolares.

Os resultados observados durante a atividade mostraram que as crianças apresentaram grande interesse e participação ativa ao conhecerem o alfabeto manual e ao realizarem a dinâmica relacionada à identificação da letra inicial de seus nomes. A facilidade demonstrada pelos alunos na assimilação dos sinais e no reconhecimento das letras reforça a ideia de que a infância constitui uma fase de intensa capacidade de aprendizagem e adaptação a novos conhecimentos. Nesse sentido, a utilização de recursos lúdicos mostrou-se essencial para estimular a participação e tornar o processo educativo mais significativo.

Essa observação encontra respaldo na literatura, uma vez que Antônio Carlos Xavier e Carlos Henrique Rodrigues: pesquisadores que trabalham o letramento visual e a análise de como a literatura em língua de sinais opera estruturalmente.

Os autores também apontam a importância do brincar como estratégia pedagógica para o desenvolvimento infantil. De acordo com Lev Vygotsky (2016), a aprendizagem ocorre por meio das interações sociais e da mediação realizada pelo professor, sendo o ambiente educativo um espaço fundamental para a construção do conhecimento. Sob essa perspectiva, atividades lúdicas contribuem para ampliar as possibilidades de desenvolvimento cognitivo e social da criança.

Além disso, a experiência também dialoga com as contribuições de Paulo Freire (2019), que compreende a educação como um processo de transformação social fundamentado no diálogo, na participação e no respeito às diferenças. Nesse contexto, a inserção da Libras no ambiente escolar representa uma oportunidade para promover práticas educativas mais inclusivas, fortalecendo a convivência com a diversidade e ampliando o acesso ao conhecimento.

Outro aspecto importante refere-se à legislação brasileira, especialmente à Lei nº 10.436/2002 que reconhece a Libras como meio legal de comunicação e expressão da comunidade surda. Apesar dos avanços legais, ainda existem desafios relacionados à efetiva inserção da língua de sinais nas escolas, principalmente no que diz respeito à formação docente e à ampliação de práticas inclusivas no cotidiano escolar. As lições aprendidas durante essa experiência evidenciaram que a inclusão não deve ocorrer apenas quando existe a presença de alunos com deficiência no ambiente escolar, mas precisa fazer parte da prática educativa de maneira ampla e contínua. Observou-se que, quando as crianças têm a oportunidade de conhecer diferentes formas de comunicação desde cedo, desenvolvem maior sensibilidade, respeito e compreensão em relação às diferenças existentes na sociedade.

Dessa forma, a atividade permitiu concluir que a integração entre teoria e prática é fundamental para a formação do educador, pois possibilita não apenas a aplicação dos conhecimentos adquiridos, mas também a construção de novas aprendizagens

e reflexões sobre a realidade escolar. A experiência reforçou a importância da inserção da Libras na educação infantil como instrumento de promoção da inclusão, contribuindo para a construção de uma escola mais democrática, acessível e comprometida com a valorização da diversidade humana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final da experiência desenvolvida no CMEI Natália Junqueira B. de Azevedo, foi possível verificar que os objetivos propostos foram alcançados de maneira satisfatória. A atividade teve como objetivo apresentar a Língua Brasileira de Sinais (Libras) às crianças do 5º agrupamento, por meio do ensino do alfabeto manual e do reconhecimento das letras iniciais dos nomes dos alunos, utilizando metodologias lúdicas e participativas. Durante a realização da proposta, observou-se que as crianças demonstraram interesse, curiosidade e envolvimento em todas as etapas da atividade, participando ativamente das dinâmicas apresentadas.

Os resultados obtidos permitiram identificar que os alunos conseguiram reconhecer as letras iniciais de seus nomes e estabelecer relações entre os sinais apresentados em Libras e a linguagem utilizada em seu cotidiano. Além disso, verificou-se que a utilização de atividades lúdicas favoreceu a aprendizagem e tornou o processo mais significativo para as crianças, contribuindo para o desenvolvimento da interação, da comunicação e do respeito às diferenças.

A experiência também proporcionou importantes contribuições para a formação acadêmica e profissional das discentes, uma vez que permitiu colocar em prática os conhecimentos adquiridos ao longo da disciplina de Libras – Tópicos Avançados, aproximando teoria e prática. A vivência em ambiente escolar possibilitou compreender de forma mais concreta a importância do planejamento pedagógico, da utilização de metodologias

adequadas à faixa etária dos estudantes e do desenvolvimento de práticas voltadas à inclusão.

Entre os benefícios proporcionados por essa experiência, destaca-se a ampliação do conhecimento das crianças acerca da existência de diferentes formas de comunicação, despertando desde cedo a valorização da diversidade linguística e cultural. Além disso, a atividade contribuiu para a construção de atitudes relacionadas ao respeito, à empatia e à inclusão social, aspectos fundamentais para a formação cidadã.

No que se refere às mudanças proporcionadas pela experiência, observou-se uma maior compreensão acerca da necessidade de inserir práticas inclusivas desde a educação infantil, não apenas quando há estudantes surdos no ambiente escolar, mas como parte integrante do processo educativo. A experiência também fortaleceu a percepção das acadêmicas sobre a importância da Libras como instrumento de inclusão e acessibilidade dentro das instituições de ensino.

Como recomendação, sugere-se que práticas envolvendo a Libras sejam desenvolvidas de maneira contínua nas escolas, por meio de projetos, atividades lúdicas, músicas, jogos e outras estratégias pedagógicas que favoreçam a aproximação das crianças com a língua de sinais. Recomenda-se também o incentivo à formação continuada dos professores, visando ampliar conhecimentos e fortalecer práticas educacionais inclusivas.

Por fim, conclui-se que a experiência desenvolvida foi significativa tanto para as crianças quanto para as acadêmicas envolvidas, evidenciando que a educação inclusiva deve ser compreendida como um processo permanente de construção de conhecimentos, respeito às diferenças e promoção da igualdade de oportunidades. Dessa forma, a inserção da Libras no contexto escolar desde os primeiros anos da educação básica pode contribuir para a formação de uma sociedade mais inclusiva, humana e comprometida com a diversidade.

REFERÊNCIAS

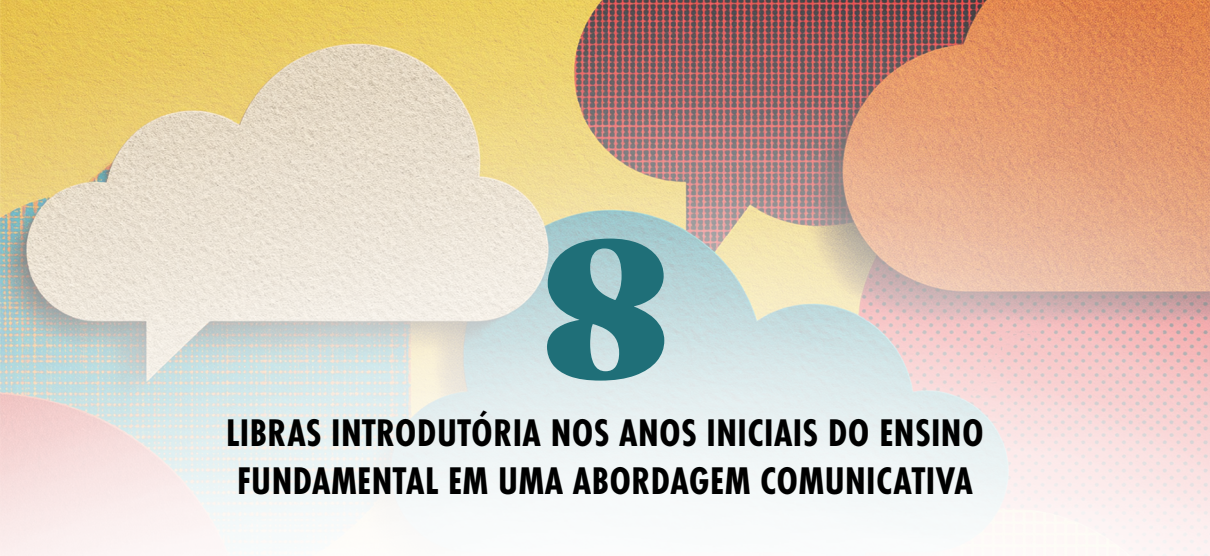
BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, 25 abr. 2002. Disponível em: [Planalto](http://planalto.gov.br). Acesso em: 17 maio 2026.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 68. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

GONTIJO, Tulio Adriano Marques Alves (org.). **A surdez e a Libras no cenário investigativo-científico**: contribuições da Universidade Federal de Jataí. Cuiabá, MT; Jataí, GO: Guará, 2026.

SILVA, Alana Cristina de Oliveira; LIMA, Angela do Nascimento. As mãos que falam: relato de experiência. In: GONTIJO, Tulio Adriano Marques Alves (org.). **A surdez e a Libras no cenário investigativo-científico**: contribuições da Universidade Federal de Jataí. Cuiabá, MT; Jataí, GO: Guará, 2026. p. 78-86.

VIGOTSKI, Lev S. **Psicologia pedagógica**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2016.



8

LIBRAS INTRODUTÓRIA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL EM UMA ABORDAGEM COMUNICATIVA

Nathália Marques da Conceição¹

Weslânia Bruno da Silva²

INTRODUÇÃO

Este relato de experiência se refere a uma oficina introdutória de Libras realizada com uma turma do 4º ano do Ensino Fundamental, em uma escola pública do município de Pedra Preta. A instituição atende estudantes dos anos iniciais do Ensino Fundamental e, embora não possua estudantes surdos matriculados, conta com Sala de Recursos Multifuncionais, espaço que também assume a função de promover ações formativas voltadas à inclusão escolar e à valorização da diversidade no ambiente educacional.

Nesse sentido, a oficina com essa temática é indispensável para uma educação numa perspectiva inclusiva, pois a Língua Brasileira de Sinais (Libras) se constitui como elemento fundamental para a comunicação, a inclusão e o desenvolvimento educacional da comunidade surda no Brasil.

Reconhecida oficialmente pela Lei nº 10.436/2002, a Libras representa não apenas um meio de comunicação, mas também

¹ Acadêmica do curso de Segunda Licenciatura em Educação Especial Inclusiva, graduada em pedagogia, E-mail: nathalia.conceicao@edu.mt.gov.br.

² Acadêmica do curso de Segunda Licenciatura em Educação Especial Inclusiva, graduada em Pedagogia, E-mail: weslania.silva@edu.mt.gov.br.

a expressão cultural e identitária das pessoas surdas. Nesse contexto, discutir a Libras no ambiente educacional se torna essencial para fortalecer práticas pedagógicas inclusivas e garantir o direito à aprendizagem de todos os estudantes.

O público-alvo dessa oficina foram os alunos nos anos iniciais do ensino fundamental, tendo sido muito receptivo, uma vez que nessa fase da vida:

as crianças estão vivendo mudanças importantes em seu processo de desenvolvimento que repercutem em suas relações consigo mesmas, com os outros e com o mundo. Como destacam as DCN, a maior desenvoltura e a maior autonomia nos movimentos e deslocamentos ampliam suas interações com o espaço; a relação com múltiplas linguagens, incluindo os usos sociais da escrita e da matemática, permite a participação no mundo letrado e a construção de novas aprendizagens, na escola e para além dela; a afirmação de sua identidade em relação ao coletivo no qual se inserem resulta em formas mais ativas de se relacionarem com esse coletivo e com as normas que regem as relações entre as pessoas dentro e fora da escola, pelo reconhecimento de suas potencialidades e pelo acolhimento e pela valorização das diferenças (Brasil, 2018, p. 58).

Assim, compreendemos que esse momento oportunizado aos estudantes não tem um objetivo apenas instrumental, mas de interação, construção de identidade e acesso à cultura surda.

Conhecer a cultura surda é criar possibilidades de sua valorização, pois, segundo Skliar (1998), a cultura surda deve ser compreendida como uma construção social, linguística e identitária, fundamentada nas experiências visuais e na valorização da língua de sinais. Deve-se considerar o Quadros (1997) afirma: a Libras possui estrutura gramatical própria, sendo uma língua completa e capaz de promover o desenvolvimento linguístico, cognitivo e social da pessoa surda. A autora destaca que o en-

sino e a valorização da Libras contribuem diretamente para a construção da identidade surda e para a efetivação da educação bilíngue no país.

Além disso, Skliar (1998) defende que a surdez deve ser compreendida sob uma perspectiva cultural e não apenas clínica, considerando as experiências visuais e a língua de sinais como elementos centrais da constituição da comunidade surda.

Nesse sentido, o presente relato de experiência busca apresentar reflexões e vivências relacionadas à Libras no contexto escolar, evidenciando a importância da comunicação acessível, da valorização da cultura surda e da construção de práticas pedagógicas inclusivas. A experiência relatada demonstra como o contato com a Libras pode contribuir para o fortalecimento das relações interpessoais, da empatia e da inclusão no ambiente educacional, promovendo uma escola mais democrática e acolhedora para todos.

A Língua Brasileira de Sinais (Libras) tem conquistado maior visibilidade nas legislações voltadas à educação inclusiva, representando um avanço significativo no reconhecimento dos direitos linguísticos das pessoas surdas. No entanto, apesar desses progressos, observa-se que sua utilização ainda se restringe, em muitos contextos, a situações consideradas indispensáveis, não sendo amplamente difundida nas salas de aula regulares. Esse cenário revela uma lacuna importante no processo de inclusão, especialmente considerando que o ambiente escolar é o principal espaço de interação entre estudantes surdos e ouvintes. Nesse sentido, embora o estudante surdo tenha assegurado o direito ao acesso à sua primeira língua, enfrenta desafios na socialização com colegas e profissionais que, em geral, não dominam a Libras, o que compromete sua efetiva comunicação e sua participação.

Nesse contexto, foi proposta uma oficina com duração de duas horas, desenvolvida de forma lúdica e interativa, abordando a importância da Língua Brasileira de Sinais (Libras), o respeito

às diferenças e a sensibilização para a inclusão. Além disso, a atividade proporcionou aos estudantes um primeiro contato prático com a Libras, por meio da apresentação do alfabeto manual e de dinâmicas comunicativas.

A oficina foi idealizada na disciplina de *Libras: Tópicos Avançados*, vinculada ao curso de Educação Especial Inclusiva, constituindo-se como uma oportunidade de articulação entre teoria e prática. A experiência possibilitou às acadêmicas vivenciarem situações concretas de ensino, evidenciando a necessidade não apenas do domínio conceitual da Libras, mas também do planejamento pedagógico, da mediação comunicativa e da preparação metodológica para atuação em contextos inclusivos. Dessa forma, a prática reforçou a compreensão de que o aprendizado relacionado à inclusão e à comunicação com sujeitos surdos exige experiências que ultrapassem o campo teórico, favorecendo processos interativos e reflexivos.

O marco teórico que fundamenta este relato está ancorado na abordagem comunicativa e na perspectiva da aprendizagem dialógica. Segundo Aubert *et al.* (2016, p. 25), a aprendizagem dialógica possui como característica central “a interação e a comunicação como fatores chave do aprendizado”, compreendendo que o conhecimento é construído coletivamente por meio das relações estabelecidas entre os sujeitos. Tal perspectiva encontra sustentação em princípios que, conforme afirmam Mello, Braga e Gabassa (2012, p. 43), “articulam-se nas formulações teóricas para permitir descrever o que, na prática, se dá como uma unidade”, reforçando a indissociabilidade entre interação, comunicação e aprendizagem.

Nessa perspectiva, a oficina buscou criar um espaço de troca e participação ativa, onde os estudantes pudessem interagir, dialogar e construir conhecimentos acerca da Libras e da inclusão escolar. Essa compreensão aproxima-se da teoria da ação dialógica proposta por Paulo Freire, para quem o diálogo constitui elemento essencial no processo educativo. Freire (2013) diferen-

cia a ação dialógica das ações antidialógicas, afirmando que a primeira promove espaços educativos democráticos, nos quais todos os sujeitos possuem voz, participam ativamente e refletem criticamente sobre a realidade. Em contrapartida, as práticas antidialógicas limitam a comunicação, silenciam os sujeitos e reforçam relações hegemônicas de poder. Assim, ao inserir os estudantes em experiências comunicativas relacionadas à Libras, a oficina procurou favorecer atitudes de escuta, respeito e valorização das diferenças humanas.

Além disso, a proposta também dialoga com as contribuições de Max Weber acerca das relações sociais. Para Weber (2009), as relações são construídas a partir das interações entre os indivíduos em determinado contexto, podendo assumir caráter afetivo ou fundamentado em interesses comuns. Nesse sentido, a oficina possibilitou a construção de relações pautadas na empatia, na cooperação e na sensibilização para a inclusão, fortalecendo práticas educativas mais humanizadas e acessíveis.

Diante disso, o presente relato tem como objetivo apresentar e refletir sobre a experiência de realização de uma oficina introdutória de Libras com estudantes do 4º ano do Ensino Fundamental, analisando de que forma práticas pedagógicas fundamentadas na aprendizagem comunicativa e dialógica podem contribuir para a promoção da inclusão, do respeito às diferenças e da construção de espaços escolares mais participativos e acolhedores.

METODOLOGIA

A presente experiência foi desenvolvida a partir de uma proposta de intervenção pedagógica estruturada em forma de oficina, cujo planejamento constituiu a etapa inicial do processo. Nesse momento, as acadêmicas responsáveis se dedicaram à elaboração de atividades que privilegiassem uma abordagem dinâmica, interativa e lúdica, considerando as especificidades do

público-alvo e a intencionalidade de promover o primeiro contato dos estudantes com a Língua Brasileira de Sinais (Libras).

Buscou-se, portanto, selecionar estratégias que favorecessem não apenas a transmissão de conteúdo, mas, sobretudo, a participação ativa dos estudantes, estimulando a curiosidade, o envolvimento e a construção significativa do conhecimento.

É importante considerar que todo o planejamento dessa oficina foi pensado numa perspectiva da racionalidade comunicativa, pois, de acordo com Habermas (2012), a racionalidade humana pode ser compreendida a partir de duas dimensões principais: a racionalidade instrumental e a racionalidade comunicativa. A racionalidade instrumental está relacionada às ações voltadas para objetivos práticos e estratégicos, tendo como foco o mundo objetivo e a obtenção de resultados. Já a racionalidade comunicativa se refere à capacidade de diálogo, argumentação e construção de entendimento entre os sujeitos por meio das relações sociais. Para o autor, embora possuam finalidades distintas, essas duas formas de racionalidade podem atuar de maneira integrada na construção de uma sociedade mais justa e equilibrada.

Nesse sentido, Habermas desenvolve a teoria da ação comunicativa defendendo que a comunicação possui potencial emancipador, sendo capaz de promover transformações sociais que a racionalidade instrumental, isoladamente, não conseguiria alcançar.

Compreende-se que apenas ensinar os sinais aos estudantes não seria possível atingir os objetivos para essa oficina, era necessário um planejamento mais significativo, o qual oportunizasse aos estudantes a prática, mas também momentos de reflexão sobre a temática da Libras em uma perspectiva da inclusão social levando em consideração a ludicidade.

Assim, o planejamento da oficina foi estruturado com os seguintes eixos:

- acolhida;
- contação de história;
- introdução expositivo-dialogada;
- prática orientada;
- prática lúdica com interação entre os pares;
- avaliação prática;
- roda de conversa.

Após a finalização do planejamento, o plano de ação foi apresentado à gestão escolar, que analisou a proposta e autorizou sua execução, garantindo, assim, o alinhamento da atividade às diretrizes institucionais. Na sequência, os estudantes foram previamente informados acerca da realização da oficina, o que contribuiu para a criação de expectativas positivas em relação à atividade.

Durante a realização da oficina, os estudantes inicialmente ouviram a história apresentada e participaram de uma exposição dialogada sobre a Língua Brasileira de Sinais (Libras), os diferentes tipos de deficiência, o conceito de deficiência auditiva e a importância da Libras no contexto escolar. Em seguida, foram orientados acerca do alfabeto manual da Libras, realizando a execução gradual de cada letra.

Nesse momento, as mediadoras da oficina acompanharam individualmente os estudantes, orientando quanto ao posicionamento adequado dos dedos e à realização correta dos movimentos, em conformidade com as normas da língua. Posteriormente, os participantes realizaram atividades práticas com o auxílio de uma música, reforçando a aprendizagem das letras do alfabeto em Libras.

Após a consolidação dessa etapa, os estudantes foram desafiados a realizar a datilologia de seus próprios nomes, aplicando os conhecimentos adquiridos. Na sequência, organizados em grupos, participaram de uma atividade em que deveriam asso-

ciar as letras do alfabeto a palavras iniciadas pela letra proposta, realizando sua sinalização em Libras de acordo com a música trabalhada.

Por fim, foi promovido um momento de diálogo e escuta, no qual os estudantes puderam compartilhar suas percepções sobre a Libras e a comunidade surda. Durante essa reflexão, demonstraram empatia ao considerar os desafios enfrentados pelas pessoas surdas em contextos nos quais não há comunicação acessível, reconhecendo a importância da Libras como instrumento de interação, inclusão e garantia do direito à comunicação.

Ademais, o ChatGPT foi utilizado na escrita deste relato de experiência como ferramenta de apoio na organização, revisão e aprimoramento do resumo, contribuindo para a adequação da linguagem ao padrão acadêmico, melhoria da coesão textual e ampliação da clareza das ideias apresentadas, sem alterar o conteúdo essencial produzido pelas autoras.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A vivência se iniciou com um momento de acolhimento e introdução ao tema, no qual as mediadoras apresentaram a Libras e promoveram um diálogo inicial sobre inclusão escolar. Observou-se, nesse momento, uma postura receptiva por parte dos estudantes, que participaram de forma ativa, compartilhando conhecimentos prévios, levantando questionamentos e estabelecendo relações com experiências vivenciadas anteriormente. Realizou-se um momento de apresentação e sensibilização acerca da Libras e da inclusão escolar, conforme demonstrado na Figura 1. Tal aspecto evidencia que a temática da inclusão já vinha sendo trabalhada no contexto escolar, o que favoreceu a ampliação das discussões propostas.

Dando continuidade, foi realizada a contação da história “O Patinho Surdo”, recurso pedagógico que possibilitou a pro-

blematização das relações interpessoais no ambiente escolar, especialmente no que se refere à inclusão e à convivência com as diferenças. Conforme Rosa e Karnopp (2011), a obra *Patinho Surdo* apresenta a valorização da identidade surda e da Libras, evidenciando a importância da língua de sinais para o pertencimento cultural e social da criança surda. Durante essa atividade, os estudantes demonstraram capacidade de reflexão ao identificar situações de exclusão presentes no cotidiano escolar, reconhecendo, inclusive, lacunas em suas próprias interações com colegas, o que evidencia o potencial formativo da proposta.

Posteriormente, foram desenvolvidas atividades práticas voltadas à aprendizagem do alfabeto em Libras, momento em que se destacou a facilidade e o entusiasmo dos estudantes na assimilação dos sinais. Tal observação reforça a compreensão de que a infância constitui uma fase especialmente propícia para a aquisição de novas linguagens, sobretudo quando mediada por práticas pedagógicas significativas e contextualizadas.

Figura 1. Momento de apresentação da oficina introdutória de Libras para estudantes do 4º ano



Fonte: Acervo das autoras (2026).

A experiência contou com a participação de estudantes do 4º ano do ensino fundamental, que se envolveram de maneira expressiva ao longo de toda a oficina.

Durante sua realização, os estudantes demonstraram participação ativa e envolvimento significativo em todas as atividades propostas. Ao longo do desenvolvimento das ações, mostraram-se atentos, interessados e motivados, realizando questionamentos constantes que evidenciaram curiosidade e desejo de ampliar seus conhecimentos acerca dos temas abordados. A narrativa apresentada despertou o interesse do grupo, que acompanhou a história com entusiasmo, interagindo de maneira espontânea e contribuindo para a construção coletiva das discussões.

Nos momentos destinados à reflexão, os estudantes revelaram capacidade de estabelecer relações entre os conteúdos trabalhados e as experiências vivenciadas em seu cotidiano. As falas apresentadas demonstraram não apenas compreensão dos conceitos discutidos, mas também a habilidade de realizar inferências, comparações e análises a partir das situações apresentadas, relacionando-as com aspectos da realidade social e escolar em que estão inseridos. Tal postura contribuiu para enriquecer os diálogos promovidos durante a oficina e possibilitou a ampliação das reflexões acerca da importância da comunicação e da inclusão.

Outro aspecto que merece destaque se refere à expressiva capacidade de memorização e às habilidades motoras apresentadas pelas crianças ao longo das atividades práticas envolvendo a Língua Brasileira de Sinais (Libras). Observou-se que os estudantes assimilaram com rapidez os sinais trabalhados, reproduzindo-os com segurança e demonstrando progressiva familiaridade com os movimentos exigidos pela língua. Em diversos momentos, foi possível perceber que o contato com a Libras ocorreu de maneira natural e prazerosa, sendo frequentemente encarado pelos participantes como uma atividade lúdica e desafiadora.

Mesmo com um número reduzido de repetições, os estudantes apresentaram avanços significativos na execução dos sinais e na identificação das letras do alfabeto manual, evidenciando o potencial que as crianças possuem para a aprendizagem de novas formas de comunicação quando inseridas em ambientes pedagógicos estimulantes e acolhedores. Esse processo demonstrou que a Libras pode ser incorporada ao cotidiano escolar de forma leve, significativa e acessível, favorecendo não apenas o desenvolvimento de habilidades comunicativas, mas também a construção de atitudes de respeito, empatia e valorização da diversidade.

Figura 2. Momento de prática do alfabeto em Libras



Fonte: Acervo das autoras (2026).

Este relato de experiência nos leva a compreender o quanto esse contato introdutório com a Libras revela a potencialidade das crianças em aprenderem e a compreenderem a cultura surda.

Escrever esse relato de experiência nos leva a refletir o quanto é necessário trabalhar essa temática de forma permanente nos currículos. A cultura surda deve fazer parte da cultura escolar. Esse momento de escrita foi uma oportunidade de evidenciar a

importância do acesso a Libras desde os primeiros anos do processo de escolarização.

Como principais resultados, destacam-se o elevado nível de engajamento dos participantes, a ampliação do interesse pela Libras e a contribuição para o fortalecimento de práticas inclusivas no ambiente escolar. No entanto, identificou-se como principal dificuldade o tempo reduzido destinado à atividade, o que limitou a possibilidade de aprofundamento dos conteúdos trabalhados.

Diante disso, recomenda-se a ampliação de iniciativas dessa natureza no contexto educacional, de modo contínuo e sistematizado, considerando que o contato precoce com a Libras pode favorecer o desenvolvimento de atitudes inclusivas, ampliar as possibilidades de comunicação entre estudantes ouvintes e surdos e contribuir significativamente para a construção de uma escola mais equitativa e sensível à diversidade.

Figura 3. Momento de escuta da história: O patinho surdo durante a oficina introdutória de Libras para estudantes do 4º ano



Fonte: Acervo das autoras (2026).

A experiência da oficina nos revelou que a introdução da Libras nos anos iniciais transcende o ensino de um código linguístico; trata-se de uma estratégia de Inclusão nas relações escolares. Ao observar o acolhimento dos alunos do 4º ano, confirmou-se a premissa de Aubert *et al.* (2016) sobre a aprendizagem dialógica. A interação não foi unidirecional, ela foi recíproca por parte dos alunos demonstrando uma construção coletiva, onde o conhecimento sobre o “outro” foi mediado pelo diálogo constante.

Figura 4. Estudantes praticando o alfabeto por meio de música para estimular a memorização dos sinais



Fonte: Acervo das autoras (2026).

A utilização da história “O Patinho Surdo” surgiu como um gatilho para a ação dialógica defendida por Freire (2013). Os alunos devem identificar situações de exclusão em seu próprio cotidiano, deixando de lado a posição de espectadores passivos para se tornarem sujeitos críticos. Essa reflexão colabora com a ideia de que a educação para a inclusão deve ser democrática: os alunos puderam “dar voz” às suas percepções, transformando o estranhamento em relação à Libras em curiosidade e empatia.

Percebemos que a oficina trouxe interação para a turma. O que antes poderia ser uma relação de indiferença frente à diversidade, passou a ser uma relação de interesse afetivo, eles demonstraram facilidade e interesse em aprender o alfabeto manual e a língua brasileira de sinais – Libras. Contudo, que vivenciamos durante a oficina, podemos dizer que a barreira da inclusão é, muitas vezes, mais atitudinal do que cognitiva.

Comparando com a literatura da área, como os estudos de Mello, Braga e Gabassa (2012), a experiência evidenciou que a “unidade” entre teoria e prática ocorre quando o planejamento pedagógico se abre ao lúdico. No entanto, a limitação de tempo observada (duas horas) reflete um desafio comum apontado por diversos autores: a inclusão não pode ser um evento isolado, mas um processo contínuo para que a proficiência e a sensibilidade se consolidem.

Nesse sentido, acreditamos que conforme defende Quadros (1997) é necessária a ampliação do ensino da Libras para ouvintes e surdos, promovendo uma educação bilíngue e inclusiva. A inclusão da Libras como disciplina no ensino regular contribui para a construção de uma escola inclusiva e bilíngue, favorecendo a comunicação entre surdos e ouvintes e promovendo o respeito à diversidade linguística e cultural dos alunos. Segundo Quadros (1997), a Libras constitui a língua natural da comunidade surda brasileira e seu ensino amplia as possibilidades de interação e aprendizagem, enquanto Karnopp e Quadros (2004) defendem a difusão da Libras no contexto escolar como forma de garantir acessibilidade e participação social.

Dessa forma, embora oficinas como essa representem importantes iniciativas para a promoção da inclusão e da difusão da Língua Brasileira de Sinais (Libras), torna-se necessário o fortalecimento de políticas públicas que regulamentem sua inserção como componente integrante do currículo escolar, visando à formação inclusiva de todos os estudantes. O ensino de Libras não deve se restringir a grupos específicos dentro do

ambiente escolar, mas constituir-se como um conhecimento acessível a toda a comunidade educativa. Para que a comunidade surda possa efetivamente participar de espaços permanentes de diálogo, interação e construção coletiva do conhecimento, faz-se necessário avançar na consolidação de uma escola bilíngue, na qual a Libras seja reconhecida e valorizada como língua de comunicação, aprendizagem e inclusão social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo principal desta experiência foi alcançado com êxito: os estudantes não apenas conheceram os fundamentos da Libras, mas foram sensibilizados para a importância da acessibilidade comunicativa. A oficina demonstrou que a abordagem comunicativa é eficaz para quebrar o paradigma de que a Libras deve ser restrita apenas aos surdos e seus intérpretes.

No corpo discente: houve o esclarecimento da língua de sinais e a redução de preconceitos, que foram substituídos pelo entusiasmo das crianças em “falar com as mãos”.

Na formação acadêmica: para nós (Weslânia e Nathalia) mediadoras, a prática validou a necessidade de um planejamento flexível que considere o saber prévio do aluno, unindo o rigor teórico da Educação Especial à leveza da mediação pedagógica com crianças.

Como recomendações, sugerimos que as escolas incorporem o ensino de Libras de forma transversal no currículo, e não apenas em ações pontuais. A inclusão efetiva em Pedra Preta e em qualquer outro município depende de transformarmos as escolas em comunidades de aprendizagem onde a língua de sinais seja vista como um patrimônio cultural disponível a todos, garantindo que, quando um estudante surdo chegar à instituição, ele encontre um ambiente onde o diálogo já esteja estabelecido.

REFERÊNCIAS

- AUBERT, Adriana *et al.* **Aprendizagem dialógica na sociedade da informação**. São Carlos: EdUFSCar, 2016.
- BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, 25 abr. 2002. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm. Acesso em: 27 maio 2026.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 54. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.
- HABERMAS, Jürgen. **Teoria do agir comunicativo**: racionalidade da ação e racionalização social. Trad. Paulo Astor Soethe. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012. v. 1.
- QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de sinais brasileira**: estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- MELLO, Roseli Rodrigues de; BRAGA, Fabiana Marini; GABASSA, Vanessa. **Comunidades de aprendizagem**: outra escola é possível. São Carlos: EdUFSCar, 2012.
- QUADROS, Ronice Müller de. **Educação de surdos**: a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artmed, 1997.
- ROSA, Fabiano Souto; KARNOPP, Lodenir Becker. **Patinho surdo**. 2. ed. Canoas: Ed. ULBRA, 2011.
- SKLIAR, Carlos. **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998.
- WEBER, Max. **Economia e sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2009.

9

CORES, LIBRAS E INCLUSÃO:

RELATO DE EXPERIÊNCIA NO ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO BILÍNGUE

Maria Dora Moraes Santos¹

Neide Rossi²

Sandra Maria Cardozo da Silva³

INTRODUÇÃO

O presente relato de experiência descreve uma vivência realizada na Escola Municipal de Educação Básica Professora Renilda Silva Moraes, durante um atendimento educacional bilíngue destinado a uma criança de seis anos de idade, matriculada no primeiro ano do ensino fundamental. A atividade foi desenvolvida em parceria com a professora surda e a professora da sala de recursos, tendo como foco o ensino das cores por meio de atividades lúdicas e musicais, além do fortalecimento da comunicação em Libras.

A experiência proporcionou momentos significativos de aprendizagem e interação, evidenciando a importância do trabalho colaborativo entre os profissionais da educação e da utilização de metodologias diferenciadas no contexto inclusivo. Além disso, possibilitou reflexões acerca da prática pedagógica

1 Acadêmica do curso de Segunda Licenciatura em Educação Especial, graduada em Pedagogia, E-mail: mdoramsantos@hotmail.com

2 Acadêmica do curso de Segunda Licenciatura em Educação Especial, graduada em Pedagogia, E-mail: neiderossi31@gmail.com

3 Acadêmica do curso de Segunda Licenciatura em Educação Especial, graduada em Pedagogia, E-mail: smcsroo@hotmail.com

bilíngue, da adaptação das atividades às necessidades da criança e da relevância da Libras no ambiente escolar.

A realização do trabalho de ação e observação da prática pedagógica no Atendimento Educacional Especializado (AEE) justifica-se pela importância de proporcionar às acadêmicas do curso de segunda graduação em Educação Especial e Inclusiva experiências práticas que articulem os conhecimentos teóricos desenvolvidos na disciplina de Libras com a realidade educacional.

A vivência no contexto escolar possibilita compreender a relevância da Língua Brasileira de Sinais (Libras) como instrumento fundamental de comunicação, interação e inclusão da pessoa surda no ambiente educacional. Além disso, a observação e a participação nas práticas pedagógicas desenvolvidas no AEE permitem reflexões sobre metodologias inclusivas, adaptações pedagógicas e estratégias de ensino voltadas às necessidades específicas dos estudantes público-alvo da educação especial.

A experiência contribui ainda para a formação profissional, favorecendo o desenvolvimento de competências relacionadas à prática docente inclusiva, ao trabalho colaborativo e à valorização das diferenças no contexto escolar.

Dessa forma, o trabalho se justifica pela necessidade de aproximar a formação acadêmica da prática educativa, fortalecendo a construção de conhecimentos acerca da educação bilíngue, da inclusão escolar e do papel da Libras no processo de ensino e aprendizagem de estudantes surdos.

Este relato teve como objetivo apresentar práticas pedagógicas bilíngues desenvolvidas no Atendimento Educacional Especializado (AEE), favorecendo a aprendizagem das cores, a comunicação em Libras e a participação do aluno em atividades educativas inclusivas.

Buscou-se, por meio de atividades lúdicas, jogos e músicas, estimular o desenvolvimento cognitivo, linguístico e social da criança surda, promovendo experiências significativas de aprendizagem no contexto escolar.

Propôs-se, ainda, incentivar a comunicação em Libras durante as interações realizadas entre a criança, a professora surda e as acadêmicas do curso de segunda graduação em Educação Especial Inclusiva, fortalecendo o processo de inclusão e a participação ativa da criança nas atividades propostas.

O trabalho buscou fomentar reflexões sobre práticas pedagógicas inclusivas e evidenciar a importância da educação bilíngue para o desenvolvimento e a aprendizagem da pessoa surda.

A educação inclusiva tem como princípio garantir a participação de todos os estudantes no processo educacional, respeitando suas diferenças e promovendo igualdade de oportunidades. No caso dos estudantes surdos, a inclusão envolve não apenas o acesso físico à escola, mas também a garantia de uma educação que considere suas especificidades linguísticas e culturais.

A Língua Brasileira de Sinais (Libras) foi reconhecida oficialmente no Brasil por meio da Lei nº 10.436/2002, sendo considerada meio legal de comunicação e expressão da comunidade surda. Posteriormente, o Decreto nº 5.626/2005 regulamentou a referida lei e estabeleceu diretrizes para a educação bilíngue, reforçando a necessidade da presença da Libras no ambiente escolar.

A educação bilíngue para surdos compreende a Libras como primeira língua e a Língua Portuguesa, na modalidade escrita, como segunda língua. Nessa perspectiva, o processo de aprendizagem deve ocorrer por meio de práticas visuais e interativas, respeitando as formas de comunicação da criança surda.

O Atendimento Educacional Especializado (AEE) assume importante função no desenvolvimento de recursos e estratégias que favoreçam a aprendizagem. O AEE não substitui o ensino

regular, mas o complementa e suplementa, oferecendo suporte às necessidades específicas dos estudantes.

O uso de atividades lúdicas no processo de ensino-aprendizagem também possui grande relevância. Jogos, brincadeiras e músicas favorecem o desenvolvimento cognitivo, estimulam a criatividade, ampliam a interação social e tornam a aprendizagem mais significativa. Para crianças surdas, os recursos visuais e concretos são ainda mais importantes, pois facilitam a compreensão e o estabelecimento de relações entre sinais, imagens e conceitos.

A interação com adultos fluentes em Libras contribui significativamente para o desenvolvimento linguístico da criança surda. Destaca-se a relevância da presença da professora surda durante o atendimento, pois representa não apenas suporte pedagógico, mas também importante elemento de identificação cultural e linguística.

METODOLOGIA

O presente relato se caracteriza como um estudo descritivo, de abordagem qualitativa, desenvolvido a partir de uma experiência vivenciada durante atendimento educacional bilíngue na Escola Municipal de Educação Básica Professora Renilda da Silva Moraes, realizado pelas acadêmicas do curso de segunda graduação em Educação Especial com objetivo de desenvolver atividades com uma criança surda atendida no AEE, tendo como acompanhamento uma professora surda. Esse trabalho contou também com a mediação da professora responsável pelo AEE da unidade escolar, com anuência da equipe gestora. A atividade teve a duração de duas horas, durante as quais foram desenvolvidas atividades lúdicas que contemplavam as cores.

O contato inicial se estabeleceu a partir da articulação entre as acadêmicas, a professora do AEE e a equipe gestora

da unidade escolar, que acolheu a proposta, disponibilizando o espaço da sala de recursos multifuncionais e o tempo necessário para a realização do atendimento, além de abrir o canal de comunicação com a professora surda da instituição.

Sob a mediação da professora responsável pelo AEE, foi possível conhecer previamente o perfil da criança atendida, seu nível de desenvolvimento e a dinâmica do espaço. O diferencial desse primeiro momento foi a interlocução com a professora surda da instituição, cuja parceria foi essencial para compreender a identidade linguística e cultural do aluno, garantindo que a abordagem respeitasse a singularidade da educação bilíngue.

O planejamento desse atendimento foi estruturado de forma colaborativa entre as acadêmicas, a professora do AEE e a professora surda, considerando o tempo delimitado de duas horas, em conformidade com o tempo de atendimento do aluno na Sala de Recursos Multifuncionais/AEE. Para otimizar essa imersão, o plano pedagógico focou o lúdico como ferramenta de engajamento e na acessibilidade visual. Definido o tema “cores”, as ações foram organizadas em uma sequência didática que previu o acolhimento, a apresentação dos estímulos visuais e táteis, e a fixação dos sinais em Libras. O planejamento buscou alinhar os objetivos de aprendizagem das acadêmicas às necessidades reais do aluno, contando com a professora surda como a principal referência linguística e mediadora durante a execução das atividades.

ORGANIZAÇÃO DO ATENDIMENTO E SUJEITOS ENVOLVIDOS

O atendimento ocorreu no período matutino, em horário de contraturno escolar do aluno, com duração aproximada de duas horas, como proposto pela professora. Participaram da intervenção o aluno, a professora surda, a professora da sala de recursos multifuncionais e as acadêmicas responsáveis pela elaboração e aplicação da proposta pedagógica. A atividade foi

desenvolvida no contexto da disciplina de Libras, vinculada ao curso de segunda graduação em Educação Especial Inclusiva da Universidade Federal de Rondonópolis, tendo como foco a utilização de recursos lúdicos no processo de ensino-aprendizagem de uma criança surda.

Ao chegarmos à instituição escolar, realizou-se, inicialmente, a apresentação das acadêmicas à professora surda, que acompanhou deu todo suporte no desenvolvimento das atividades durante o atendimento. Nesse momento, foram explicitados os objetivos da proposta pedagógica que seria desenvolvida com o aluno, enfatizando-se sua finalidade acadêmica e investigativa, bem como a relevância do trabalho para a formação docente na perspectiva da educação inclusiva. Em seguida, apresentou-se o plano de aula elaborado previamente, solicitando-se a colaboração da professora no desenvolvimento e na execução das atividades, de modo a garantir que a intervenção ocorresse de forma harmoniosa, respeitando a rotina e o bem-estar do aluno. A professora demonstrou grande receptividade e disponibilidade, exercendo um papel primordial ao longo do processo. Sua contribuição envolveu interações diretas em Língua Brasileira de Sinais (Libras), mediações pedagógicas precisas e o suporte linguístico necessário para a comunicação efetiva com a criança.

No início do atendimento, observou-se que a criança já se encontrava envolvida em uma atividade conduzida pela professora surda. Diante dessa situação, foi necessário flexibilizar o planejamento inicial, respeitando o tempo e o envolvimento da criança na atividade em andamento. Essa adaptação se mostrou importante para garantir uma abordagem mais acolhedora, respeitando as especificidades do contexto educacional e o ritmo de participação da estudante.

Figura 1. O jogo



Fonte: Acervo das autoras.

Figura 2. Ensinando os sinais dos animais



Fonte: Acervo das autoras.

A primeira atividade aplicada consistiu na utilização do jogo pedagógico “Tapa Certo”, recurso lúdico empregado com o objetivo de estimular habilidades cognitivas, motoras e sociais, além de favorecer a ampliação do vocabulário em Libras. A criança demonstrou familiaridade prévia com o jogo, participando com entusiasmo, interesse e interação constante. Durante a execução da atividade, a professora surda, com a participação de uma das acadêmicas, realizava a mediação linguística por meio do ensino

dos sinais correspondentes aos animais presentes nas cartas do jogo, promovendo a associação entre imagem, sinal e significado. Essa estratégia favoreceu o desenvolvimento da linguagem visual e da comunicação em Libras, além de contribuir para a ampliação do repertório lexical do aluno.

Figura 3. Dinâmica



Fonte: Acervo das autoras.

Entre os momentos observados durante a atividade, destacou-se o ensino do sinal referente à “coruja”. O aluno se divertiu ao observar que a acadêmica apresentava dificuldades em sinalizar. A cada demonstração realizada pela professora surda, o aluno reproduzia o sinal corretamente, demonstrando atenção, compreensão e interesse. Esse momento gerou interação espontânea entre os participantes, proporcionando um ambiente descontraído, afetivo e favorável ao aprendizado. Tal situação evidenciou a importância das práticas lúdicas associadas à Libras como recurso facilitador da aprendizagem e da socialização da criança surda.

Na sequência, foi desenvolvida a atividade proposta no planejamento das acadêmicas: uma atividade com a música infantil utilizando palitoches confeccionados em EVA, representando patinhos nas cores amarelo, azul, verde e vermelho que compõem a música “*O Patinho Colorido*”, apresentada por meio de vídeo, buscando estimular aspectos relacionados à percepção visual, à atenção, à identificação das cores e à interação com elementos musicais e imagéticos. Inicialmente, o aluno apresentou comportamento tímido e certa resistência em participar ativamente da proposta. Contudo, gradativamente, passou a demonstrar maior envolvimento com os materiais pedagógicos, interagindo de forma mais espontânea e participativa no decorrer da apresentação da atividade.

Figura 4. Contação de história



Fonte: Acervo das autoras

Figura 5. Ensinando sinais



Fonte: Acervo das autoras.

Durante o atendimento, foram realizados registros fotográficos das atividades desenvolvidas, respeitando-se os princípios éticos relacionados à preservação da identidade da criança. Os registros tiveram como finalidade documentar as práticas pedagógicas aplicadas e subsidiar análises posteriores acerca das contribuições dos recursos lúdicos no processo de ensino-aprendizagem da criança surda no contexto da educação inclusiva.

Figura 6. As autoras e a escola



Fonte: Acervo das autoras.

DISCUSSÃO

O uso de atividades lúdicas no Atendimento Educacional Especializado (AEE) para estudantes surdos vai muito além do simples ato de brincar; trata-se de criar oportunidades reais e acolhedoras de aprendizagem. Como apontam Anjos e Oliveira (2024), os jogos pedagógicos na educação inclusiva são grandes aliados no desenvolvimento social e cognitivo das crianças, pois transformam conceitos que parecem abstratos em experiências práticas, seguras e fáceis de tocar e sentir. No entanto, quando olhamos para o estudante surdo, o brincar exige do professor uma sensibilidade especial, totalmente voltada para a percepção visual.

Nessa perspectiva, Silva (2016) defende que o lúdico é indispensável na trajetória dos alunos surdos, justamente por respeitar a sua identidade, sua cultura e sua forma singular de se comunicar. A autora nos lembra que a criança surda descobre e compreende o mundo, antes de tudo, pelos olhos. Assim, ao levar para a sala um jogo de cartas que associava imagens, cores e animais aos sinais em Libras, as acadêmicas colocaram em prática o que (2016) considera essencial: o uso de estímulos visuais atraentes que servem como pontes para a descoberta de novas palavras e conceitos, garantindo que o aprendizado aconteça de forma leve, significativa e prazerosa.

Essa imersão pelo jogo ilustra bem as possibilidades discutidas por Anjos e Oliveira (2024). O recurso não foi um mero entretenimento, mas um espaço de conexão e engajamento para o aluno. A parceria e a mediação cuidadosa entre as acadêmicas, a professora do AEE e a professora surda foram fundamentais para o sucesso da atividade. Afinal, como explicam Anjos e Oliveira, o jogo, por si só, não ensina; é o olhar atento e a intenção do educador que transformam a brincadeira em conhecimento real. No caso dessa experiência, a presença da professora surda, como referência de língua e cultura, deu à criança a segurança necessária para que a associação entre a imagem, o sinal e o significado acontecessem de maneira natural e afetiva.

Por outro lado, vivenciar essa prática também trouxe à tona os desafios mapeados por Anjos e Oliveira (2024). Entre eles, a necessidade de pensar o material com um cuidado redobrado, planejando uma organização visual limpa e clara para não confundir ou cansar o olhar do aluno surdo.

O próprio tempo estimado para realizar a atividade exigiu das acadêmicas a sensibilidade de equilibrar o ritmo animado do jogo com o tempo próprio do aluno para processar e fixar o que estava aprendendo. Essa construção coletiva e afetiva entre a universidade e a escola confirma o que defendem as obras cita-

das: o lúdico na educação bilíngue é um caminho cheio de possibilidades, mas o seu sucesso depende do planejamento conjunto, do respeito profundo à identidade visual do surdo (Silva, 2016) e do compromisso com uma mediação pedagógica feita de forma consciente e humana (Anjos; Oliveira, 2024).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento das atividades no Atendimento Educacional Especializado proporcionou resultados significativos no processo de aprendizagem, interação e participação do aluno. Observou-se avanço na comunicação em Libras, no reconhecimento das cores e no envolvimento nas atividades propostas.

Inicialmente, o aluno apresentou comportamento tímido, mas passou a participar de forma mais espontânea ao longo do atendimento. Os recursos visuais, os jogos, as músicas e as brincadeiras contribuíram para sua motivação e aprendizagem.

A presença da professora surda foi essencial para o desenvolvimento das atividades, possibilitando o uso efetivo da Libras e fortalecendo a identidade linguística e cultural da criança.

A experiência evidenciou, ainda, a importância da flexibilidade no planejamento pedagógico e do trabalho colaborativo entre os profissionais envolvidos.

Conclui-se que o Atendimento Educacional Especializado constitui um espaço fundamental para o desenvolvimento de estratégias inclusivas, promovendo a participação ativa e a aprendizagem significativa da criança surda, respeitando suas especificidades linguísticas e educacionais.

Por fim, a vivência contribuiu significativamente para a formação acadêmica e profissional, promovendo reflexões sobre a prática docente inclusiva e a importância da educação bilíngue em ambientes escolares acessíveis e acolhedores.

REFERÊNCIAS

- ANJOS, Rosimeire Ribeiro dos; OLIVEIRA, Débora de Souza. A utilização de jogos pedagógicos na educação inclusiva: possibilidades e desafios. **Revista Fisioterapia & Terapia Ocupacional**, v. 29, n. 141, 2024.
- BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Resolução nº 4, de 2 de outubro de 2009. Institui Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica, modalidade Educação Especial. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 5 out. 2009. Seção 1, p. 31-32.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília, DF: MEC/SECADI, 2008.
- JESUS, Fernanda Bordini Manenti de; SANTOS NETO, José Francisco; SOUZA, Sônia Aparecida Lopes. A inclusão de estudantes surdos na escola de ensino regular: desafios e estratégias para comunicação em sala de aula. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do conhecimento**, v. 8, n. 12, 2023.
- SÃO PAULO. Secretaria Municipal de Educação. **Currículo bilíngue para surdos**. São Paulo: SME, 2017.
- SILVA, Valquíria da Conceição. **A importância do lúdico para o ensino-aprendizagem de alunos surdos**. Revista Somma. Revista Somma, Teresina, v.2, n.2, p.47-57, jul./dez. 2016.

10

CUMPRIMENTOS E APRESENTAÇÕES EM LIBRAS UMA EXPERIÊNCIA INCLUSIVA NO CONTEXTO ESCOLAR

Edinéia Ribeiro de Almeida Amâncio¹

Neide Maria Campos²

Rosimara Januário Godoy³

INTRODUÇÃO

A inclusão escolar tem se afirmado como um princípio crucial na educação atual, assegurando que todos os alunos tenham o direito de acessar, permanecer e aprender com qualidade. Nesse cenário, a Língua Brasileira de Sinais (Libras) desempenha uma função vital como meio de comunicação para a comunidade surda e como ferramenta pedagógica que pode favorecer interações mais inclusivas no ambiente escolar.

Esta experiência foi idealizada para conscientizar os estudantes sobre a relevância da diversidade cultural e linguística, além de ensinar conceitos fundamentais de comunicação em Libras. O assunto abordado foi “Cumprimentos e Apresentações”, pois envolve interações cotidianas que promovem a convivência entre as pessoas e favorecem o início da comunicação inclusiva.

1 Acadêmica do curso de Educação Especial Inclusiva da Universidade Federal de Rondonópolis, graduada em Pedagogia, E-mail: neiaufmt@gmail.com

2 Acadêmica do curso de Educação Especial Inclusiva da Universidade Federal de Rondonópolis, graduada em Pedagogia, E-mail: @gmail.comNeide.maria.campos@hotmail.com

3 Acadêmica do curso de Educação Especial Inclusiva da Universidade Federal de Rondonópolis, graduada em Pedagogia, E-mail: rosimara.g@aluno.ufr.edu.br

Ademais, pesquisadores da educação inclusiva argumentam que o contato inicial com Libras promove atitudes de respeito, empatia e valorização das diferenças. De acordo com Mantoan (2003), a inclusão escolar requer abordagens pedagógicas que incentivem a participação de todos os estudantes, considerando suas particularidades e habilidades.

Este relato de experiência apresenta uma prática pedagógica realizada com alunos do 4º ano do Ensino Fundamental, abordando o tema “Cumprimentos e Apresentações em Libras”. O objetivo da atividade foi fomentar o conhecimento básico da Língua Brasileira de Sinais, incentivar a comunicação inclusiva e conscientizar os estudantes sobre a relevância do respeito às diferenças.

A experiência foi realizada por meio de dinâmicas, apresentação de sinais básicos, atividades impressas, interpretação, em Libras, da música “*Deus Cuida de Mim*”, de Kleber Lucas, pela graduanda Rosimara, além da interação entre os participantes.

Durante a vivência, notou-se um alto nível de interesse e envolvimento dos alunos, que mostraram entusiasmo ao aprender um novo método de comunicação. Dentre as facilidades observadas, sobressaíram-se a curiosidade inerente às crianças e o aspecto recreativo das tarefas. Como desafios, identificaram-se a demanda por mais tempo para a fixação dos sinais e a expansão dos recursos visuais.

Ao final da oficina, os alunos demonstraram satisfação e interesse em continuar aprendendo Libras, questionando quando haveria novas aulas sobre o tema. Dessa forma, a experiência revelou-se significativa tanto para os estudantes quanto para as graduandas envolvidas, contribuindo para a formação acadêmica e para o fortalecimento de práticas pedagógicas inclusivas.

METODOLOGIA

Depois de determinar o local da oficina e o público-alvo, iniciou-se o planejamento das atividades a serem realizadas. Seguindo a orientação do professor Túlio Gontijo, o grupo desenvolveu um Plano de Ensino que inclui os objetivos, conteúdos, metodologias e recursos pedagógicos empregados durante a aula.

Figura 1. Cabeçalho do Plano de ensino criado e utilizado na aula



UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDONÓPOLIS

Plano de Aula

I. Data: 28/04/2026
II. Dados de Identificação: Cumprimentos e Apresentações em Libras: uma experiência inclusiva no contexto escolar. Instituição: EMEB JOÃO EVANGELISTA PORTO FERNANDES Professores (as): Edinéia Ribeiro de Almeida Amâncio, Neide Maria Campos Rosimara Januário Godoy Duração de aula (aproximada): 2 horas
III. Tema: Cumprimentos e Apresentações em Libras: uma experiência inclusiva no contexto escolar

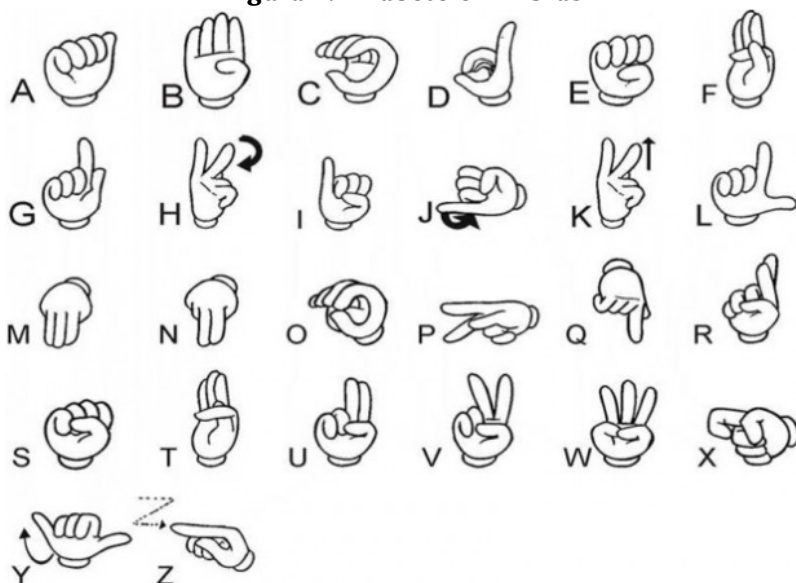
Fonte: Elaborada pelas autoras.

Ao elaborar o planejamento, procurou-se estruturar uma aula que fosse expositiva, interativa, dinâmica e apropriada para a faixa etária dos estudantes. Desde o começo, levou-se em conta a importância de equilibrar aprendizado e diversão para incentivar o interesse e o envolvimento ativo das crianças.

Nesse cenário, decidiu-se usar atividades impressas que descrevessem, de maneira compreensível, o que é a Libras e sua relevância para a inclusão social. Ademais, foram criadas atividades focadas em conscientizar os estudantes sobre a importância do respeito às diferenças e da convivência com pessoas surdas.

A oficina incluiu uma demonstração do alfabeto manual em Libras, bem como de saudações básicas usadas no dia a dia, como “oi”, “tchau”, “bom dia”, “boa tarde”, “boa noite” e “como vai?” e “vamos brincar?”. A interpretação da canção “*Deus Cuida de Mim*”, de Kleber Lucas, em Libras, também foi realizada, incentivando uma maior participação dos alunos na proposta educacional.

Figura 2. Alfabeto em Libras



Fonte: Disponível em: <https://professoruesleipaterno.wordpress.com/>

A atividade foi realizada com alunos do Ensino Fundamental e com duração de cerca de duas horas. A vivência contou com a participação de 28 crianças, entre elas dois alunos autistas, além da professora titular e de uma monitora encarregada de acompanhar o grupo.

Figura 3. Apresentação da Música



Fonte: Acervo pessoal autoras.

Inicialmente, realizou-se uma conversa introdutória sobre inclusão, comunicação e diversidade. Em seguida, foram apresentados sinais básicos de cumprimento e expressões utilizadas em apresentações pessoais, como “meu nome é”. Após as explicações, os alunos participaram de atividades práticas em duplas, simulando situações de apresentação utilizando os sinais aprendidos.

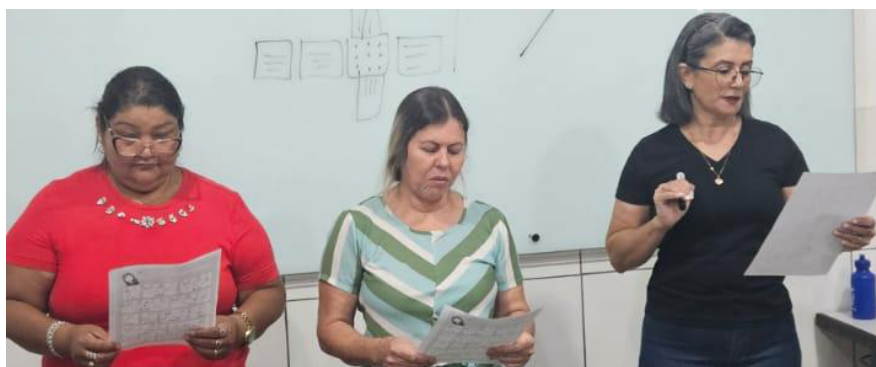
DESENVOLVIMENTO DA OFICINA

A oficina foi realizada com alunos do 4º ano do Ensino Fundamental, em uma aula com duração de cerca de duas horas. Os estudantes da turma, a professora titular e uma monitora encarregada de acompanhar os alunos participaram da atividade.

Para começar, foi realizada uma conversa introdutória sobre inclusão, diversidade e comunicação. Nesse momento, foram feitas perguntas aos estudantes, como: “Vocês sabiam que há várias maneiras de se comunicar?” “Vocês conhecem alguém

que é surdo?” e “Vocês têm conhecimento do que é Libras?”. As respostas serviram como base para o debate sobre a relevância da Libras como idioma da comunidade surda.

Figura 4. Autoras orientando sobre os cumprimentos



Fonte: Acervo pessoal autoras.

Figura 5. Cumprimentos



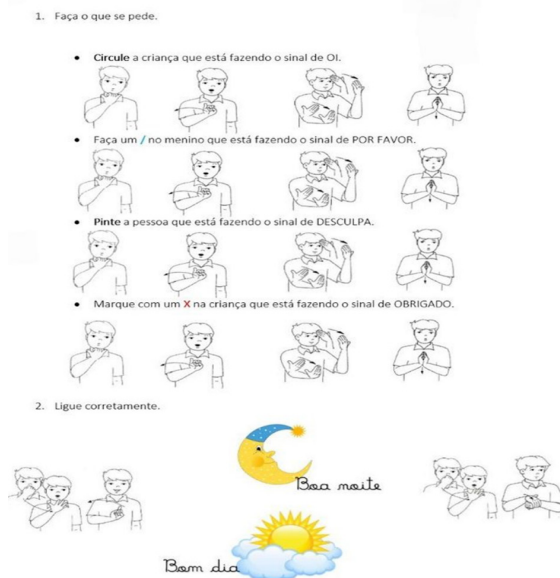
Fonte: Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/850736221/>.

Figura 6. Cumprimentos



Fonte: Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/850736221/>.

Figura 7. Atividades Impressa



Fonte: Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/850736221/>.

Figura 8. Apresentação em Libras música “Deus Cuida Mim”, autor Kleber Lucas



Fonte: Acervo pessoal autoras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A execução da oficina permitiu a implementação prática dos temas abordados durante a disciplina Libras: Tópicos Avançados, particularmente no que diz respeito ao ensino básico de Libras para alunos do Ensino Fundamental.

A experiência mostrou que, quando os conteúdos são apresentados de forma clara, dinâmica e apropriada para a idade dos alunos, as crianças conseguem se envolver ativamente nas atividades, adquirir novos conhecimentos e cultivar atitudes de respeito às diferenças.

As atividades que envolviam o alfabeto manual e os cumprimentos básicos se mostraram eficientes e alinhadas com os objetivos estabelecidos no planejamento. O uso de materiais simples e recursos visuais facilitou a compreensão dos conteúdos e incentivou a participação dos alunos.

Ademais, a oficina trouxe benefícios significativos, como o aumento do conhecimento sobre Libras, o fortalecimento da empatia e a promoção da convivência com a diversidade. A experiência demonstrou que pequenas iniciativas pedagógicas podem ter um impacto considerável na criação de uma escola mais inclusiva e receptiva.

Como sugestão, recomenda-se a continuidade das atividades relacionadas à Libras durante todo o ano letivo, expandindo gradualmente o vocabulário dos estudantes e reforçando práticas inclusivas duradouras no contexto escolar.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 2002. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm. Acesso em: 20 maio 2026.

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436/2002. **Diário Oficial da União**, Brasília, 2005. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em: 20 maio 2026.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: UFSC, 2008.

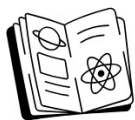
PROFESSOR Ueslei Paterno. Material de apoio em Libras. Disponível em: <https://professoruesleipaterno.wordpress.com/>. Acesso em: 20 maio 2026.

SCRIBD. Atividades impressas em Libras. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/850736221/>. Acesso em: 20 maio 2026.

DEIXE SUA MARCA, PUBLIQUE COM A GUARÁ



TESES, DISSERTAÇÕES E TCC'S
Adaptamos seu trabalho para publicação,
levando seu trabalho para mais pessoas.



CAPÍTULO DE LIVRO
Transforme seu artigo ou trabalho acadêmico
em um capítulo de livro.



EBOOKS
Publique na versão digital e tenha seu
trabalho disponível em diversos dispositivos.



@guaraeditora



64 9 9604-0121



contato@guaraeditora.com.br



guaraeditora.com.br





9 786584 310148

